



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

SANDRIELLY LAVÍNIA ANDRADE SANTOS

**ENTRE SONHOS E DESAFIOS: A PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOGADORAS DE
FUTEBOL EM SERGIPE**

**SÃO CRISTÓVÃO
2026**

SANDRIELLY LAVÍNIA ANDRADE SANTOS

ENTRE SONHOS E DESAFIOS: A PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOGADORAS DE
FUTEBOL EM SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Rios Petrarca.

SÃO CRISTÓVÃO
2026

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237e Santos, Sandrielly Lavínia Andrade
Entre sonhos e desafios: a profissionalização de jogadoras de
futebol em Sergipe / Sandrielly Lavínia Andrade Santos; orientadora
Fernanda Rios Petrarca. – São Cristóvão, SE, 2026.
122 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2026.

1. Sociologia. 2. Futebol feminino. 3. Jogadoras de futebol –
Sergipe. 4. Profissionalismo nos esportes. 5. Socialização
profissional. I. Petrarca, Fernanda Rios, orient. II. Título.

CDU 316.334.22:796.332-055.2(813.7)

SANDRIELLY LAVÍNIA ANDRADE SANTOS

ENTRE SONHOS E DESAFIOS: A PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOGADORAS DE
FUTEBOL EM SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Fernanda Rios Petrarca (orientadora)

Profª Drª. Vilma Soares de Lima Barbosa (PPGS/UFS)

Prof Dr. Fagner dos Santos Bomfim (Membro Externo)

SÃO CRISTÓVÃO
2026

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória acadêmica, percebi que o processo de estudo e aprendizado não é feito apenas racionalmente, mas também emocionalmente. Com isso, apesar de a escrita ter sido feita pessoalmente por mim, os raciocínios, a associação de saberes com a visão do campo e o engajamento para avançar na pesquisa decorrem de uma soma de pessoas que passaram por mim nesse período de mestrado e sou grata a cada um que fez parte disso.

Primeiramente, agradeço aos meus pais Sandra Virginia e José Silva por todo suporte e inspiração, vocês são e sempre serão meus maiores exemplos. Aos meus irmãos, Jan Filipe e Edu Gabriel, que por vezes me ouviam falar sobre o que eu descobri em uma tentativa de organizar os pensamentos. Nesse mesmo sentido, agradeço aos meus amigos, em nome de Ana Livia, Iasmin, Marina, Izadora, Bianca, Esther e Pablo por me ouvirem falar sobre futebol o dia inteiro e ainda pedirem mais. Ao meu namorado Yuri, por me acompanhar em mais uma fase da vida e tentar sempre me convencer de que eu conseguiria chegar até o fim desta dissertação.

À professora Dr^a. Fernanda Petrarca, por aceitar orientar esse tema diferente, apesar de contemplar a sociologia das profissões nesse processo. À banca formada pelo professor Dr. Fagner Bomfim e pela Professora Dr^a. Vilma, por lerem meu trabalho e contribuírem desde a etapa inicial e de qualificação até a defesa. Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS), pela oportunidade de realizar esta pesquisa que tanto me encantou. Ao Laboratório de Estudos Sobre Poder e Política (LEPP/UFS), que me receberam de braços abertos, especialmente a Pâmella, que me ajudou em diversos momentos. E aos meus colegas de turma, que fizeram dessa experiência muito mais legal, obrigada por me abraçarem mesmo vindo de outra área.

Deixo também um agradecimento à Fapitec, cujo apoio a esta pesquisa foi fundamental para a sua realização.

Não poderia deixar de agradecer nominalmente ao senhor Paulo Santos e ao senhor Carlos Cerqueira, que me atenderam tão bem e me ajudaram a construir um pedaço da história que não achei em livros. Às jogadoras que fizeram a pesquisa de campo virar realidade e voltar ao papel em forma de informações relevantes, continuem brilhando e lutando pelo futebol de mulheres brasileiro e sergipano.

Por fim, um agradecimento ao Sport Club Corinthians Paulista que despertou em mim um carinho imenso pelo futebol e por fazer parte de mim, pois é minha vida, minha história, meu amor.

Não vai ter uma Formiga pra sempre, não vai ter uma Marta pra sempre, não vai ter uma Cristiane... e o futebol feminino depende de vocês pra sobreviver. Então pense nisso, valorize mais. Chore no começo, pra sorrir no fim.

Marta

RESUMO

Esta dissertação objetiva investigar como uma mulher se torna jogadora de futebol por meio dos processos de inserção e de permanência no ofício. O universo empírico escolhido para essa análise consiste em jogadoras de futebol que disputaram o Campeonato Sergipano Feminino de 2024, permitindo uma composição específica dos clubes, que normalmente passa por alterações ao longo das temporadas. Pela pesquisa estar situada entre a sociologia das profissões e a sociologia do esporte, indicadores relevantes para as duas áreas são levados em consideração em cada uma das etapas realizadas. A primeira delas é a construção sócio-histórica do futebol de mulheres, com o intuito de identificar mudanças estruturais e sociais que moldaram o futebol enquanto local de profissionalização de mulheres atletas, bem como o processo de institucionalização da categoria. Essa discussão é feita com base em dimensões discutidas pela sociologia das profissões e adiciona indicadores da sociologia do esporte para fortalecer o debate. Na segunda etapa, a análise das trajetórias das jogadoras, sob o entendimento de Bourdieu (1996), fez-se fundamental para compreender as dinâmicas sociais que permeiam a experiência das jogadoras entrevistadas, em especial quanto às decisões que culminaram nas diversas posições e posicionamentos no campo do futebol. Por último, o processo de socialização, enquanto definidor do conhecimento e das habilidades práticas necessárias para a permanência na carreira de jogadoras, ouvindo aquelas que vivenciam o esporte. Essa importância, dada à socialização, é fruto do debate interacionista da sociologia das profissões, ao mesmo tempo que reconhece a vivência esportiva como um elemento diferenciado em relação a outros grupos profissionais. Os resultados revelam um panorama da evolução do chamado “futebol feminino”, destacando os desafios enfrentados pelas jogadoras em um contexto de dependência tanto de outros atores como de instituições que mantenham a categoria, mas principalmente relevam um posicionamento de empenho profissional das atletas e de luta por reconhecimento e melhorias nas condições do esporte.

Palavras-chave: futebol de mulheres; institucionalização profissional; trajetórias; carreira; socialização.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate how a woman becomes a football player through the processes of entering and remaining in the profession. The empirical universe chosen for this analysis consists of female football players who competed in the 2024 Sergipe Women's Championship, allowing for a specific composition of the clubs, which typically undergoes changes throughout the seasons. Since the research is situated between the sociology of professions and the sociology of sport, indicators relevant to both fields are taken into account in each of the stages conducted. The first stage is the socio-historical construction of women's football, with the aim of identifying structural and social changes that have shaped football as a site for the professionalization of female athletes, as well as the process of institutionalization of the category. This discussion is based on dimensions addressed by the sociology of professions and incorporates indicators from the sociology of sport to strengthen the debate. In the second stage, the analysis of the players' trajectories, based on Bourdieu's (1996) framework, proved fundamental to understanding the social dynamics that permeate the experience of the interviewed players, particularly regarding the decisions that led to their various positions and roles on the football field. Finally, the socialization process, as a defining factor of the knowledge and practical skills necessary for players to remain in their careers, was examined by listening to those who experience the sport. This emphasis on socialization stems from the interactionist debate within the sociology of professions, while also recognizing the sporting experience as a distinct element compared to other professional groups. The results reveal an overview of the evolution of so-called "women's football," highlighting the challenges faced by players in a context of dependence on both other actors and institutions that sustain the sport, but above all, they reveal the athletes' professional commitment and their struggle for recognition and improvements in the conditions of the sport.

Keywords: women's football; professional institutionalization; trajectories; career; socialization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícia sobre o jogo entre Sport Club Brasileiro e Casino Realengo Futebol Clube.....	42
Figura 2 – Aviso de proibição do “futebol feminino” no Brasil exposto no Museu do Futebol.....	44
Figura 3 – Notícia do jogo de mulheres como preliminar do clássico em 15 de abril	52
Figura 4 – Notícia sobre a criação do Departamento de Futebol Feminino	53
Figura 5 – Notícia sobre a realidade do futebol feminino em 1984	54
Figura 6 – Time do Zebra no Estádio do Batistão em 1997	55
Figura 7 – Jogo do Juventude pelo Campeonato Brasileiro Feminino A3	83
Figura 8 – Foto de campeão do Juventude em 2025	93
Figura 9 – Medalhas do Campeonato Sergipano Feminino 2024.....	98
Figura 10 – Participação do Confiança na Copa Maria Bonita	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária das jogadoras	62
Gráfico 2 – Primeiro contato com o futebol	63
Gráfico 3 – Participação em campeonatos	63
Gráfico 4 – Time sergipano que representam	63
Gráfico 5 – Grau de escolaridade das jogadoras	63
Gráfico 6 – Autopercepção sobre a profissão	73
Gráfico 7 – Idade que começou a jogar futebol.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação entre acontecimentos e seus significados para a trajetória	79
--	----

LISTA DE SIGLAS

APCEF	Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal
BID	Boletim Informativo Diário
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CND	Conselho Nacional de Desportos
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FEC	Fortaleza Esporte Clube
FFD	Federação Fluminense de Desportos
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FIFPro	Federação Internacional de Associações de Futebolistas Profissionais
FPF	Federação Paulista de Futebol
FSF	Federação Sergipana de Futebol
MESP	Ministério do Esporte
ONU	Organização das Nações Unidas
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Inserção no campo: impressões, problemas e dificuldades.....	16
2 ESQUEMA TÁTICO E ESTRATÉGIA DE JOGO: O MODELO DE ANÁLISE ..	20
2.1 Condições sociais para atuação das mulheres do futebol	21
2.2 Trajetória e carreira: uma conexão além do campo.....	27
2.3 Cultura e socialização profissional.....	33
3 IMPEDIMENTOS E LUTAS: A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL	39
3.1 Os antecedentes da proibição	39
3.2 O futebol em tempos de proibição.....	43
3.3 A transição democrática e a luta pela regulamentação	46
3.4 O futebol de mulheres em Sergipe	50
3.5 A busca pela robustez da institucionalização	57
4 DRIBLES E CAMINHOS: AS TRAJETÓRIAS DAS JOGADORAS.....	61
4.1 O mapeamento das jogadoras	61
4.1.1 Processo de formação social das atletas	63
4.2 Inserção e permanência no ofício	64
4.2.1 O primeiro contato com o futebol e o impacto familiar	65
4.2.2 A chegada aos clubes: Peneiras versus contatos	68
4.2.3 Identificação e permanência em algum clube.....	70
4.2.4 Autopercepção de posicionamento na carreira e as experiências marcantes	72
4.3 Padrões encontrados nas trajetórias.....	76
4.4 O ser jogadora como uma carreira desviante	81
5 BOLA NA REDE: A SOCIALIZAÇÃO E A CULTURA PROFISSIONAL	85
5.1 O futebol como espaço de socialização	86
5.2 Cultura e identidade adquiridas no futebol	92
5.3 Observações e relatos de campo	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICE	118

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como problema de pesquisa a construção do ofício de jogadora de futebol, ou seja, como uma mulher se torna uma jogadora profissional do esporte de maior popularidade no Brasil. Mais especificamente, proponho aqui a análise da inserção e da permanência de mulheres no futebol, as condições sociais e históricas que viabilizaram e se tornaram essenciais para a profissionalização dessas jogadoras, como também as trajetórias traçadas nesse processo e as etapas e modos de socialização valorados na prática ocupacional. Nesse contexto, a perspectiva da permanência está pautada em uma característica marcante do futebol como profissão: a alta evasão de atletas, sejam homens ou mulheres, para outros ofícios, devido ao comum baixo percentual de acesso ao nível profissional. Assim, o foco em jogadoras que permanecem no ofício é de suma importância para entender a sua constituição de forma mais aprofundada.

Como uma modalidade presente no imaginário brasileiro desde a infância até a vida adulta, seja como telespectador ou mesmo com interesse de atuação, o futebol ocupa um espaço importante na vida da população. No entanto, para esta pesquisa, o recorte geográfico será o estado de Sergipe, tendo em vista o pouco espaço que o esporte em questão tem nos estudos, além de contribuir no âmbito da percepção de características possivelmente distintas, uma vez que o estado é considerado periferia do esporte. Essa desigualdade é comum tanto na categoria de homens quanto de mulheres, uma vez que os locais de maior industrialização e onde os principais veículos de comunicação se encontram é também o lugar onde os clubes recebem mais recursos (Santos, 2022).

Logo, as jogadoras a serem analisadas serão aquelas que participaram do Campeonato Sergipano Feminino em 2024. Esse recorte temporal representa uma composição específica dos clubes, uma vez que, ao fim dos campeonatos, muitas jogadoras migram para outros, evitando ficar de fora do próximo em caso de desistência. A restrição para uma temporada permite que a contagem de atletas não sofra com dupla presença da mesma jogadora. Um exemplo disso é o Juventude, que manteve apenas 60% do time entre o Campeonato Sergipano Feminino de 2024 e o Campeonato Brasileiro Feminino Série A3, que ocorreu em 2025. Para a análise, importa pontuar os cinco clubes da edição 2024, são eles: Associação Desportiva Confiança, Barra Futebol Clube, Clube Esportivo Juventude, Força Jovem Futebol Clube, Socorro Sport Club. Inicialmente, esse recorte contava também com o Estanciano Esporte Clube, porém a desistência provocou transferência de jogadoras para os outros times participantes, o que também poderia interferir em dados por repetição.

Um importante aspecto da presente pesquisa é a defesa não da ideia de um “futebol feminino”, mas de futebol. Assim, utilizo os termos “futebol de mulheres” e “futebol praticado por mulheres” como uma escolha proposital e teórica, visando afastar essa modalidade da associação a um padrão específico de feminilidade, cujo propósito não se vincula à presente abordagem (Goellner; Kessler, 2018; Delarmelina, 2023).

Para alcançar o objetivo principal desta pesquisa, busco primeiramente analisar as condições sociais e históricas necessárias para que jogadoras de futebol pudessem se profissionalizar. Com esse objetivo em mente, a abordagem da sócio-história foi utilizada, pois permite que seja levada em conta a influência do contexto histórico e social no ofício e naquelas que o exercem. Em seguida, considerar as trajetórias traçadas na inserção e permanência das atletas se tornou importante para compreender as dinâmicas desse processo. Como método para a coleta de dados a esse respeito, utilizo a pesquisa de campo sob as ferramentas do questionário e da entrevista semiestruturada com aquelas que permitiram o contato direto e detalhado. Nesse sentido, foram entrevistadas seis jogadoras, de modo que todas as cinco equipes participantes tivessem ao menos uma representante.

Por conseguinte, as entrevistas também foram meio de identificar as etapas e modos de socialização frequentes no universo do futebol de mulheres, ou seja, aqueles que são essenciais na prática profissional. A combinação desses objetivos específicos e dos métodos empregados possibilitaram a construção de um panorama dessa categoria que, por sua vez, auxiliou no entendimento de como uma mulher se torna jogadora de futebol. A análise do ofício de jogadora, a partir do recorte geográfico de Sergipe, apresenta nuances diferentes em relação, principalmente, à região Sudeste do país, onde o futebol de mulheres vem crescendo progressivamente.

Apesar de ser uma profissão conhecida ao redor do mundo e reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob a alcunha de “atleta profissional de futebol”, faz parte do rol de ofícios cujo critério para exercício não está vinculado a títulos nem à formação acadêmica. Nesse sentido, algumas teorias acerca das profissões, como a funcionalista, não fornecem definições e critérios que abarquem atletas de futebol como um objeto de análise. Para tanto, ainda que não haja vínculo acadêmico, existem outras formas de organização de modo a conferir aos profissionais o monopólio do seu exercício, como a regulamentação por vias legais.

A profissão de jogador de futebol passou por diversas legislações. Inicialmente, o futebol brasileiro se profissionalizou formalmente em 1933 com a regulamentação do contrato de trabalho (Medrado, 2020), permitindo que trabalhadores das fábricas pudessem vê-lo como

um novo caminho profissional. Apesar disso, foi só com a Lei nº 6.354 – conhecida como “lei do passe” e instituída em 1976 – que explicitamente foi dado o grande passo para a profissionalização dessa categoria. Com essa lei, os jogadores tiveram acesso a benefícios trabalhistas como a própria assinatura da Carteira de Trabalho e férias, no entanto, ainda considerava o jogador como uma propriedade do clube (Medrado, 2020). Em 1993, a Lei Zico (nº 8.672), em um contexto de reformulação do papel do Conselho Nacional de Desportos (CND) e mudanças na intervenção estatal nos esportes, tinha como objetivo acabar com o passe, retirar a intervenção estatal nos clubes e federações, além de outras alterações no sistema da CBF. No entanto, em 1998, essa lei foi revogada e substituída pela Lei Pelé (nº 9.615), que vigora até hoje e é a principal lei regulamentar dos esportes brasileiros, determinando direitos, deveres e particularidades desses ofícios, em complementariedade à CLT (Brasil, 1998).

A revogação da lei do passe pelas regulamentações posteriores tinha como objetivo fazer com que o jogador pudesse escolher a qual clube fornecer sua força de trabalho (Rodrigues, 2003), deixando de ser patrimônio do clube que o revelou enquanto promessa do futebol. Ao traçar a relação entre o jogador de futebol como uma profissão e flexibilização das relações de trabalho, a partir da legislação da época, em especial a Lei Zico e a Lei Pelé, é possível perceber uma discordância entre clubes e jogadores acerca de quem seria o detentor da força de trabalho e, conseqüentemente, responsável por negociações na mudança de elenco (Rodrigues, 2003). Entretanto, o futebol brasileiro estava em um momento de absorção do futebol empresa e essa medida acelerou mudanças nas relações profissionais de jogadores.

Contudo, no que se refere ao futebol praticado por mulheres, essas regulamentações não tiveram o impacto simultâneo. Menos de uma década após a criação da profissão de jogador de futebol por Getúlio Vargas, o futebol foi proibido para mulheres, com a desculpa de ser um dos esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza” (Brasil, 1941, cap. IX, art. 54), o que resultou em um tardio desenvolvimento da categoria. Quase quatro décadas foram necessárias para que as mulheres pudessem voltar a jogar sem descumprirem a lei, refletindo até hoje nas dificuldades vivenciadas pelas jogadoras para ter garantias e benefícios da carreira.

Com o intuito de entender como se dá o processo de profissionalização de jogadoras, a partir do foco na inserção, desenvolvimento interno e permanência profissional das atletas, alguns conceitos, autores e teorias podem fornecer contribuições importantes. O conceito de carreira de Becker (2014) é um deles, pois permite unir as dimensões objetiva e subjetiva para o entendimento estrutural, da inserção e da permanência em um ofício, mas também aquilo que é apreendido na vivência. Para alcançar os dois lados do conceito, é preciso unir a análise das estruturas do universo futebolístico e a institucionalização da profissão; além de como os atores

sociais se relacionam para moldar as dinâmicas profissionais, uma vez que é nas interações entre indivíduos e grupos, escolhas e ações, que a perspectiva interacionista se encontra. A junção entre esses aspectos permite, assim, conciliar características objetivas e subjetivas da profissão de jogadoras de futebol.

Como indicadores estruturais e objetivos, entende-se o suporte institucional, o próprio contrato profissional, as obrigações, o modelo e a quantidade de campeonatos, a frequência de treinos, o regime de trabalho e as regras que proíbem certas atividades. Do ponto de vista dos indicadores subjetivos e atrelados à socialização profissional, tem-se o modo como os saberes são compartilhados, a relação com outras profissões no universo do futebol e a forma como as próprias jogadoras diferenciam sua experiência amadora da profissional. A constituição desses indicadores, bem como suas mudanças ao longo do tempo, são meios e efeitos de lutas incessantes no âmbito profissional e devem ser considerados como importantes fornecedores de ponderações.

Sob essa perspectiva, tais indicadores permitem compreender como as mulheres se tornam jogadoras profissionais do ponto de vista das atividades, das regras de atuação e da burocracia profissional, mas também da parte adquirida já durante a inserção na carreira, aprendendo caminhos, estratégias e saberes necessários para a manutenção e evolução profissional. Assim, é possível unir também debates das áreas da sociologia das profissões e da sociologia do esporte, que discutem parte desses indicadores.

Como já mencionado, o processo de institucionalização, as trajetórias e a socialização profissional são três dimensões escolhidas para direcionar a pesquisa ao alcance dos objetivos. Para tanto, a história e o impacto social de lutas, das mudanças em leis e das realidades trabalhistas, em meio a esse contexto, têm uma grande importância. Em se tratando da primeira dimensão, a sócio-história evidencia-se como método que melhor se encaixa para compreender as dinâmicas institucionais de uma profissão. No caso da segunda, que visa analisar as trajetórias das jogadoras de futebol, as entrevistas foram selecionadas como técnica visando o contato direto que permite tanto fornecer espaço de fala sobre a própria experiência quanto o alcance de informações sobre os campeonatos e jogos no geral, pois as fontes sobre o tema são escassas.

Com base em questionário e entrevistas com aquelas que permitiram, além de acessar a parte de trajetórias, buscou-se também entender os léxicos utilizados pelo grupo, de modo a identificar os espaços e características dessa profissão, ou seja, quais interpretações, símbolos e formas de comunicação são utilizados com mais afinco, permitindo entender como funciona a entrada e a permanência nessa profissão.

Para alcançar o objetivo principal da pesquisa, a ordem de cada dimensão importa para a construção da linha de raciocínio, bem como para a estrutura deste texto. Assim, esta dissertação está organizada em introdução e quatro momentos, representados por seus respectivos capítulos. Inicialmente, a introdução se estrutura como um espaço de apresentação do tema, dos objetivos e do problema de pesquisa, buscando explicar a composição da dissertação. O capítulo 2, denominado “Esquema tático e estratégia de jogo: o modelo de análise”, tem como principal objetivo construir a abordagem teórica que determina a importância de dimensões analíticas, assim como o modo em que essas dimensões funcionam ao longo da pesquisa, definindo indicadores e variáveis relevantes para cada etapa. A subdivisão desse capítulo se refere também às três dimensões que posteriormente auxiliam no alcance dos objetivos de cada capítulo. Dessa forma, a primeira está relacionada ao capítulo 3, a segunda ao capítulo 4 e, a última, ao capítulo 5. A construção de uma abordagem teórica visa a entender as dimensões analíticas que influenciam a inserção e a permanência das jogadoras no ofício.

O capítulo 3, “Impedimentos e lutas: a construção social e histórica do futebol de mulheres no Brasil”, tem como método a sócio-história e é pautado na identificação de condições sociais para a institucionalização da profissão de jogadoras no Brasil e em Sergipe, considerando condicionantes como leis, criação de entidades, competições e outros indicadores relevantes. Esse capítulo tem como objetivo entender as condições sociais e históricas do futebol de mulheres, desde a proibição, a qual foram submetidas, até a regulamentação e os frutos que dela foram colhidos. Para auxiliar no encontro de informações, acrescentam-se entrevistas com radialistas esportivos que trabalharam diretamente com o futebol de mulheres, Carlos Cerqueira e Paulo Santos, bem como pesquisa documental no jornal Gazeta de Sergipe¹, à época mencionada pelos profissionais do esporte.

O capítulo 4, “Dribles e caminhos: as trajetórias das jogadoras”, perpassa, como o título diz, as trajetórias dessas jogadoras. O processo biográfico e identitário como forma de entender configurações e dinâmicas que surgem na prática do futebol de mulheres é feito com base em Dubar (1998) e em Bourdieu (1996), pois os autores auxiliam a evitar a ilusão biográfica ao considerar as colocações e os deslocamentos do sujeito nos diversos espaços sociais como um dos elementos mais importantes nessa análise. Objetivando conhecer recursos utilizados e habilidades necessárias para os caminhos de profissionalização das jogadoras, inicialmente foram utilizados os questionários com perguntas diretas sobre estrutura familiar, nível de escolaridade dela e da família e o primeiro contato com o futebol, por exemplo. Em seguida, os

¹ Dados no repositório da Universidade Federal de Sergipe trazem publicações entre 1890 e 2004 e apontam o jornal como sendo o mais longo entre os catalogados.

elementos adquiridos nas entrevistas foram conectados aos anteriores e permitiram acesso a trajetórias, de modo a identificar aquelas que podem ser consideradas simbólicas nesse contexto. A abordagem dessas atletas foi a partir do contato direto com as participantes do Campeonato Sergipano Feminino de 2024. Nesse sentido, o conceito de carreira (Becker, 2014) se mostra fundamental para interligar essas trajetórias no ofício de jogadoras, pois é composto pela sequência de movimento em um sistema ocupacional. Além disso, o conceito de Becker (2014) leva em consideração o comportamento e as decisões de atores que, mesmo externos a esse sistema, tenham posicionamentos antagônicos à existência do ofício, algo constantemente vivido por mulheres que jogam futebol.

Considerando a socialização como elemento fundamental para a construção de uma cultura profissional, a subjetividade na percepção das jogadoras é de grande relevância para entender como elas entraram no mundo do futebol e se tornaram jogadoras profissionais. Assim, o capítulo 5 é o momento de ter contato com essas subjetividades através de aspectos da socialização, incluindo as percepções que as jogadoras têm do ofício. As entrevistas realizadas com o intuito de obter as trajetórias também são um espaço que permite o alcance de respostas sobre a socialização. O dia a dia enquanto jogadoras pode fornecer características da cultura profissional, bem como as transmissões de saberes, criação de estratégias para ascender profissionalmente, entre outros aspectos importantes para identificação de indicadores como os ajustes necessários à identidade profissional, por exemplo.

Por fim, o caminho da pesquisa, diante de percepções e resultados, deve ser explicitado e relacionado em um momento de síntese. Para tanto, são apresentadas no último capítulo as considerações sobre o abordado até então e a união entre o entendimento de cada uma das dimensões analíticas. Além disso, os esforços empreendidos para alcançar o objetivo de identificar as condições de inserção e permanência na profissão produzem frutos que devem ser pontuados nessa etapa, enfatizando os principais recursos e percursos na profissionalização do futebol de mulheres sergipano.

1.1 Inserção no campo: impressões, problemas e dificuldades

Quando trata sobre esporte, Bourdieu (1990) defende que as tensões e o conflito entre práticas do futebol podem ser entendidos como o centro do debate que envolve essa modalidade. No entanto, a oposição entre futebol profissional e futebol amador é, na verdade, uma linha tênue no que se refere ao futebol de mulheres, pois, de acordo com o Sindicato Internacional de Jogadores Profissionais do Futebol (FIFPro), a maioria das jogadoras se

identifica como semiprofissional, uma categoria que reforça a sobreposição dos dois conceitos (Delarmelina, 2023). Esse *status* de semiprofissional não é utilizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e, conseqüentemente, não é adotado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o que deixa dúvidas sobre o modo como os contratos dessas atletas são constituídos antes de entrarem para o Boletim Informativo Diário (BID)², por exemplo.

A cartilha da FIFA de 2018, denominada “Estratégia Global para o Futebol Feminino”, tinha como objetivo desenvolver e crescer dentro e fora do campo; melhorar as competições de mulheres; aumentar exposição e valor dos torneios; possibilitar igualdade de gênero nas lideranças; e educar e empoderar novas gerações, com o intuito de criar uma sólida estrutura para a categoria (Barlem, 2018). A Copa do Mundo Feminina de Futebol, que ocorreu em 2019 na França, foi o primeiro campeonato mundial promovido pela FIFA depois da cartilha e pôde colher alguns frutos: o aumento da popularidade, por ter quebrado recordes de audiência e visibilidade; e o grande investimento na realização da Copa que, por sua vez, serviu de exemplo e incentivo para pensar a criação do Mundial de Clubes Feminino.

Apesar do público telespectador da Copa do Mundo Feminina, inclusive brasileiro, ter aumentado exponencialmente, pouco da realidade do futebol de mulheres nacional estava exposta nos jogos. Foi em 2019 que as medidas, idealizadas em 2016, para profissionalização dos times de mulheres, deram um novo contorno ao futebol sul-americano. Diante da entrada em vigor de regras atualizadas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), estariam obrigados a criar e investir em seu time feminino todos os clubes que participassem de campeonatos internacionais organizados pela instituição, em especial a Libertadores da América. No entanto, essa regra levou os clubes ditos “tradicionais” do futebol de homens a criarem times de mulheres, mas não implicou na imediata profissionalização.

Ao redor do extenso Brasil, a conjuntura das localidades direcionou o futebol de mulheres a suas respectivas realidades. Accocella, Silva, Martins e Galatti (2023) identificaram, ao analisar a participação dos times no Campeonato Brasileiro de Futebol e a origem das jogadoras que deles participam, que a maioria dos clubes está na região Sudeste, seguida da região Sul, ambas com os maiores índices de renda per capita do país. No entanto, o número de times nordestinos participantes caiu expressivamente a partir de 2019, momento em que a obrigatoriedade da CONMEBOL e da CBF deveria ampliar essa participação, revelando um movimento contrário ao previsto pelas estratégias de desenvolvimento. Mudanças vêm

² Boletim Informativo Diário da Confederação Brasileira de Futebol, no qual são registradas as movimentações e transferências de atletas em clubes.

ocorrendo após esse momento, especialmente devido ao investimento que times como o Esporte Clube Bahia vêm fazendo, mas ainda representam um percentual preocupante.

Sob esse panorama, torna-se importante entender, a partir do campo, como essa oposição entre futebol profissional e amador impacta o ofício. Nesse sentido, a escolha de pesquisar o futebol de mulheres sergipano vem de dois motivos: o primeiro deles é minha paixão pelo futebol e, em especial, pelo futebol de mulheres, graças à reativação do departamento de futebol feminino no meu clube do coração: o Sport Club Corinthians Paulista; o segundo é o meu interesse por ver Sergipe como *lócus* em temas que são pouco explorados pela academia, seja a pouca presença do estado nas pesquisas nacionais ou o baixo número de pesquisas sobre certos temas em solo sergipano.

Assim, o ímpeto por pesquisar futebol de mulheres em Sergipe uniu as motivações pessoais à versão pesquisadora. Nesse sentido, vi a sociologia como um espaço de questionamento essencial para buscar informações e contradições, especialmente no que se refere ao campo pesquisado. Diante dessas pontuações, apresento, neste subcapítulo, o primeiro contato direto com a burocracia institucional do futebol de mulheres sergipano enquanto pesquisadora do tema, para além do entusiasmo torcedor.

Em busca de dados sobre as jogadoras em Sergipe, visitei a Federação Sergipana de Futebol (FSF), em outubro de 2024. Apesar de serem solícitos quanto a alguns dados brutos – como quais times participam e o número de participantes do Campeonato Sergipano Feminino desde 2018, por ser o marco temporal cujos dados estão disponíveis nos arquivos da instituição –, os responsáveis pelo setor de competições interpretaram meu tema de pesquisa como algo digno de risada, uma vez que, para eles, o futebol de mulheres em Sergipe não permite que as jogadoras sejam profissionais.

Nesse sentido, é possível estabelecer uma reflexão sobre as diferenças e semelhanças da definição do que é profissional para o senso comum, para a burocracia e para a sociologia das profissões. Esse deboche, por exemplo, em muito se assemelha aos momentos do futebol de mulheres na história, incluindo sua apresentação em circos pelo país, fato que será discutido no capítulo 3 desta dissertação. No entanto, acompanhar as dinâmicas pré e pós-jogo, mesmo que por meio de redes sociais, leva ao entendimento de que a imagem propagada pelas jogadoras nesses momentos é de foco, determinação e seriedade profissional destinada aos clubes a que estão vinculadas. À primeira vista, essa dicotomia parece uma disputa sutil de percepções e argumentos de dois grupos que deviam estar na mesma página em prol da melhoria do futebol de mulheres sergipano. Contudo, a prática revela detalhes que afastam ainda mais a instituição FSF e as jogadoras, seja por intermédio dos clubes ou de forma direta.

A organização do futebol de mulheres sergipano é dada, normalmente, pelas seguintes características: os times são montados próximo ao Campeonato Sergipano Feminino e, no caso de serem campeãs, o time é mantido para participar do Campeonato Brasileiro Série A3 do ano seguinte. Para aqueles que não alcançaram o topo do pódio, a temporada inicia e finaliza com o Campeonato Sergipano. Muitas jogadoras, por conta disso, acabam sendo transferidas para o time que disputa o Brasileirão A3, em especial aquelas que se destacaram em suas respectivas participações, buscando aumentar a competitividade do time no cenário nacional.

A própria dificuldade de acessar os responsáveis por inscrever jogadoras na competição se mostrou um empecilho para encontrar o total de participantes do universo pesquisado. No entanto, segundo Souza (2025), em pesquisa sobre o mesmo campeonato sob a lente da Educação Física, o número de inscritas por clube são: 20 no Barra, 24 no Confiança, 22 no Força Jovem, 21 no Juventude e 20 no Socorro Sport, totalizando 107 atletas. Essa situação está associada também ao fato de que, de forma geral, as equipes sergipanas, na categoria feminina, ficam em atividade por cerca de três meses no ano, pois se soma o mês de preparação e os de duração do campeonato. Muitas delas, inclusive, acabam por migrar para outras modalidades como fut7 e futsal durante o período em que o futebol está sem competições. Essa situação dá a entender que a principal competição de futebol do estado é feita por obrigação ou “para a CBF ver”, ao invés do interesse real pela categoria, prejudicando a realidade de muitas jogadoras. Assim, a FSF atua simultaneamente como instância de legitimação mínima e como mecanismo de reprodução da marginalização do futebol de mulheres.

2 ESQUEMA TÁTICO E ESTRATÉGIA DE JOGO: O MODELO DE ANÁLISE

Este capítulo tem como objetivo apresentar as três dimensões analíticas identificadas para auxiliar na compreensão do problema de pesquisa, isto é, investigar como uma mulher se torna jogadora de futebol. Assim, a divisão entre as condições sociais para atuação no futebol de mulheres, as trajetórias e recursos, e a cultura e socialização profissional serão discutidas do ponto de vista teórico-metodológico nesta etapa, como debate inicial ao que será apresentado em capítulos seguintes.

Os estudos da sociologia das profissões passaram por um processo de afastamento para com os objetos analisados pela sociologia do trabalho, visto que a identificação de ofícios enquanto profissões e ocupações ocorreu de forma diferente nos Estados Unidos e na França. Enquanto esta última vivia um contexto de fortes movimentos políticos em torno de sindicatos, o país norte-americano permitia que o próprio mercado se autorregulasse, o que levou as instituições, em especial acadêmicas, a se organizarem para definir o que diferencia sua profissão.

Assim, a sociologia das profissões permite que sejam conectados “corpos de conhecimento, discurso, disciplinas e campos aos meios sociais, econômicos e políticos por meio dos quais seus expoentes humanos podem ganhar poder e exercê-lo” (Freidson, 1996, local. 1), trazendo contribuições para o tema. O termo “profissão” foi cunhado sob essa perspectiva homogeneizadora do monopólio no exercício profissional, em especial, atrelando-se a ofícios com grande prestígio como médicos e advogados. Entretanto, essa visão homogênea restringe os casos empíricos a serem analisados, pois necessitam de critérios específicos como diploma, títulos, entre outros. Para a vertente funcionalista, o elemento principal para um ofício ser considerado profissão é o conhecimento especializado, essa centralidade leva a um problema: a importância desproporcional à academia.

Do ponto de vista de Freidson (1998), é importante entender não apenas como o conhecimento formal funciona, mas também os processos e os agentes que participam da criação de uma profissão, pois a *expertise*, o credencialismo e a autonomia profissional são as três dimensões fundamentais para o autor. A primeira dimensão está relacionada a quem pode exercer a profissão; a segunda, ao reconhecimento formal e institucional do conhecimento empregado no ofício; e o último, refere-se à liberdade intelectual e funcional das profissões (Freidson, 2001).

Visando resolver problemas sobre a inaplicabilidade de uma única definição para todas as profissões, a utilização do “truque” de Becker (2015) vem permitindo que, a partir da análise

empírica, sejam encontradas novas e próprias definições a cada ofício estudado. Nessa linha de raciocínio, a utilização do termo grupos profissionais, em substituição à profissão, é uma forma de ampliar a possibilidade de ofícios a serem analisados. Assim, aqueles que não são definidos por diploma ou outra definição prévia do que é uma profissão, podem ser enquadrados no conceito diante de suas próprias definições, dimensões e práticas. Para tanto, três dimensões foram escolhidas com o objetivo de fornecer um modelo de análise para esta dissertação e serão apresentadas a seguir.

A ordem de apresentação das dimensões analisadas se refere aos capítulos posteriores e conduz a sequência de modo a produzir uma linha de raciocínio. Nesse sentido, é importante inicialmente entender o processo de institucionalização da profissão, para que as trajetórias possam expressar sobre os caminhos e experiências comuns na construção da carreira das atletas sergipanas de futebol e, por último, aquilo que foi apreendido durante a sua vivência na profissão e entre colegas, bem como aprendizagens e habilidades adquiridas com a prática profissional.

2.1 Condições sociais para atuação das mulheres do futebol

A obra “*The Professions*” de Carr-Saunders e Wilson de 1933 é conhecida como o marco fundador da sociologia das profissões (Petrarca, 2007). Nesse livro, os autores enfatizam a técnica intelectual obtida por treinamento específico para o exercício profissional, o que levou as Ciências Sociais a questionarem: como profissões são criadas? Como a técnica intelectual é definida? Quais atributos são fundamentais? E principalmente, quais são e qual a importância das credenciais para a separação entre ocupações e profissões? Todas essas perguntas incitaram um debate por parte de funcionalistas, que enxergaram a profissão como uma comunidade homogênea e reforçaram o papel de associações, especialmente as acadêmicas, para a sua institucionalização.

Para a escola anglo-americana da sociologia das profissões, o diploma ocupou um espaço importante, pois aparecia como uma habilitação ou licença essencial, sendo um elemento de diferenciação desses grupos. Assim, a escola funcionalista entendia a profissão como uma comunidade com identidades e valores afins, permitindo que, ao analisar a profissão de forma unitária, entendesse o papel desse grupo na divisão do trabalho. O diploma e a necessidade de vínculo a uma instituição era a maneira de burocratizar a carreira e de garantir *status* e legitimação, por isso muitas análises dessa vertente tinham como objeto profissões reconhecidas na hierarquia da sociedade, a exemplo de médicos e profissões jurídicas. Além

disso, viam a profissão pela sua função na sociedade, ou seja, como resposta a necessidades sociais.

A defesa do diploma enquanto credencial para entrada nas profissões, sob o funcionalismo, advém do contexto nos Estados Unidos de separação entre ocupações e profissões, de autonomia das associações profissionais e de passividade do Estado (Petrarca, 2015). Isso ocorre porque a burocracia estatal pequena, e vinculada a uma economia de mercado, deixa a cargo das associações profissionais e organizações privadas a determinação de credenciais e organização da própria estrutura do mercado de trabalho. Nesse sentido, o crescimento do funcionalismo nos Estados Unidos estava atrelado, em primeiro momento, à própria institucionalização da profissão de sociólogo, reivindicando autoridade profissional sobre o saber acadêmico. Nesse ambiente, o conhecimento especializado adquire uma conotação central nos debates e, por isso, o credenciamento, com base no diploma, seria uma comprovação da competência teórica da profissão.

Posteriormente, com a aparição da escola interacionista no debate, a socialização profissional assumiu a posição principal. Segundo Hughes, a análise sociológica do trabalho humano deve partir sempre da divisão do trabalho (Dubar, 1988), desse modo, não seria possível separar o conceito daquilo que faz parte do conjunto de atividades do cotidiano da profissão. Assim, o contato com comunidades e categorias profissionais, criando um saber próprio de modo a estabelecer meios de transmissão desses saberes e aperfeiçoamento de habilidades vinculados aos seus respectivos ofícios, tornou-se fundamental para reivindicação do monopólio dos grupos profissionais.

Para Abbott (1988), toda ocupação deseja uma forma de organização para que possa se tornar profissão. É nesse contexto que os interacionistas criticam o funcionalismo, sobretudo por analisarem a profissão como uma categoria homogênea, pontuando a relevância dos diferentes valores e da competição interna para as definições próprias. Ademais, autores vinculados a essa lente consideram a academia e as profissões como modos específicos de socialização, criação e desenvolvimento de carreiras. O credenciamento por meio de títulos acadêmicos, por exemplo, permanece possuindo importância para os interacionistas, porém veem na socialização uma forma de adquirir habilidades e conhecimentos práticos que os diferenciam de outros ofícios.

A utilização da abordagem de Becker (2015), para deixar o conceito ser definido pelo caso, é um “truque” comumente utilizado para analisar ofícios que não se adequam completamente nas definições prévias de profissão, pois “permite identificar as dimensões, as práticas, as concepções que variam de caso para caso, contribuindo para lançar novas perguntas

que surgiriam do próprio investimento no trabalho de campo, sobretudo, o processo de aprendizagem das habilidades” (Petrarca, 2015, p. 163). Diante da escolha de grupos profissionais, cujo título acadêmico não é o principal definidor de atuação e de profissionais que são considerados “não-convencionais”, esse “truque” é fundamental para explorar as características próprias da profissão a partir das suas próprias especificidades.

Uma crítica estabelecida ao método utilizado pelos interacionistas, a etnometodologia, é a de que

[...] ao se dispor a enxergar a realidade do ponto de vista do ator, privilegiando assim a questão do significado das ações sociais, este trajeto minimiza os aspectos macrosociológicos em favor das estratégias de interpretação, tipificação e rotulação a que o ator recorre nos processos interativos com que se defronta (Miceli, 2007, p. IX).

Portanto, apresentar o aspecto de institucionalização como uma forma de burocratizar a profissão dentro do mercado de trabalho é um modo de relacionar as questões estruturais e de socialização presentes no contexto de um grupo profissional.

Essa crítica de minimização de aspectos macrosociológicos levou à necessidade de analisar o poder real das profissões na estrutura social, aparecendo os autores weberianos nos debates da sociologia das profissões. Nesta abordagem, busca-se entender o processo como algumas áreas “delimitadas pela divisão do trabalho, são monopolizadas por determinadas categorias de trabalhadores. A luta pelo monopólio, pela constituição de um mercado razoavelmente fechado e protegido, é a marca distintiva das profissões enquanto grupos sociais” (Barbosa, 1993, p. 8). Nota-se que, sob essa perspectiva, o poder, o mercado, o monopólio e o *status* assumem uma posição relevante na constituição e diferenciação de um grupo profissional.

Larson (1977) é uma das principais expoentes dessa linha, adicionando o poder como fator fundamental da profissão, adquirido com o monopólio em determinado mercado. Seguindo esse raciocínio, a autora defende dois argumentos: o primeiro, é o de que o mercado está no centro das dinâmicas sociais atuais; e o segundo, é que as estruturas do saber e do conhecimento nesse contexto se transformam, assumindo uma postura de “propriedade moderna” (Barbosa, 1993, p. 8). Ambos os seus entendimentos são fortalecidos com o uso da investigação histórica que a autora fornece, passando pela Antiguidade até chegar à sociedade moderna.

Uma outra perspectiva da sociologia das profissões está associada a Pierre Bourdieu, que dá ênfase aos conflitos e às dinâmicas que valorizam e desvalorizam capitais sociais em

diferentes campos. Para a escola francesa, em especial a partir do autor, o diploma carrega o peso do capital cultural. Esse capital, acrescido do familiar, político e econômico, está sempre vinculado ao conflito pela posse e pela valorização daqueles que o possuem, como uma forma de distinção social e garantia de alta posição na hierarquia da profissão. Nesse sentido, os “usos que podem ser feitos do diploma dependem de uma estrutura de capital herdado, fazendo com que o valor do título seja avaliado pelo conjunto de propriedades sociais e econômicas que possui o seu portador” (Petrarca, 2007, p. 47).

Freidson (1996), por sua vez, cria seu tipo ideal para profissões, sobre o qual se permite fazer comparações. Esse tipo ideal se apresenta a partir de: 1) uma ocupação que exija conhecimentos especializados, formalmente reconhecida e com um *status* oficial, baseada em critérios rigorosos e fundamentado em teorias abstratas; 2) jurisdição sobre conhecimentos e qualificações, organizada por ocupações envolvidas; 3) controle ocupacional das práticas de conhecimentos especializados, garantindo que apenas profissionais credenciados realizem tarefas, supervisionem e avaliem o desempenho, atuando como a classe administrativa da profissão; 4) credencial que sustenta a reserva de mercado criada por programas de treinamento em escolas e/ou universidades, com um currículo controlado por quem atua na formação, sendo a “classe cognitiva” da profissão. Esses pontos de análise podem variar em grau de uma para outra profissão, mas concebem o que Freidson (1996) entende como essencial para uma ocupação se tornar profissão.

Para Petrarca (2015, p. 38), nesse modelo, “o ‘profissionalismo’ é um modo, ideal-típico, de organizar uma ocupação capaz de produzir identidades ocupacionais distintas e reservas de mercado, o que contribui para manter as ocupações separadas umas das outras”. A classificação oficial de “profissão” confere às ocupações prestígio e *status* sociais, além do direito legal de exercer a atividade exclusivamente e de controlar as instituições de formação, enquanto o conhecimento técnico fornece a posição de “autoridade de expertise” (Freidson, 1998, p. 110).

Diferentes conjunturas do mercado de trabalho nos países levam os debates em torno da sociologia das profissões a se diferenciar. É por esse motivo que Freidson (1996, local. 8) defende a importância de considerar experiências nacionais para o estudo dos grupos profissionais, uma vez que devem ser levados em consideração para compreender o processo de institucionalização, jurisdicionalização e a posição da profissão no mercado de trabalho:

[...] o tipo de Estado e o conteúdo de suas políticas; a composição e a organização da profissão; as ideologias esposadas e defendidas por Estado, profissão, público, capital privado e outras partes interessadas; o corpo

particular de conhecimento e qualificação de uma disciplina, sua autoridade científica, moral ou cultural e as instituições em que é praticada [...].

Dentro dessa relevância de conjuntura nacional, debates em torno da sociologia das profissões no Brasil, por sua vez, têm uma forte ligação entre a formação universitária e a esfera política, observação ressaltada por Petrarca e Neves (2011), uma vez que a literatura nacional enxerga a política como possibilidade profissional. Um exemplo disso é a classe médica, que em certo momento de sua história foi apenas um serviço médico “desempenhado por um pequeno grupo com posição econômica elevada, o ofício dependia das relações de base familiar como critério de seleção e recrutamento para a ocupação de tais cargos” (Petrarca, 2019, p. 576).

A importância da política no Brasil está associada a uma forma profissional de exercer outros ofícios, como o caso de médicos que se tornam secretários de saúde, por exemplo, mas também ao fato de muitas profissões possuírem regulamentação diante de legislação nacional, nomeando a profissão e definindo algumas características. Essa ação burocrática indica a institucionalização por meio de lei como uma forma importante de organização de algumas atividades, importando mencionar que a formação universitária nem sempre é considerada necessidade para esses ofícios.

Essa discussão se aproxima do que Karpik (2003) discute para argumentar que a sociologia histórica é fundamental para suprir lacunas ao adaptar teorias de um país para o outro, pois o objeto de estudo pode aparecer de forma diferente e prejudicar a utilização da teoria. Na mesma linha, Bonelli e Donatoni (1996) deixam a contribuição de que o estudo das profissões deve ser realizado dentro de seu contexto histórico, ainda que seu recorte sejam os próprios cientistas sociais.

Na realidade brasileira, é bastante comum a presença de profissionais dentro de movimentos sociais, o que gera uma necessidade

[...] criar constantemente novas formas de ação para legitimar seus ativistas e se integrar na dinâmica de financiamento de projetos, os quais passam a exigir cada vez mais a presença de *experts*. Dentro deste quadro, o profissional que mobiliza seu saber em prol de uma causa se torna um porta-voz autorizado cujo tipo específico de recurso é a sua formação técnica (Petrarca, 2016, p. 100).

Como o futebol é um ofício não acadêmico, os espaços de institucionalização podem ser diferentes daqueles que as mencionadas perspectivas analisam, a exemplo do vínculo com clubes e participação em campeonatos de entidades estaduais e nacionais (FSF e CBF, no caso das jogadoras sergipanas). Nesse sentido, a profissão de jogador e jogadora é uma daquelas

legitimadas pelo Estado e reconhecidas socialmente, mas que não possui formação em ensino superior que garanta um diploma enquanto credencial para atuação. É necessário, então, entender a estrutura do futebol de mulheres a partir dos critérios de entrada e das condições de exercício dessa profissão.

Para analisar a institucionalização da profissão de jogadora, os estudos feitos sob a sociologia do esporte utilizam variáveis relevantes para esta dissertação. Williams (2011), como exemplo, identifica três etapas da profissionalização do futebol de mulheres na Europa: micro, meso e macro. Esse modelo de análise pode auxiliar na identificação de variáveis comuns aos diferentes estágios de profissionalização no Brasil e na Europa. Com a comparação, foi possível identificar que a proibição causou danos que se tornaram irreparáveis a curto prazo, sendo assim, o futebol de mulheres conta com um atraso estrutural em relação a outros lugares em que puderam jogar mais cedo, como Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, por exemplo.

O micro profissionalismo, para a autora, é a etapa em que normalmente se encontram nomes pioneiros da categoria; muitas jogadoras precisam equilibrar suas carreiras esportivas com outras atividades, como trabalho e estudos, pois há falta de condições adequadas e poucas ganham um salário em tempo integral exclusivamente como jogadora de futebol. A participação na comissão técnica dos times como em vagas de fisioterapia, administração, psicologia esportiva eram alternativas para receber salário e continuar o trabalho no futebol. Na Europa, essa etapa ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, em que o profissionalismo começou primeiro fora, para posteriormente se desenvolver dentro das estruturas dos órgãos dirigentes esportivos.

Já o meso profissionalismo foi o momento em que as rivalidades transfronteiriças foram aguçadas e constituíram base para a criação da Liga Europeia de Futebol por meio da UEFA, principal órgão supranacional do futebol europeu. Além disso, internamente aos países, há um incentivo à criação de times de mulheres e à participação destes em competições nacionais. Para Williams (2011), os principais nomes da etapa meso tornam-se as principais mentoras da próxima fase. Além disso, a migração de jogadoras para outras regiões e países – este último com maior relevância para o contexto –, passa a ser uma realidade, o que antes se restringia ao futebol de homens.

O macro profissionalismo, por sua vez, vive uma gama de competições nacionais e internacionais para o futebol de mulheres. Nesta etapa, surge a Copa do Mundo Feminina de Futebol, momento em que a própria FIFA já as considerava atletas profissionais. Desde então, elas recebem remuneração para desempenhar suas atividades, no entanto, ainda não é garantia de subsistência para todas as jogadoras, pois muitas não recebem salários a partir do mínimo. Por outro lado, a UEFA passa a incentivar a prática de jogadoras cada vez mais jovens para

construir uma estrutura de base para o futebol de mulheres profissional, permitindo treinamento desde cedo e contribuindo com a criação da Youth Championship (Liga Jovem).

Essas definições podem servir de base para a busca de semelhanças e diferenças na profissionalização das jogadoras de futebol no Brasil, utilizando os critérios definidos pela autora como adicionais nesta pesquisa. Para nomeá-los diretamente, alguns indicadores de institucionalização que Williams (2011) estima são: início do recebimento de salários, criação de competições e participação em nível nacional, calendário de jogos e a promoção de categorias de base. Além destes, com o objetivo de visualizar como ocorreu o processo de institucionalização da profissão de jogadora no futebol sergipano, os principais indicadores são as alterações na legislação do futebol como promulgação e extinção de leis e decretos, proibições e regulações, obrigações e incentivos formais, inserção do futebol de mulheres na Federação Sergipana de Futebol, quantidade de times e identificação dos principais atores que promoveram mudanças nesses períodos.

A sócio-história aparece como um método fundamental para construir o debate estrutural do futebol e perceber os impactos nas participações das mulheres como jogadoras no Brasil e em Sergipe, especialmente pela capacidade de explorar como as mudanças sociais ao longo do tempo afetam a sociedade e, por sua vez, são afetadas por eventos históricos. Para auxiliar no encontro de informações sobre Sergipe, nesta etapa insere-se a pesquisa documental e entrevistas com radialistas esportivos. Assim, podem ser interpretadas as mudanças, suas causas, as lutas, os avanços e os retrocessos, bem como os modos pelos quais esses processos se refletiram na prática e na institucionalização profissional.

2.2 Trajetória e carreira: uma conexão além do campo

A reformulação da noção de profissão com base em diploma para pensar grupos profissionais, a partir de um processo identitário e da análise de trajetórias, permitiu olhar também para universos empíricos “cujos membros acreditam que suas atividades exigem habilidade específica e conhecimento próprio” (Petrarca, 2015, p. 167). Assim, para pensar os caminhos que levaram as jogadoras aos seus respectivos clubes e permitiram que se tornassem atletas de futebol, as trajetórias e os recursos obtidos e necessários durante esse processo assumem uma posição central para esta pesquisa.

A análise das trajetórias visa integrar elementos identificados na vida do grupo estudado e reconstruir os caminhos que levaram à profissão. Isso envolve estratégias, contextos, valores e significados, organizando as histórias não apenas em cada trajetória individualmente, mas

também em como essas trajetórias se inter-relacionam. Para tanto, existem dois tipos de trajetórias, as subjetivas e as objetivas. Segundo Alonso (2016, p. 14), as subjetivas

[...] são próximas da história de vida, na medida em que buscam a reconstrução dos sentidos conferidos pelos indivíduos aos eventos que julgam significativos de seus percursos pessoais. O objetivo é encontrar as lógicas (cognitiva, afetiva, pessoal e social) atribuídas pelos indivíduos ao conjunto de escolhas que realizaram em seus percursos biográficos. Trata-se, pois, de uma reconstrução subjetiva das posições objetivas, que são vividas como histórias pessoais (Alonso, 2016, p. 14).

As objetivas, por sua vez, se relacionam a categorias institucionais e à sequência de posições sociais ocupadas e que estão sujeitas à transformação ao longo da vida. Assim, para o autor, a análise das trajetórias dos atores pesquisados deve seguir uma lógica de aspectos objetivos que atravessam as vivências, o modo pelo qual categorias sociais são absorvidas ao longo da vida e em meio a diversos âmbitos sociais que compõem a trajetória do indivíduo. Assim, o diferencial para com as histórias de vida se torna o elemento principal para a presente pesquisa: focar em perceber como as posições objetivas são vividas e ressignificadas, unindo o aspecto individual ao social que culminou na profissão de jogadora.

Ao analisar trajetórias sociais, Dubar (1998, local. 2) afirma que

Duas orientações se opõem: uma, chamada por alguns de “psicologizante” [...]; e a outra, inversa, às vezes chamada de “sociologista”, embora eu prefira chamá-la de *relativista*, que reduz o *self* e, portanto, a identidade biográfica a uma “ilusão”, ocultando a pluralidade dos papéis sociais e sua dependência para com a posição ocupada em cada campo social em particular, e no sistema das classes sociais [...].

Essa passagem de Dubar (1998) nos leva para a importância de afastamento do que Bourdieu (1996) chama de ilusão biográfica, que se refere a contar a história de vida do indivíduo de modo linear, pois as trajetórias possuem justamente a função de apresentar as posições desse sujeito dentro de diversos contextos, muitas vezes simultâneos. É nesse debate que os principais conceitos de Bourdieu (1989) aparecem, pois surgem como uma proposta para superar a dicotomia entre os aspectos estruturais, relacionados à sociedade, e subjetivos, relacionados aos indivíduos. Nesse sentido, o autor defende a praxiologia, que se refere à ação social como resultado da estrutura subjetiva e da objetiva, a partir do que ele define como *habitus*. Esse conceito é compreendido como um conjunto de disposições duradouras e transponíveis, responsáveis por organizar práticas e representações, isto é, um “conceito mediador que possibilita, na teoria da prática, a mediação entre ação e estrutura, indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade, fenomenologia e objetivismo” (Monteiro, 2024, p. 55).

A noção de *habitus* é fruto da mediação entre a sociedade e o comportamento dos indivíduos no espaço social, como uma relação entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. O *habitus* é, de modo geral, a dimensão prática da habilidade e do modo de interagir dos indivíduos, como marcas adquiridas pelos gostos, crenças, vivências escolares e de classe e estilos de vida. Quanto aos capitais, estes podem ser econômico, cultural, social e simbólico, com os quais o indivíduo se relaciona ao longo da vida. Na perspectiva bourdieusiana, o campo é definido como “universos relativamente autónomos” (Bourdieu, 1989, p. 71) e se estabelecem em meio às disputas constantes, regras específicas e capitais sociais prevaletentes.

Apesar de Bourdieu tentar se afastar do lado fenomenológico do interacionismo simbólico, esta pesquisa perpassa ambas as lentes, pois convergem sobre a identidade e as práticas profissionais como construções sociais dinâmicas, moldadas pela interação contínua entre as condições sociais objetivas e as interpretações e ações subjetivas dos indivíduos. Sob esse entendimento, o conceito de carreiras de Becker se torna fundamental. A carreira, para esse autor, é uma sequência de posições dentro de um ofício. Na sua definição, existem duas dimensões: a objetiva e a subjetiva. A dimensão objetiva é formada por uma sucessão de *status*, posições e funções bem delineados, sequências características de cargos, conquistas, obrigações e experiências, enquanto a subjetiva se refere a processos e interações sociais que envolvem esse processo de construção e evolução dentro de um sistema profissional.

Sob a perspectiva profissional de uma identidade e de trajetórias analisadas com o olhar voltado às dinâmicas profissionais, autores interacionistas podem trazer contribuições importantes.

A noção de identidade elaborada por Everett Hughes, Howard Becker ou Anselm Strauss almeja, cada qual a seu modo, articular quadros sociais de identificação (e, essencialmente, as *filières* profissionais, estruturando os espaços de trabalho ou as categorizações dos grupos desviantes) com itinerários individuais, apreendidos de maneira compreensiva. Ela atribui um lugar privilegiado às interações sempre suscetíveis de infletir, e até mesmo de “converter” as identidades anteriores (Dubar, 1998, local. 4).

Para essa escola, a base está na relação entre a trajetória esperada e o sistema ocupacional que, por sua vez, envolve instituições capazes de garantir às profissões o controle exclusivo sobre certos serviços. Além disso,

Uma vantagem do conceito de carreira é sua ambivalência. Um lado está ligado a assuntos íntimos e preciosos, tais como, por exemplo, a imagem do eu e a segurança sentida; o outro lado se liga a posição oficial, relações jurídicas e um estilo de vida, e é parte de um complexo institucional acessível ao público. Portanto, o conceito de carreira permite que andemos do público

para o íntimo, e vice-versa, entre o eu e sua sociedade significativa, sem precisar depender manifestamente de dados a respeito do que a pessoa diz que imagina ser (Goffman, 1974, p. 111-112).

Como debatido nos estudos de ocupações, a carreira é sequência de movimentos dentro de um sistema ocupacional, o que seria influenciado por “contingências de carreira”, incluindo tanto “fatos objetivos da estrutura social quanto mudanças nas perspectivas, motivações e desejos individuais” (Becker, 2014, local. 31). O exame de carreiras para entender o que constitui os ofícios envolve os mecanismos de entrada, o desenvolvimento de atividades internas e os processos biográficos (Petrarca, 2015). Essas etapas buscam interpretar mudanças, viradas biográficas e suas reorientações que condicionam a caminhos diferentes na carreira.

Ademais, a construção de uma carreira é fruto dessa trajetória vivida dentro do universo profissional. Tanto a Becker (2014) com o conceito de carreiras quanto a Bourdieu (1996), importa que a “trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo” (Montagner, 2007, p. 254). Para o autor francês, os aspectos objetivos a serem retirados de uma biografia e que, conseqüentemente, permitem ao pesquisador se afastar da ilusão biográfica são as colocações e os deslocamentos do sujeito nos diversos espaços sociais ao longo da vida. Nesse sentido, os capitais investidos e adquiridos, os itinerários e percursos profissionais vividos, e as reconversões desses aspectos na trajetória dos indivíduos são mais relevantes sociologicamente que a linearidade da história de cada um. Além disso,

As estratégias que a lógica da luta interna impõe aos profissionais, e que podem ter como fundamento objetivo, para além das diferenças professadas, diferenças de *habitus* e de interesses (ou, mais precisamente, de capital econômico e escolar e de trajetória social), ligadas a posições diferentes no campo, só podem ser bem-sucedidas na medida em que encontrarem as estratégias (por vezes inconscientes) de grupos exteriores ao campo (Bourdieu, 1989, p. 183).

Um forte exemplo sergipano dessas estratégias que Bourdieu (1989) menciona é a elite médica. A mudança conjuntural de fim da era dos coronéis fez com que muitos interessados também na medicina enxergassem o título de médico como uma forma de sua manutenção na elite do estado. Essa ação concomitante de vários atores da elite sergipana foi decisiva para a reestruturação dos poderosos grupos econômicos e políticos, mas ao mesmo tempo permitiu que as mesmas elites conservassem seu capital social (Petrarca, 2017). Em um contexto de aprofundamento desse debate, por meio da análise de trajetória de médicos com posição de destaque na história do ofício, é possível “estabelecer intercomunicações de ações entre os recursos sociais que possibilitaram o estabelecimento dessa profissão” (Bomfim; Petrarca, 2016, p. 7), como no caso do Dr. Augusto César Leite em Sergipe.

Diante da análise de um longo e determinante período histórico para a construção do que hoje se entende como a medicina sergipana, pesquisadores se debruçaram sobre “as formas de investimento e os espaços de consagração profissional” (Lima; Petrarca, 2016, p. 1) para chegar à interpretação dos processos, percursos e capitais que culminaram na atual estrutura da medicina sergipana. A constituição de uma elite própria para a medicina, mesmo que advenham de famílias integrantes da elite econômica, é caracterizada por expoentes que alcançaram posições de comando e chefia por meio de suas funções.

Sob características próprias, para o ofício de jogadoras de futebol, os capitais relacionados são, principalmente, o capital social, a partir dos espaços de socialização que o ator esteja inserido, e o capital esportivo, adquirido por meio do contato com esportes, mais precisamente o futebol. Especialmente pela ausência de credenciais e capacitações acadêmicas como critério para inserção, os recursos sociais assumem um caminho diferente no caso de jogadoras, o que aumenta a relevância da voz das atletas para percepção daquilo que se equivale ao critério de entrada.

Nessas trajetórias e percursos individuais voltados ao mundo do trabalho, Montagner (2007, p. 251) destaca a importância do *approche bibliography* de Bertaux, pois “parece ser a proposta de união entre níveis de análise comumente tomados separadamente, o sócio-estrutural (macro, objetivo) e o sócio-simbólico (micro, subjetivo)”. Desse modo, a discussão defende que as relações sociais vão além das intenções ou motivações individuais, pois se baseiam em condições e posições sociais, o que lhes confere uma existência mais concreta.

Assim, os itinerários e percursos profissionais vividos, além das reconversões desses aspectos na trajetória dos indivíduos, são mais relevantes sociologicamente que a linearidade da história de cada um, pois “perseguir uma trajetória significa acompanhar o desenrolar histórico de grupos sociais concretos em um espaço social definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade dentro do campo em que se inserem” (Montagner, 2007, p. 257).

Os relatos biográficos ajudam a acessar os grupos profissionais, tornando a trajetória um importante aspecto para estudá-los. No entanto, esse contato constitui um desafio, por precisar relacionar esquemas discursivos e o caminho individual do sujeito. Para Petrarca (2007, p. 19), “a análise precisa considerar tanto o trabalho das próprias instituições como o percurso e os itinerários dos indivíduos”, por isso, a análise de trajetórias é trazida nesta dissertação como segundo passo, após a realização da etapa de identificação dos processos de institucionalização da profissão estudada.

Petrarca (2007) utiliza o relato como recurso metodológico para entender o lugar do diploma e de outros recursos que impactam diretamente no acesso a espaços no Jornalismo. Nesse caso, os “outros recursos” podem ser enquadrados pelo capital adquirido por meio do universo familiar, profissional, grupos políticos, partidos, sindicatos e movimentos sociais. A importância dessa linha de raciocínio se dá pela necessidade de identificar estratégias e diferenças em meio à trajetória do indivíduo em determinada profissão.

Destarte, com o objetivo de identificar os modos de inserção e permanência na profissão de jogadoras, a análise de trajetórias é um caminho metodológico que se torna fundamental para o mapeamento das experiências e percursos da profissionalização no futebol. Indicadores para essas trajetórias são recursos e percursos objetivos utilizados; nível de escolaridade da jogadora e os clubes que fizeram parte; quando começaram a jogar e os principais incentivadores; o acúmulo de recursos e as habilidades necessários nesse processo; entre outros apreendidos nas informações. Alguns indicadores que podem ser identificados com a análise de trajetórias são o recebimento de salários, seja pelo futebol ou atuação profissional em outro cargo no time; a relação entre o salário recebido para jogar e a subsistência; entre outros. Diante de respostas a esses indicadores, é possível identificar trajetórias que representem caminhos para a inserção de mulheres enquanto jogadoras de futebol a partir da realidade do estado.

A experiência em cada fase da vida dessas atletas pode permitir percepções diferentes de vivências e preconceitos, assim como influenciar no modo como absorve provocações, ainda que se depare com “ninguém liga para o futebol feminino” com frequência. O afastamento temporal para com a proibição do futebol de mulheres no Brasil tem um impacto significativo na percepção das jogadoras, em especial no momento em que se deparam com a vontade de praticar o esporte inicialmente. No entanto, mesmo entre mulheres que jogam ao mesmo tempo, podem sentir a antiga proibição de formas diferentes, em especial devido à percepção do futebol de mulheres no ambiente em que constituiu a socialização primária: a família.

A construção de uma carreira no futebol de mulheres pode ser mais lenta ou mais acelerada, dependendo de uma série de fatores externos, como o suporte de clubes, contatos importantes e patrocinadores. Essa abordagem permite ir além da análise de fatores isolados, como o talento ou a dedicação, e considera a interseção entre diversos elementos e capitais históricos, sociais, culturais e econômicos que influenciam a trajetória dessas jogadoras. A relevância da contextualização histórica da institucionalização da profissão durante a interpretação de trajetórias é uma forma de levar em consideração a evolução do próprio campo esportivo e as mudanças em torno da luta por igualdade de gênero no esporte, o que não pode

ser compreendido de modo isolado. Além disso, também permite balizar as questões estruturais objetivas e subjetivas do campo do futebol de mulheres a partir do estado de Sergipe.

2.3 Cultura e socialização profissional

A ideia funcionalista que defende um conceito e uma definição específica de profissão foi duramente criticada por outras lentes que viam na vida cotidiana um aspecto fundamental para o entendimento de um grupo profissional. Assim, a leitura das profissões, enquanto uma categoria prática e, a partir disso, a utilização do próprio caso para definir o conceito, tornou-se um modo de abarcar grupos, cuja profissionalização possui poucos critérios de entrada e conta com baixo ou nulo reconhecimento social (Petrarca, 2015). Desse modo, a principal contribuição da perspectiva interacionista para a presente pesquisa se refere à importância de se considerar a inserção e a socialização profissional como determinantes da constituição do que é um grupo profissional.

Para Dubar (2012), muitos enxergam a “verdadeira vida” longe do trabalho, mesmo que a profissão seja escolhida, autônoma ou que permita uma progressão importante da vida. No entanto, o autor defende que

[...] elas dão um sentido à existência individual e organizam a vida de coletivos. Quer sejam chamadas de “ofícios”, “vocações” ou “profissões”, essas atividades não se reduzem à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social (Dubar, 2012, p. 334).

Esse reconhecimento se dá pelo que a instância que atribui um nome à profissão proporciona e, posteriormente, pela socialização e adaptação à cultura profissional. Para Hughes, essa socialização é tanto “uma **iniciação**, no sentido etnológico, à cultura profissional [...] quanto como uma **conversão**, no sentido religioso, do indivíduo a uma nova concepção de si e do mundo, em suma, a uma nova identidade” (Dubar, 2020, p. 182, grifo do autor). Portanto, a experiência de jogadoras e o contato direto com essas atletas auxiliam a compreender as condições de socialização valorizadas nessa prática profissional.

Na socialização, há três mecanismos: o aprendizado, a imitação e a identificação. Para Hughes, os três podem ser utilizados também para explicar a socialização profissional, fazendo ressalvas específicas para o trabalho. Com isso, Hughes define três mecanismos da socialização profissional, sendo

O primeiro, denominado "passagem através do espelho"[...]. É uma espécie de imersão na "cultura profissional", que aparece brutalmente como o "contrário" da cultura profana e levanta a angustiante questão sobre como "as duas culturas interagem no interior do indivíduo". A crise e o dilema instaurados pela "identificação progressiva com a função" só podem se dissipar por uma renúncia voluntária aos estereótipos profissionais concernentes à natureza das tarefas (tasks, skills), a concepção da função, à antecipação das carreiras e à imagem de si, que constituem, segundo o autor, os quatro elementos básicos da identidade profissional (Dubar, 2020, p. 182).

O segundo mecanismo de Hughes trata de gerir a dualidade presente na relação entre o modelo ideal da profissão e o modelo prático, ou seja, unir a valorização simbólica e as atividades do dia a dia. Assim, para o autor, uma carreira é constituída “objetivamente, em uma série de *status* e cargos claramente definidos. [...]. Subjetivamente, [...] é a perspectiva móvel pela qual a pessoa vê sua vida como um todo e interpreta o significado de seus vários atributos, ações e coisas que lhe acontecem” (Hughes, 1958, p. 63, tradução própria).

De acordo com esse pensamento, pode-se analisar a subjetiva levando em consideração os processos e as interações sociais, colocando como componentes as ações, as relações, os saberes compartilhados e os atributos presentes na vivência do ofício. É sob esse arcabouço que esta etapa da análise se enquadra, objetivando investigar enquanto indicadores da socialização profissional e construção de uma cultura própria da profissão: como ocorre a socialização e a constituição de suas redes de contato; a percepção das jogadoras sobre as categorias profissionais e amadoras, com base em suas experiências; as oportunidades e desafios que perpassaram sua jornada; as redes de relações que foram necessárias para a sua constituição, enquanto jogadora profissional; jargões e gírias utilizados entre as jogadoras, enquanto distinção da cultura futebolística feminina; as dinâmicas do cotidiano da profissão que caracterizam as habilidades valorizadas; e a forma de transmissão de saberes. Aqui, a subjetividade das atletas leva aos indicadores da dimensão de socialização profissional, pois ajuda a analisar o fenômeno estudado tanto como experiência coletiva, nas semelhanças, como individual, nas diferenças.

Para tanto, Hughes defende a constituição de um grupo de referência da profissão como uma representação daquilo que se pode alcançar na ascensão de alguma carreira, o que ajuda na gestão da dualidade anteriormente mencionada (Dubar, 2020). Isso se dá, pois, a partir do desenvolvimento de uma identidade profissional, o indivíduo se vê membro da profissão e passa a adotar valores e normas, visando alcançar a posição do grupo de referência. Dubar (2020, p. 183) pontua que essa projeção pessoal, visando uma posição futura da carreira,

[...] vai ao encontro da teoria mertoniana da “socialização antecipatória” [...] comparando-se aos membros de seu entorno dotados de um status social mais elevado, eles forjam para si uma identidade, não a partir de seu “grupo de pertencimento”, mas por identificação com um “grupo de referência”.

O terceiro e último mecanismo de Hughes tem a ver com a identidade em constituição, o ajuste da “concepção de si”, por meio da consciência das “suas ‘capacidades físicas, mentais e pessoais, de seus gostos e desgostos’ com as chances de carreira que o profissional pode razoavelmente esperar no futuro” (Dubar, 2020, p. 186). É pela relevância desse mecanismo que a inserção em outras esferas sociais possui impacto no processo de desenvolvimento da identidade profissional, pois permite uma consciência mais completa de si. A identificação de caminhos profissionais, considerando a institucionalização da profissão, as decisões e critérios que levam à ascensão na carreira são fundamentais para a inserção, ajustes de identidade profissional e para a permanência na carreira escolhida. Em resumo, a identidade profissional é internalizada e orienta ações e decisões, em especial aquelas tomadas no ambiente de trabalho e que promovem a aquisição de habilidades, comportamentos e valores da profissão, levando a uma adaptação ao ambiente e ao ofício.

Participar da socialização profissional significa incorporar valores, crenças e visões de uma cultura, que frequentemente se originam dentro da própria profissão. É nessa absorção que o profissional se ajusta à realidade vivenciada e passa pela internalização e o desenvolvimento da identidade profissional (Hughes, 1958).

Para Becker (2014), as carreiras são moldadas por processos sociais e interações, nas quais o significado de uma ação ou de um papel social é construído coletivamente, como a partir da padronização de instituições e organizações, socialização dentro dos grupos, as redes de relações, etc. Todos esses fatores são imprescindíveis para compreender a realidade desse grupo profissional, seus saberes, características, potenciais e desafios. O processo de constituição de trajetórias debatido na etapa anterior permite iniciar o contato com a socialização profissional, tão relevante para o entendimento prático da transmissão de saberes e lapidação de habilidades.

Petrarca (2015, p. 166) traz dois questionamentos que surgem nos estudos sobre socialização profissional: “Onde e como se adquirem as competências e as habilidades? Como se aprende o ofício?”. É nesse contexto que obras como “*The Professional Thief*” de Sutherland auxiliaram “numa reformulação na noção de profissão empreendida até então, trazendo a necessidade de pensar a atividade profissional como um processo biográfico e identitário” (Petrarca, 2015, p. 166). Essa mudança permite incluir ofícios enquanto objeto de pesquisa que anteriormente não eram considerados, mas que, ainda assim, possuem habilidades, conhecimentos específicos e uma cultura profissional que os permite serem estudados.

A interação dos resultados das análises dos processos biográficos com o mundo social permite compreender a cultura profissional. Como dito anteriormente, existem algumas pistas a serem seguidas na investigação sobre profissões, “primeiro, como se aprende um ofício e quais são as formas de transmissão do saber. Segundo, como ocorrem os processos de conversão a uma cultura profissional, a um mundo profissional, com seus códigos, redes de relações e formas de reconhecimento” (Petrarca, 2015, p. 173-174). Sob esses aspectos, o diploma e a institucionalização burocrática se tornam apenas mais uma forma de organização e definição de uma profissão.

Com esse intuito de trazer os processos biográficos e identitários para a composição de grupos profissionais, importa considerar a “soma de particularidades onde as lógicas históricas e institucionais ganham peso e delineiam a própria formação profissional” (Bomfim, 2019, p. 17). Portanto, ao ter contato com a percepção das jogadoras, é preciso considerar o local de onde elas vêm, bem como os lugares em que a socialização profissional iniciou e se desenvolveu. Por esse motivo, a socialização é a terceira etapa desta pesquisa.

A socialização no futebol se dá de maneira distinta nos diferentes estágios da carreira de uma atleta, desde o primeiro contato com o esporte até a experiência no futebol profissional. Como prática esportiva mais comum no Brasil, normalmente o interesse pelo futebol começa na infância, quando ele assume uma postura de meio de socialização entre crianças, como nos parquinhos, nas escolinhas de futebol e até mesmo na rua. Esse espaço envolve dinâmicas de interação e desenvolvimento pessoal que, embora compartilhem aspectos comuns, têm características próprias de acordo com o contexto e as exigências do esporte, em especial para aqueles que o enxergam enquanto uma carreira em potencial.

Desde o início do contato com o futebol, os praticantes interagem com pessoas de diferentes classes, etnias e vivências sociais. No caso daqueles que buscam se profissionalizar, posteriormente passam também por diferentes idades, culturas e contextos. Isso contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que as relações que surgem dentro e fora do campo criam uma rede de relações. Além disso, esse ambiente também ensina a lidar com situações desafiadoras, como performances insatisfatórias e trabalho sob pressão, uma vez que a resiliência emocional é fundamental na vivência amadora e profissional do esporte.

Ao chegar ao ambiente profissional, a socialização cresce e carrega consigo novos recursos sociais para o jogador. Algo que comumente acontece e é um aspecto importante da socialização profissional do futebol é a troca de experiências entre veteranos e novatos, a partir da qual os mais experientes passam adiante lições e conselhos. Assim, esse contato se torna

uma forma de transmissão de saberes e indicação das principais habilidades a serem trabalhadas, sejam elas físicas ou relacionais.

Autores como Soares (2024) e Reis (2006), apesar de analisarem momentos temporais distintos, concordam que “o futebol foi criado sob valores de masculinidade, valores exacerbados de virilidade, força e sobrepujança” (Reis, 2006, p. 14). Por isso, o futebol é muitas vezes um esporte associado ao universo masculino, potencializando a criação de barreiras propositais para impedir a inserção das mulheres nesse universo. Todavia, as mudanças sociais e as lutas para que elas passassem a praticar têm favorecido a criação de espaços de acolhimento e investimento na evolução técnica de meninas e mulheres no futebol, desde escolinhas ao acesso a infraestruturas avançadas para a prática profissional por mulheres.

A passagem de ídolos homens como referência para a presença de mulheres jogadoras profissionais e treinadoras pode servir como uma grande inspiração para outras meninas. A visibilidade do chamado “futebol feminino” foi muitas vezes sabotada para que as mulheres permanecessem em uma longínqua e inacessível categoria. Seguindo a ideia de “grupo de referência” de Hughes, no futebol de mulheres, faz parte do grupo aquelas que integram a equipe da Seleção, pois representar o seu país no campo é uma das máximas consagrações. No caso de Sergipe, nenhuma jogadora alcançou esse feito até o momento. Para isso, a jogadora precisa, entre outros critérios, estar entre as melhores atletas do país e ser convocada, o que passa pela percepção e escolha do técnico, influência de empresários e aprovação da cessão por parte do clube a que está vinculada. No entanto, antes de chegar a isso, existem algumas características objetivas quanto ao aprimoramento de habilidades, frequência de treinamento e indicação para clubes, cujo investimento é maior, entre outras necessidades atreladas ao exercício da função de jogadoras.

No que tange às características subjetivas, a incorporação de valores como o *fair-play*; as regras de comportamento não ditas, porém valorizadas; e o contato com veteranas nos times e os ídolos do futebol de mulheres podem aproximar as atletas tanto do grupo de pertencimento como do de referência. Ademais, nesse contexto, é preciso levar em consideração a estrutura do futebol, que passa por “panelinhas” semelhantes àquelas presentes no contexto dos músicos de Becker (2014), constituídas, nesse caso, por empresários, agentes, assessores e até mesmo técnicos. A relação profissional e as dinâmicas de poder para com outros ofícios do universo do futebol possuem grande importância na carreira das jogadoras.

O processo de socialização, nesse contexto, implica a construção de uma identidade profissional que equilibre o ser mulher, o ser parte de uma comunidade esportiva e, ao mesmo tempo, ter que lidar com reflexos da misoginia no futebol. A sociabilidade e os laços formados

com outras jogadoras contribuem para a construção de uma identidade profissional sólida (Costa; Frizzo, 2019), ainda que enfrentem desafios significativos, como a falta de oportunidades e o preconceito constante. Esses procedimentos são utilizados também como forma de entender os léxicos utilizados pelo grupo, além de identificar os espaços e características dessa profissão, ou seja, quais interpretações, símbolos e formas de comunicação são utilizados com mais afinco.

A soma das três dimensões possibilita o alcance de caminhos, recursos e aprendizagens importantes para uma mulher tornar-se jogadora de futebol. Portanto, os modos de inserção profissional e permanência das jogadoras no futebol podem ser encontrados entre os dados produzidos com base nas dimensões e nos métodos escolhidos para cada uma, permitindo dar sentido teórico às informações colhidas sobre e com jogadoras sergipanas de diversas cidades, períodos e times.

3 IMPEDIMENTOS E LUTAS: A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

Analisar as mudanças sociais influenciadas e impactadas por eventos históricos é objeto de atenção do método sócio-histórico. Devido à relevância dos contextos econômicos, sociais e políticos para as mudanças no mercado profissional e no âmbito das legislações do futebol, este capítulo tem como objetivo tecer um caminho histórico do futebol de mulheres³. Essa tecitura busca, a partir de leis e momentos históricos marcantes, visualizar a estrutura regulamentar do futebol brasileiro, com o olhar direcionado às mulheres dentro desse universo.

3.1 Os antecedentes da proibição

A chegada do futebol ao Brasil é popularmente creditada a Charles Miller, brasileiro descendente de britânicos que, no final do século XIX, teria trazido da Inglaterra o que se tornou a principal prática esportiva do país sul-americano. Outros nomes como Thomas Donohue e Oscar Cox também são citados como os “pais do futebol brasileiro”, muito por conta dos seus nomes constarem em documentos (Bonfim, 2019). Essa necessidade em se fazer presente nos registros é uma das dificuldades em traçar a história, em especial do futebol, pois implica apagamento àqueles que não foram registrados.

De todo modo, existem consensos sobre a importância das transformações nos espaços urbanos, pois foram responsáveis pelo ambiente propício à criação dos primeiros clubes esportivos no Brasil que, junto à evolução de meios de transporte, possibilitou mudanças na socialização da população, dando destaque à elite social e econômica.

O incentivo à presença feminina nesses espaços revelava o desejo de conferir ao ambiente a “leveza, a ternura e a beleza”, pretensamente expressadas por elas, além do interesse pela apreciação de suas práticas. Já para as mulheres era uma chance de desfrutarem das benesses da vida moderna, de ocuparem locais pensados para o mundo masculino, uma conquista de direitos (Almeida, 2017, p. 25).

Em meio a clubes esportivos que viam o frequentar de mulheres e crianças como uma forma de tornar familiar o ambiente, surgiram as figuras das torcedoras. Elogiadas, inclusive em jornais, por “embeleazar”, “iluminar” e “agraciar” o espetáculo esportivo à época, contudo,

³ Parte desse capítulo foi apresentado no V Seminário Nacional de Sociologia na Universidade Federal de Sergipe (2024), com publicação em forma de *paper*. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/21748/2/LutaDireitoJogarFutebol.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2025.

[...] nem só de animação e bons atributos físicos se faziam suficientes para tornar qualquer pessoa, uma torcedora. No caso do futebol, para associar-se, era exigido, além de uma permissão estatutária concedida pelos membros mais antigos, uma condição social diferenciada, capaz de assumir mensalidades e o pagamento de uma joia inicial do sócio. O futebol forjava-se como uma atividade extremamente elitista [...] e organizada praticamente na sua totalidade, por homens (Bonfim, 2019, p. 36).

Essas afirmações reiteram que as elites, primeiras a ter contato com o futebol, tentaram mantê-lo restrito à camada mais abastada da sociedade. O *status* social era o mais relevante critério para entrada nos clubes em todos os estados do país.

Ainda nas duas primeiras décadas do século XX, as mulheres frequentadoras passaram a ser instigadas a participar de eventos lúdicos e esportivos, muitas vezes organizados aos finais de semana, que incluíam competições e atividades recreativas como corridas, objetivando a saúde física, mas principalmente a ficar mais bonitas (Bonfim, 2019). Esse critério se dava pelo entendimento e interesse dos homens.

As primeiras referências de partidas de futebol disputadas por mulheres surgiram em 1919, ano em que há referência de uma partida realizada pelo Clube de Regatas do Flamengo, entre uma equipe feminina e o quadro infantil masculino (Bonfim, 2019), porém, se forem considerados apenas jogos entre dois times femininos, os registros indicam o ano de 1920 como o marco temporal. O time responsável por esse registro foi o Hélios Athletic Club, antes mesmo do jogo paulista entre Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921, normalmente considerado “o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil”.

Em Sergipe, o incentivo ao exercício físico, a partir do esporte, já era discutido, em especial por parte dos jornais. Para filiar-se a clubes esportivos, era necessário o pagamento em joias e mensalidades, o que restringia o acesso às elites. Entre falas da época sobre o assunto esporte, evidencia-se

[...] Ainda não será para já o exercitar-vos no divertimento e salutar jogo bretão, apesar mesmo da existência, em nosso próprio país, de agremiações femininas, que o adoptam. Nos Estados de Mato grosso, São Paulo, Minas Gerais e Rio, posso garantir-vos, já vossas delicadas companheiras de sexo se exercitam nele! Sou dos que pensam deva ser gradativa e moderada a macha de vossa nova vida esportiva! Do remo, ao qual, publica e galhardamente, destes as mais concludentes provas de adaptação pela elegância e desenvoltura com que o manejaestes, tereis que abordar o meu ver, a patinação, o excelente elemento de transição que vos levará desassombrados e firmes a conquista dos mais dificultosos passos do tennis, do basket, etc etc. ... (Correio de Aracaju, 1919, p. 2 *apud* Almeida, 2017, p. 42).

Essa fala de 1919 confirma que as informações sobre times femininos ao redor do Brasil chegavam a Sergipe com força, entretanto, os homens sergipanos ainda preferiam incentivar esportes que consideravam mais elegantes e moderados, desde que fossem praticados como atividades recreativas e não competitivas de fato. No estado, o Club Sportivo Feminino, fundado em 1919, era conhecido pela prática de mulheres associadas. Os esportes praticados eram: *law-tenis*, cabo de guerra, corrida, corrida com saltos e corrida com bandeiras (Almeida, 2017).

A vivência esportiva em Sergipe, assim como em outros estados, foi fundamental para permitir que mulheres tivessem acesso ao espaço público, onde a socialização era possível. Ainda que tenha precisado inicialmente do incentivo masculino, a prática de esportes por mulheres promoveu sua legitimidade para aparição pública. De modo geral, em todo o país, as festas esportivas parecem ter sido, para as mulheres no início do século XX, a oportunidade de contato com os esportes, primeiro a partir das arquibancadas e, posteriormente, em suas primeiras experiências praticando-os (Bonfim, 2019; Almeida, 2017). Nesse ambiente de elite, onde ocorreram os primeiros contatos com o futebol, a tentativa de restringir à camada mais abastada da sociedade esteve bastante presente, porém foi entre os mais pobres que o esporte realmente se difundiu como, por exemplo, no subúrbio carioca.

Entre os anos 1920 e 1930, o futebol de mulheres passou para um espaço diferente: o circo. Nessa nova configuração, o jogo era uma exibição, encenado e jogado por atrizes nesse famoso espaço de sociabilidade pública, principalmente em companhias como Irmãos Queirolo, Nerino e Irmãos Garcia (Bonfim, 2019). Para Silva e Capraro (2022, p. 6),

[...] a ideia de exotismo em que o futebol de mulheres foi conformado nesses espaços conferiu e reforçou valor à prática, englobou-a como mercadoria, a associou de antemão aos corpos das mulheres e reforçou uma ideia de impossibilidade de o futebol – esporte – ser praticado por elas.

Em 1940, dois times cariocas foram convidados a fazer um jogo preliminar ao confronto entre América Futebol Clube e São Paulo Futebol Clube, mas desistiram de última hora. O jogo que marcou efetivamente a presença de dois times femininos em um estádio de futebol ocorreu dias depois, antes do jogo entre Clube de Regatas do Flamengo e São Paulo Futebol Clube, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu.

Figura 1 – Notícia sobre o jogo entre Sport Club Brasileiro e Casino Realengo Futebol Clube



Fonte: Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2020)⁴.

Segundo o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2020), o amistoso, que começou às 19h45, não teve duração de 90 minutos, mas sim de 60. Ao final, Sport Club Brasileiro venceu por 2x0, gols de Zizinha e Sarah. Além dos 65 mil espectadores, o jogo preliminar contou com a ilustre presença de Leônidas da Silva, um dos mais importantes atacantes do futebol brasileiro, na época, e estrela do jogo principal.

Com essa crescente visibilidade do futebol de mulheres, acendeu-se, no governo estadonovista de Vargas, o discurso sobre determinados esportes não serem compatíveis com a natureza feminina. O momento-chave para direcionar a opinião pública e política contra o futebol de mulheres é também esse jogo, pois por conta do seu alcance, surgiram muitas reações negativas na mídia, que cobravam das autoridades uma solução.

Uma dessas reações foi a de José Fuzeira, um homem até então desconhecido, que endereçou uma carta a Getúlio Vargas afirmando ser uma insensatez permitir que mulheres praticassem esportes tão violentos.

⁴ Publicado no Medium do Museu do Futebol em 2020. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/as-pioneiras-do-pacaembu-80-anos-da-estreia-do-futebol-feminino-no-est%C3%A1dio-municipal-a61f6b9351b2>. Acesso em: 18 set. 2024.

[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... [...] é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destruidores da saúde de 2.200 futuras mães [...] (Museu do Futebol, 2015).

Esse posicionamento ganhou apoio de médicos e moralistas que, no contexto entreguerras, viam na maternidade a principal função social da mulher. Em outras palavras, a prioridade naquele momento era manter o controle sobre as mulheres nas mãos dos homens e do Estado. Para Franzini (2005), essa situação é a materialização da associação entre o autoritarismo político e a eugenia do período, que fazia do corpo um assunto de Estado. Goellner (2021, p. 2), por sua vez, entende que o protagonismo das mulheres no futebol

[...] sobretudo a partir da década de 1930, provocou reações dessa natureza. A apropriação do espaço público, tido como de domínio dos homens, e a decisão sobre os usos de seus corpos, entendida como uma ameaça à condução de uma maternidade sadia, desestabilizavam representações de gênero e, em última instância, relações de poder.

Assim, ainda que representantes dos clubes soubessem medir palavras para convencer a presidência do país da importância do futebol de mulheres, utilizando a disciplina e outros aspectos importantes no regime estadonovista como justificativa, não foi suficiente. A concordância da Subdivisão de Medicina Especializada do Ministério da Educação e Saúde, junto da opinião pública, atizada por falsas suspeitas de promiscuidade em excursões para campeonatos femininos, pautou o contexto de escritura do Decreto 3.199/1941.

3.2 O futebol em tempos de proibição

Em 1941, o Decreto 3.199 foi responsável por proibir práticas esportivas “incompatíveis com as condições de sua natureza” (Brasil, 1941, cap. IX, art. 54). Sob esse argumento, o Conselho Nacional de Desporto construiu o decreto e determinou um rol taxativo de modalidades permitidas e proibidas às mulheres. Ribeiro (2023) destaca a experiência de Newton Cavalcanti com a educação física militar, competência que garantiu a ele a responsabilidade de determinar as modalidades proibidas. Em ata, o Conselho Nacional de Desportos deixou terminantemente proibidos: “[...] futebol, rugby, polo e water polo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao organismo feminino” (Diário Oficial, 1941

apud Ribeiro, 2023, p. 97). Alguns esportes contavam com restrições para permissão, como no caso dos saltos, que não poderiam ser praticados com vara, em profundidade ou tríplices.

Os esportes incentivados, ainda por determinação de lei, eram “peteca, péla, tenis, voley e basket-ball” (Diário Oficial, 1941 *apud* Ribeiro, 2023, p. 97), desde que em campo reduzido no caso desse último. As permissões e proibições reforçam ideais da época sobre feminilidade e docilização às quais as mulheres deveriam se submeter. Assim, por um lado, os esportes proibidos eram considerados “esportes violentos” e não deveriam permitir mulheres, pois afetariam a anatomia feminina tanto no aspecto feminilidade quanto na maternidade. Por outro, também estão contempladas nesse decreto “distinções de classe, dada a valorização de esportes mais comumente praticados em clubes das classes altas e médias, como o vôlei e o basquete, em detrimento do futebol que se popularizava no subúrbio carioca” (Ribeiro, 2023, p. 98).

Figura 2 – Aviso de proibição do “futebol feminino” no Brasil exposto no Museu do Futebol



Fonte: acervo da autora (2023).

Ainda que a proibição fosse nacionalmente conhecida, existem documentos que comprovam que, na década de 1950, no Rio Grande do Sul, dois times de futebol (Corinthians e Vila Hilda) possuíam equipes masculinas e femininas, e realizavam jogos tanto em Pelotas como em outras regiões gaúchas. Essa atuação durou até o Conselho Nacional de Desportos receber uma notificação e barrar a prática (Ribeiro, 2018).

A década de 1950 ficou conhecida nesse ramo por outro motivo. Crescia no Brasil uma nova configuração do futebol: o futebol de salão. O engajamento feminino, em especial em São Paulo, para participar de campeonatos dessa nova modalidade aparece pela brecha da legislação em não nomear o futebol de salão entre as proibições. Até mesmo o jornal *A Gazeta Esportiva*,

que fez coro em favor do Decreto 3.199/41, passou a dar visibilidade e apoio à “revolucionária modalidade esportiva” também para mulheres. No entanto, o CND decidiu por proibir, entendendo que o Decreto se estendia ao futebol de salão e, assim, destruíram uma oportunidade de driblar a proibição ao futebol para mulheres. Por um lado, isso representa também a manutenção hegemônica dos ideais estadonovistas para o desporto mesmo em contexto político posterior (Ribeiro, 2023). Por outro, o curto tempo de prática do futebol de salão por parte das mulheres demonstra a vontade de praticar o esporte mesmo durante a proibição.

No Paraná, entre os anos de 1950 e 1951, o CND respondeu solicitações negando permissão para jogos de futebol de mulheres, porém, os times não deixaram de realizá-los. Em publicação no jornal de grande circulação do estado na época, foi dito que “as moças demonstraram que, apesar do estado quase impraticável do gramado, que sabem jogar futebol, um futebol bonito e com muita graça [...]” (Diário da Tarde, 1951, p. 3 *apud* Silva; Capraro, 2022, p. 14). Além dessa fala, o jornal declarou arrecadação de 105.312,00 cruzeiros, o que comprova a existência do jogo e, principalmente, mostra que havia um público interessado em assistir a mulheres jogarem.

Nesse contexto de final da década de 1950 e início da década de 1960, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) comunicou às federações nacionais para serem cautelosos quanto à prática do futebol por mulheres, o que provocou uma reiteração do Decreto de proibição com a Deliberação n.7 de 1965 do Conselho Nacional de Desportos, deixando explícito: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball” (Centro Esportivo Virtual, 2024).

A proibição foi reforçada já na Ditadura Militar, de caráter conservador e reacionário, mas não surtiu tanto efeito, pois algumas mulheres continuaram a praticar o futebol. Referências a esse ato de resistência foram publicadas pelo jornal O Fluminense, de Niterói, capital do estado do Rio de Janeiro na época.

[...] o jornal publicou que: “Nada menos do que dez “esquadrões” integrado por mulheres estão atuando em Niterói e São Gonçalo, depois que as equipes do Guarani e do Onze Unidos, do bairro Engenhoca, mediram força...”. Na mesma notícia, o jornal informou sobre as preparações das equipes do Guarani, de Niterói e do Esperança, de São Gonçalo, as quais tinham um amistoso programado para ser disputado (Batista, 2024, p. 104).

Essas notícias, segundo o próprio jornal, chegaram ao Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas, órgão responsável pela fiscalização e repressão de atividades recreativas proibidas na época. Acerca da interrupção das partidas, o Chefe de Censura afirmou que

precisaria ser um pedido da Federação Fluminense de Desportos (FFD), cujo diretor não era contra a prática feminina. Apesar de, na verdade, o interesse maior do diretor da FFD ser a sexualização das jogadoras, demonstra uma fragilidade na articulação entre instituições que seriam responsáveis por fazer valer a proibição (Batista, 2024). Assim, as mulheres, que não tinham nada a ver com a falta de consenso, seguiam marcando jogos e jogando-os.

A situação em Minas Gerais não estava diferente. O time do Vespasiano e do Oficina continuavam ativos sob proibição federal.

[...] as garotas conseguiram fazer sua primeira partida como preliminar de um jogo amistoso comum que seria realizado pelo time do Independente. Era o tipo de evento para o qual não se cobravam entradas, dada a pouca atratividade da disputa. Mas, a novidade do jogo de meninas fez com que houvesse maior interesse pelo certame, cuja arrecadação da portaria foi toda destinada às obras do muro do Grupo Escolar Padre José Senabre (Ribeiro, 2018, p. 61).

Como em outros casos, ao longo do período de proibição, muitas mulheres realizavam jogos com a justificativa beneficente, a fim de não serem repreendidas ou impedidas de jogar. Todavia, após esse acontecimento, outros jogos foram marcados, passando o interesse das meninas em praticarem o futebol à frente da arrecadação (Ribeiro, 2018). A prática esportiva em Vespasiano e região era em sua maioria lúdica e amadora, com exceção de alguns homens jogadores que se profissionalizaram em outras cidades. Por conta disso, as disputas entre Vespasiano e Oficina não foram muitas e apenas algumas praticantes continuaram jogando nos campinhos. A fase adulta foi o fim da participação dessas meninas no futebol, ainda que como brincadeira.

3.3 A transição democrática e a luta pela regulamentação

Os anos entre 1975 e 1985 ficaram conhecidos pela “Década das Mulheres” da Organização das Nações Unidas (ONU). Nesse momento, o movimento feminista lutava pelo direito das mulheres em relação à inserção no mercado de trabalho, defendendo condições sistêmicas de igualdade (Gimenes, 2024). Além disso, as conferências internacionais no âmbito da ONU foram criadas para discutir o tema mulheres, nelas e nos documentos oficiais discutia-se sobre

[...] o direito ao desenvolvimento e, no caso das pautas da Década, do direito das mulheres em se desenvolverem, seja econômica, social ou profissionalmente. No entanto, a nível nacional, essas metas estabelecidas pela ONU como essenciais ao avanço das mulheres nem sempre eram cumpridas. Muitos governos ignoravam a importância de inserir as mulheres

nesses processos, de modo que as condições de vida precária de milhares de mulheres eram perpetuadas (Gimenes, 2024, p. 12).

O contexto histórico da transição democrática é um momento importante de luta em prol da permissão e regulamentação do futebol de mulheres. Ainda sob proibição, Haag (2023a) destaca casos de participação feminina em jogos, evidentemente clandestinos, para manter vivo o futebol no pé das brasileiras. Ao mesmo tempo em que as mulheres ganhavam destaque nas lutas sociais do momento, evidenciadas pela atenção da ONU, o engajamento contra a restrição da autonomia feminina sobre seus corpos também ajudou a destravar a categoria. Esse momento, propício à luta feminista, também teve impacto no futebol de mulheres, que se apropriaram do espírito de rebeldia e da busca pela libertação feminina ao redor do mundo (Costa, 2017).

Por um lado, os movimentos feministas ganhavam espaço, por outro, havia mulheres que defendiam a autonomia, mas criticavam feministas e não se consideravam como tal. Mesmo sem permissão para mulheres jogarem futebol, um dos casos emblemáticos desse período é o de Jacy (Haag, 2023a). Para ter a jogadora em seu elenco, o time Coração de Leão ofereceu a ela um cargo na secretaria do Sport Club do Recife como auxiliar de escritório para poder receber um salário-mínimo enquanto jogava, pois era uma forma de driblar a não-profissionalização de jogadoras no quesito financeiro.

Desde a década de 1970, o futebol de areia ganhou adeptas, especialmente cariocas; nessa época passou também a ser noticiado o “futebol depois da louça lavada”, pois domésticas iam praticar o esporte depois do trabalho (Costa, 2017). No entanto, é na década de 1980, após a Deliberação nº 10/79, cuja principal função era extinguir a proibição da prática do futebol de mulheres, que começam a ser criados times femininos possibilitados de jogar campeonatos sem que corram risco de serem impedidas.

Almeida (2018) chama o fim dessa proibição de “Anistia ao Futebol Feminino”, pois a categoria precisou se “exilar” durante o período da ditadura. Além disso, a permissão não significou imediato imbricamento com as regulamentações do futebol, já que as mulheres permaneciam impedidas de jogar em estádios oficiais e profissionais pela própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que deveria assumir a postura de entidade fundamental para melhoria das condições trabalhistas de atletas desse esporte. Nesse caso, o objetivo aparentava ser reservar o futebol aos homens, pois “as jogadoras de futebol eram enquadradas na ideia de que jogavam por “amor”, atributo valorizado pelo futebol amador, porém não eram vistas como futuras craques de bola profissionais” (Silva, 2015, p. 78). A necessidade da justificativa beneficente para não serem impedidas de jogarem futebol, ainda que em contexto de não

proibição, demonstra que o Estado queria evitar, na verdade, a profissionalização de jogadoras de futebol.

Um dos momentos marcantes na luta pela regulamentação do futebol para mulheres é o I Festival Nacional de Mulheres nas Artes, de 1982, organizado por Ruth Escobar. Nesse Festival, dois times femininos fizeram uma importante partida como preliminar do confronto entre Sport Club Corinthians Paulista e São Paulo Futebol Clube, no Morumbi, e contou com transmissão da TV Globo. Em meio à tentativa da CBF de barrar o jogo de mulheres, o jogador corinthiano, Sócrates, importante nome da luta pela democracia no Brasil, afirmou, em defesa do jogo das mulheres: “O público está aqui para ver o futebol feminino. Não está para ver Corinthians e São Paulo não. Então se elas não entrarem, nós também não vamos entrar!” (Museu do Futebol, 2015). Essa fala, assim como de outros jogadores presentes como Casagrande, demonstram que não só as jogadoras lutavam para jogar em campos oficiais, mas também que a luta se tornou algo maior e que unia outros adeptos e apoiadores.

A visibilidade de outros atores foi primordial para a regulamentação, em especial Rose do Rio (jogadora, bacharel em Direito e Artes Dramáticas, fundadora e presidenta da Associação de Futebol Feminino do Rio de Janeiro), Esther de Figueiredo Ferraz (Ministra da Educação), Heloneida Studart (Deputada), Bete Mendes (atriz e deputada). Cada uma delas utilizou o seu alcance e poder para instigar a regulamentação e o profissionalismo para o futebol de mulheres.

O apontamento sobre o profissionalismo é bastante pertinente, pois Studart assinalava não somente a necessidade de regulamentar a prática, mas torná-la uma profissão possível às interessadas. Inseriu a proibição no conjunto de opressões que as brasileiras sofriam e que “interferiam na nossa individualidade”. Também enunciou uma crítica feroz aos homens e os poderes que exerciam sobre as mulheres, seja nos bens, nos domicílios ou nos palanques (Haag, 2023b, p. 85).

Como resultado dessa luta, a Deliberação de 1983, por um lado, aboliu de vez a proibição do futebol de mulheres no Brasil. No entanto, por outro, criou empecilhos para a profissionalização das jogadoras, deixando explícita no artigo 39 que dizia: “é vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo, até que a mesma seja regulamentada por lei” (Brasil, 1983). Para Haag (2023a), essa conjuntura é, na verdade, a evidência da falta de vontade política em relação à estruturação do mercado de trabalho do esporte, de modo a abarcar as mulheres praticantes. Essa decisão também esteve a cargo dos militares, por considerarem o esporte uma ferramenta de desenvolvimento estatal e, com essa justificativa, tomaram para si a responsabilidade de regê-lo, mantendo o desenvolvimento do futebol de mulheres sob sua

discrecionalidade. A regulamentação veio, nesse mesmo ano, com os dizeres de “o futebol feminino poderá ser praticado nos estados, nos municípios e nos territórios” (Westin, 2023), ficando subordinado à CBF.

A FIFA, especialmente na figura do brasileiro João Havelange, à época presidente da instituição, defendeu a importância de regulamentar o futebol de mulheres em 1982, após anos desaconselhando a categoria enquanto entidade importante do futebol mundial.

Tal posicionamento se transforma a partir da realização dos Campeonatos Mundiais de Futebol ocorridos em 1970, na Itália, com apoio da Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino (FIEFF), e em 1971, no México, aproveitando a estrutura da Copa do Mundo dos homens do ano anterior e organizada pela Associação Mexicana de Futebol Feminino. Ambos não tiveram a chancela da FIFA, o que deixou os dirigentes da entidade receosos com a possível força política e econômica das mulheres em se organizar paralelamente. A partir de então há uma mobilização para trazer o futebol de mulheres para dentro da organização, é muito mais uma preocupação em manter o seu monopólio e menos com o desenvolvimento da prática pelas mulheres (Haag, 2023b, p. 78).

O modo como a profissionalização do futebol é abordada nas leis ao longo dos anos reflete mudanças sociais. Uma das mais marcantes, a Lei Zico (8.672), foi promulgada em 1993 e versava sobre práticas formais e não-formais, diferenciando-as e criando regras diferentes para cada uma. Além disso, “foi criada para complementar o Artigo 217, distinguindo a prática esportiva em três manifestações: desporto educacional; desporto de participação; desporto de rendimento” (Santos, 2023, p. 17). A última visa resultados e competições cujas regras são definidas por entidades nacionais e internacionais (Brasil, 1993). Em 1998, essa lei foi revogada para ser substituída por aquela que se tornou a principal regulamentação em relação ao tema, a lei 9.615. Esta, que ficou conhecida como Lei Pelé, estabeleceu diretrizes trabalhistas, como a jornada de trabalho semanal e a obrigatoriedade de descanso; permitiu a flexibilização do sistema de transferências; e garantiu ao jogador uma maior liberdade para assinar contratos daqueles que oferecem a melhor proposta financeira (Brasil, 1998).

A promulgação da Lei Pelé, representando o fim do passe, levou a uma mudança significativa nas relações trabalhistas entre o jogador e o clube em que joga. Dessa forma, acabou com uma característica do vínculo empregatício do jogador na época: “controle excessivo do clube sobre o atleta, vinculando ambos, mesmo depois do término do contrato, sendo os clubes livres para decidirem sobre a negociação (ou não) dos jogadores” (Medrado, 2020, p. 14). Em outras palavras, o jogador deixou de ser patrimônio do clube – o que acontecia durante a vigência da regra do passe – e passou a ter poder de decisão quanto aos contratos a serem firmados, podendo escolher a quem fornece sua força de trabalho (Rodrigues, 2003).

Apesar de inicialmente isso ter acarretado uma baixa salarial, foi o primeiro passo para a transição do futebol da época para o futebol-empresa, inspirado no modelo europeu de sucesso, e que acentuou a hipercomercialização dessa modalidade esportiva (Gastaldo; Dunning, 2008).

O futebol de homens acompanhou esse processo de modo mais enfático se for comparado a outras modalidades, mas principalmente se for feito um paralelo com a categoria do futebol de mulheres. A influência das questões socioeconômicas do Brasil e do mundo foram capazes de moldar novas formas de se viver o futebol, seja para os atletas, para os dirigentes e para o público. No entanto, mudanças com relação ao crescimento da categoria praticada por mulheres não teve o automático imbricamento às novas estruturas do futebol.

A primeira competição de futebol de mulheres ocorreu em 1983, logo após a regulamentação oficial da modalidade. A Taça Brasil de Futebol Feminino contou com a participação de quatro equipes (Goellner, 2021, p. 5), nessa época, o principal time do Brasil era o carioca Esporte Clube Radar, um dos primeiros a disponibilizar moradia, transporte e salário para as jogadoras – ainda que abaixo do salário-mínimo da época (Almeida; Pisani, 2015). Esse investimento do clube deu a muitas mulheres uma esperança de se profissionalizar por meio do futebol, fazendo com que migrassem de outras cidades e regiões para o Rio de Janeiro.

Na época, as mulheres que queriam se tornar jogadoras de futebol não tinham empresários, então o convite para participar do time era feito pelos próprios dirigentes (Almeida; Pisani, 2015). Também era função desses dirigentes a organização das competições como campeonatos estaduais e a Taça Brasil; esse último passou a receber oito clubes e funcionava em estilo mata-mata⁵. Informações sobre esses campeonatos são bastante escassas, representando a “falta de interesse em conservar a memória dos campeonatos mais importantes disputados no período” (Almeida; Pisani, 2015, p. 7).

As jogadoras do Esporte Clube Radar, por ganharem todas as competições, sentiam-se representantes das mulheres que queriam se profissionalizar no futebol. Assim, criaram uma postura e um papel político para chamar a atenção de empresas que poderiam se tornar patrocinadoras do time e do futebol de mulheres como um todo.

3.4 O futebol de mulheres em Sergipe

⁵ Confrontos diretos, quem perde é eliminado.

Diante de todas as mudanças históricas na prática de futebol de mulheres no Brasil, os reflexos locais em outras regiões devem ser considerados com base em suas realidades. No caso de Sergipe, a principal fonte material de informações sobre o modo como o estado absorveu as regulamentações sobre futebol é o jornal Gazeta de Sergipe, que esteve no ar entre a queda da proibição e o primeiro Campeonato Sergipano Feminino.

Além deste jornal, radialistas que vivenciaram esse momento histórico de modo próximo ao futebol, como o senhor Paulo Santos e o senhor Carlos Cerqueira, concederam entrevistas para esta pesquisa visando compartilhar os acontecimentos e suas experiências com o futebol de mulheres sergipano. O primeiro, além de radialista, é dono do time e escolinha Zebra, um dos mais tradicionais do futebol sergipano e que, em determinado período, contou com uma equipe feminina. O segundo é também um nome importante, criou e foi patrono de um time de mulheres no estado, as Feministas do Bugio. As contribuições de ambos, diante do seu contato direto com o futebol de mulheres, auxiliam na construção social e histórica do tema, suprimindo lacunas que a bibliografia não contempla.

Um marco do futebol de mulheres sergipano é 1981, época em que o radialista Carlos Cerqueira viajou ao Rio de Janeiro e conheceu o Esporte Clube Radar, principal time da categoria como já mencionado. Dada a experiência de presenciar o sucesso de um time de mulheres, o jornalista voltou a Sergipe motivado em criar uma equipe local.

[...] lá tinha um sargento novo comigo, ele então tinha duas filhas, então fui lá conversar com ele, falei com ele, para tentar fazer um futebol feminino, se ele aceitasse que as filhas dele jogassem esse futebol, me acompanhar nessa jornada, ele falou, “não, não tenho nada com isso, mas se elas quiserem...”, então com certeza as duas filhas dele, duas jovens já, 15, 16 anos por essa idade aí, 17... essa faixa né? Aí conclusão, elas aceitaram, ficaram assim, “ah eu quero, eu quero, eu quero futebol”, eu vi o entusiasmo delas e me encheu mais ainda né?, de alegria e também de força de vontade de criar o futebol feminino, então pedi a elas que fossem no colégio e perguntassem às colegas delas, e chamassem para nós, então conversamos para fazer então um time de futebol, e assim foi feito, marquei uma data para nós nos reunirmos né? e vieram muitas meninas, né? um total, um total, ficamos umas 15 jovens né? [...] (Entrevista com Carlos Cerqueira, 2025).

Dois anos depois, logo após a publicação do decreto que permitia a prática de futebol de mulheres em 1983, vedada a profissionalização, essas mulheres sergipanas tiveram seu jogo estampado no jornal entre as notícias de esporte amadores. O nome, escolhido propositalmente para reforçar um posicionamento em prol da mulher que, assim como os homens, podia e queria jogar bola, deixou marcado seu espaço na história.

Figura 3 – Notícia do jogo de mulheres como preliminar do clássico em 15 de abril

FEMINISTAS

Domingo à tarde, na preliminar de Confiança e Sergipe, preliarão amistosamente, as equipes de futebol das Feministas do Bugio e Sesi da cidade de Marum. A equipe vencedora, ficará de posse do troféu "Industrial Idalito de Oliveira".

Fonte: Gazeta de Sergipe (1983).

Essa notícia, bem como outras encontradas no mesmo jornal à época, demonstram que, embora a primeira edição do Campeonato Sergipano Feminino seja datada de 2004, torneios e campeonatos de outras nomenclaturas pavimentaram o caminho para a construção da atual competição estadual de futebol de mulheres. Durante as primeiras experiências sergipanas, na década de 1980,

[...] não houve o campeonato, porque se tivesse tido o campeonato, aí logicamente saberia quem seria nossos adversários, aquela coisa, eram jogos esporádicos, né? Eu tinha o campo aqui do Batistão, tinha o campo aqui do Sesi, a minha disposição, então vinha uma equipe que jogava, as meninas que corriam para fazer na hora, eles também não tinham condições para manter um futebol feminino, como eu também não tive, então apenas jogavam futebol feminino, escolhiam aquelas meninas, vinham para jogar aquele futebol, às vezes vinham até sem uniforme propriamente, viu? Vinham sem identificação de time, porque não era um campeonato (Entrevista com Carlos Cerqueira, 2025).

Nesse período, importava dizer que havia meninas e mulheres interessadas em jogar, mas sem times organizados e dispostos a promover a prática delas como o Radar fazia no Rio de Janeiro e o Feministas do Bugio em Sergipe. A diferença entre ambos era o investimento, pois o Radar possuía um rendimento capaz de fornecer salário para as jogadoras e as Feministas do Bugio não eram um time que contava com patrocínios, jogavam por amor. No entanto, graças à frequência de organização de seus jogos e à relevância do seu patrono Carlos Cerqueira para o jornalismo esportivo local, as notícias começaram a dar atenção à categoria.

Figura 4 – Notícia sobre a criação do Departamento de Futebol Feminino

FIQUEM SABENDO
 A Federação Sergipana de Futebol, irá criar ainda este ano, o seu Departamento de Futebol Feminino. O radialista Carlos Cerqueira, será convidado pelo presidente Manoel Cardoso Barreto para dirigir o novo setor. /// Dirigentes de clubes
 Fonte: Gazeta de Sergipe (1983).

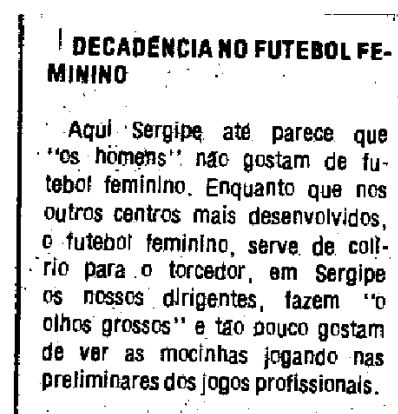
Apesar de ser promissora, sobre esse assunto publicado em 18 de maio, o próprio radialista afirmou que a criação não aconteceu e soube da informação apenas tempos depois. Em outras palavras, o Departamento não foi criado e as prováveis pioneiras do futebol de mulheres sergipano continuaram a depender de investimento próprio para continuar jogando. No ano seguinte a essas notícias, o radialista foi convidado por diversos times e associações para assumir a equipe feminina dessas instituições, demonstrando a sua relevância para a categoria, ao mesmo tempo que restringe à sua pessoa a atenção que os clubes davam ao futebol de mulheres.

[...] fui buscar o secretário, aquele secretário de esportes⁶, não lembro o nome, mas ele liberou o Batistão para mim [...] não tinha equipes, né? Adversários, quase não tínhamos aqui adversários, então, um jogo ou outro, eu consegui também fazê-lo no Batistão, quer dizer, a coisa se tornou um pouco maior, e infelizmente eu não pude dar continuidade, lamento, porque eu não tive apoio financeiro, sabe? (Entrevista com Carlos Cerqueira, 2025).

Depois de avanços como esse, a falta de apoio financeiro fez com que o time das Feministas do Bugio acabasse. Muitas meninas precisavam de chuteira, uniforme, equipamentos de uso essencial nos treinos e nos jogos, mas não podiam arcar com os custos. Assim, a vontade de jogar bola precisou ser deixada de lado, ao menos com a frequência que praticavam.

⁶ Não havia pasta específica de esportes na época; as decisões estavam a cargo do Secretário de Educação e Cultura, desse modo, não é possível afirmar a quem o entrevistado se refere.

Figura 5 – Notícia sobre a realidade do futebol feminino em 1984



Fonte: Gazeta de Sergipe (1984).

Essa notícia, apesar de ser reflexo desse momento, é também uma representação do que o futebol de mulheres no estado vivencia continuamente ao longo dos anos.

Nos anos seguintes, pouco foi mencionado sobre o futebol de mulheres sergipano nos jornais, o que implica limitadas informações. Por conta disso, o próximo marco temporal é o ano de 1997, momento em que o radialista Paulo Santos entra em cena e auxilia a traçar a linha histórica desse período.

A escolinha e time de futebol Zebra, criada por ele, recebeu esse nome por conta do animal homônimo, conhecido por ser indomesticável e pelas listras pretas e brancas, refletidas nos uniformes. Por volta de 1997, a escolinha de meninos passou a receber meninas a pedido de um de seus atletas, marcando uma época importante do futebol de mulheres no estado. Assim, foram juntando meninas e mais meninas para praticar o futebol. Nesse momento, realizaram diversos jogos, incluindo viagens para o interior visando enfrentar outros times – estes nem sempre organizados, pois alguns eram montados diretamente para essa disputa.

O contato do radialista Paulo Santos, dono do Zebra, com times do estado de São Paulo criou também oportunidades para jogadoras alcançarem times reconhecidos no cenário nacional.

[...] tinha um técnico de confiança aqui chamado Cidinho Romano, que ele saiu daqui e foi pra São Paulo, e assumiu o feminino do Palmeiras. Ele sabendo do trabalho que eu tinha aqui, aí ligou pra meu filho e disse assim: "Paulinho, fala com o seu pai que eu tô fazendo aqui um trabalho de observação aqui, pra ele trazer algumas meninas que tiverem destaque pra fazer o teste no Palmeiras". Isso era 97. Aí, tinha tudo agendado, já. Resumindo, na quarta-feira ele liga pra mim, "Paulo, teve um problema, eu tô saindo, larguei o Palmeiras. Agora, o outro é melhor". Conseguiu o teste pra mim no São Paulo, que era braço da seleção no feminino (Entrevista com Paulo Santos, 2024).

O Zebra jogava contra times de outras cidades e também times organizados em bairros da capital Aracaju, promovendo torneios que faziam meninas quererem se envolver e praticar o futebol, em especial para tirar a invencibilidade do Zebra, segundo o responsável pelo alvinegro.

Figura 6 – Time do Zebra no Estádio do Batistão em 1997



Fonte: acervo pessoal de Paulo Santos (2025).

O time durou cerca de 5 anos, mas provocou impacto significativo para as jogadoras que fizeram parte, pois permitiu o desenvolvimento do seu futebol e, para algumas delas, a chance de ser revelada e participar de times do sudeste, o principal destino das melhores atletas. Até o período histórico apresentado aqui, nenhum dos clubes tradicionais do futebol sergipano, como a Associação Desportiva Confiança e o Club Sportivo Sergipe, deram espaço ou criaram equipes para mulheres.

No início de 2004, mais precisamente 08 de janeiro, o editor de Esportes no Gazeta de Sergipe, Givaldo Batista, publicou uma notícia de reunião entre o presidente em exercício da Federação Sergipana de Futebol, à época o professor Ary Resende, o vice e advogado da FSF, Álvaro Fraga, e o secretário-chefe da Casa Civil, Flávio Conceição, para discussão acerca de um patrocínio estadual para o Campeonato Sergipano de Futebol. Na mesma notícia, afirmava que o projeto para tal patrocínio já havia sido comunicado ao Secretário de Estado da Fazenda, Max Andrade que, por sua vez, aguardava a decisão final do, então, Governador João Alves Filho. A reunião seria, nesse último momento, essencial para chegar a uma resposta. No entanto,

é importante ressaltar que esse patrocínio era específico para o Campeonato Sergipano de Futebol profissional e praticado por homens, estando excluídas as competições de base e femininas.

Apesar de o patrocínio não incluir as mulheres atletas, em 2004 ocorreu a primeira edição do Campeonato Sergipano de Futebol Feminino, sob organização da Federação Sergipana de Futebol. Por um lado, houve muita pressão das jogadoras para que fosse realizada a competição; por outro, a iminência de campeonatos nacionais da categoria fez a CBF direta e indiretamente levar as federações a organizarem seus campeonatos estaduais.

Em 2005, a FSF organizou um “torneio de futebol feminino” no estádio Adolfo Rollemberg, de 28 de fevereiro a 2 de março. O evento contava com o apoio da CBF e visava promover o futebol de mulheres no Brasil. Com a presença do técnico da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, as jogadoras não só competiam pelo título de campeãs, mas também por uma oportunidade de ser selecionada para a Seleção Brasileira Sub-20 e para auxiliar na preparação aos Jogos Pan-Americanos de 2007 que seriam, posteriormente, sediados no Rio de Janeiro.

A expectativa dos dirigentes da FSF é contar com a participação de 12 equipes, uma vez que existe uma certa dificuldade, na formação de equipes sub-20, o que não acontece, quando a competição não conta com limite de idade. Segundo Gilson Dória, até o momento já confirmaram inscrição, as equipes do Novo Horizonte, Santos Dumont, Independente, Acorda Brasil e Porto. Conforme o regulamento já divulgado pela FSF, a competição será disputada no sistema de eliminatórias simples e cada partida terá a duração de 20 minutos, dividida em dois tempos de 10 minutos, por cinco de descanso (Dirigentes..., 2005).

Quando da chegada de 2007, a CBF anunciou a criação da Copa do Brasil de Futebol Feminino, na qual cada estado deveria enviar um time para representar o estado. Considerando a relevância da competição e da participação de clubes sergipanos em jogos contra times de fora, 2007 é outro marco temporal. Em Sergipe, os times Itabaiana, Sergipe e Maruinense demonstraram interesse e, para decidir, foi idealizado um torneio (Sergipe..., 2007). Para além desse torneio, o Campeonato Sergipano Feminino, desse mesmo ano, contou com a participação de Itabaiana, Força Jovem, Juventude de Estância, Maruinense Independente, Cotinguiba e Vasco Socorrense (Sergipe..., 2007).

Em sequência a esse recorte, destaca-se o Boca Juniors, especialmente em 2009 e 2011, anos em que foram campeões estaduais com o time feminino. A estrutura do time hospedava as jogadoras na cidade para fazer uma preparação para a Copa do Brasil, indicando certa organização e treinamento para representar o estado.

Em 2016, o Boca Juniors foi campeão estadual sobre o Canindé, porém o jogo foi atípico, pois a final ocorreu como uma preliminar de um clássico entre a Associação Desportiva Confiança e o Club Sportivo Sergipe masculino. Por um lado, aparenta ser negativo por não separar os jogos; por outro, a torcida que chegou para ver os homens, pôde se empolgar e torcer pelas mulheres que jogavam. Assim, elas puderam ter uma experiência de estádio lotado para vê-las jogarem. A identificação da torcida da Associação Desportiva Confiança com a cor azul, que os representa tanto quanto ao Boca Juniors, dividiu as torcidas para torcerem: o Dragão para o Boca Juniors e o Gipão para o Canindé.

A FSF, principal entidade do estado, possui dados de participação em Campeonato Sergipano de Futebol Feminino, apenas a partir de 2018. Essa é a única competição estadual sergipana, o que implica na temporada curta para as jogadoras que, por sua vez, para não ficarem esse tempo paradas, muitas delas participam também das modalidades futsal e fut7. As equipes mais presentes nas edições desde então são: Estanciano Futebol Clube; Associação Desportiva Confiança (a partir de 2022); Rosário Central; Grêmio Santos Dumont; Força Jovem; Canindé do São Francisco; Lagarto; e Cotinguiba Esporte Clube. Segundo informação da própria Federação, como se trata de competição não profissional, não há confecção de borderô, ou seja, mensuração de renda e público. Essa é a realidade burocrática do atual futebol de mulheres sergipano.

A apresentação da sócio-história neste capítulo leva a identificar semelhanças entre o contexto histórico nacional e o sergipano, apesar de o futebol no menor estado do país aparentar lentos passos. A construção da carreira de jogadora de futebol em Sergipe se sujeita à conjuntura local e será investigada nas seções posteriores, com o auxílio dos principais atores desse processo: as jogadoras.

3.5 A busca pela robustez da institucionalização

O futebol é organizado principalmente do internacional para o local, ou seja, as diretrizes da FIFA passam pelas Confederações, no caso do Brasil a CBF, e seguem para as federações estaduais, a FSF no caso sergipano, feitas as devidas adaptações no que é cabido. Nesse sentido, a FIFA assumiu, a partir de 2004, uma postura incisiva em prol do desenvolvimento do futebol de mulheres no mundo, tomando para si a responsabilidade de instigar as federações a fortalecer a categoria. Em 2015, as “Diretrizes e Programas de Desenvolvimento do Futebol Feminino” foram instituídas para construir bases sólidas, visando o desenvolvimento do futebol de mulheres, seguido do “Programa de Desenvolvimento

Avançado”, de 2016, criado para fomentar “maiores investimentos, supervisão, incentivo, suporte e desenvolvimento do futebol em escala global” (Accocella; Silva; Martins; Galatti, 2023, p. 3).

Apenas em 2013, com apoio financeiro da Caixa Econômica Federal, foi criado o primeiro Campeonato Brasileiro Feminino, de maior relevância no âmbito nacional, notadamente 30 anos após a primeira regulamentação do futebol de mulheres no país. Esse tardio investimento demonstra a falta de interesse dos responsáveis pela instituição em promover a categoria e profissionalizar as jogadoras, relegando sua participação a poucos jogos durante o ano.

A primeira edição do Campeonato Brasileiro Feminino contou com a participação de 20 equipes, de todas as cinco Regiões do país. Após a extinção da Copa do Brasil Feminina em 2016, foi criado um segundo escalão do Campeonato Brasileiro, a Série A2 com 16 clubes, mesmo número de que equipes passaria a ter a primeira divisão, agora denominada de Série A1. (Accocella; Silva; Martins; Galatti, 2023, p. 4).

Mais recentemente, em 2023, o Ministério do Esporte (MESP) criou a Estratégia Nacional para o Futebol Feminino, a partir do Decreto 11.458/2023, para fomentar o futebol de mulheres. Essa medida propõe, sobretudo, a melhoria na estrutura e participação nesta modalidade, incluindo a quantidade máxima de atletas amadoras por competição e o prazo mínimo para a vigência dos contratos (Brasil, 2023). O termo amador, nesse contexto, refere-se ao atleta não remunerado e sem contrato formal de trabalho. A obrigação de reduzir o número de amadoras demonstra que um dos intuitos do Decreto é incentivar os clubes a profissionalizar as jogadoras em troca da participação.

Ao mesmo tempo, a Confederação Brasileira de Futebol anunciou a obrigatoriedade de clubes de futebol que jogam a série A do Campeonato Brasileiro terem um time de futebol de mulheres. Segundo o presidente, a partir de 2027, essa normativa também deve alcançar aqueles que jogam as séries B, C e D (Jorge, 2023). Em Sergipe, o Governo do Estado e a Secretaria de Estado de Esporte e Lazer anunciaram patrocínio a clubes de futebol sergipanos da

[...] Série A1 do Campeonato Sergipano masculino e ao time feminino do Estanciano, que representa o estado na Série A3 do Brasileirão [...] em contrapartida, esses clubes terão que criar ou fortalecer suas escolinhas de futebol para jovens a partir dos 12 anos e disponibilizar seus centros de treinamento para os times femininos (Sergipe, 2023).

No início de 2025⁷, o Governo de Sergipe atualizou o valor do patrocínio, porém com os mesmos moldes: os times masculinos e, por ser a equipe representante do estado no Brasileirão A3 do ano seguinte, a equipe vencedora do Campeonato Sergipano Feminino (Spínola, 2025). O valor dobrou em relação ao último investimento para as campeãs estaduais, contudo, continua restrito ao título. As iniciativas parecem promissoras, pois foi nesse contexto que a Associação Desportiva Confiança criou seu time de mulheres em 2022. No entanto, o receio dos clubes criarem times femininos apenas para cumprir a regra, isto é, sem dar o devido incentivo para as jogadoras, ainda persiste. Essa realidade não é apenas de Sergipe, mas do país todo.

Além disso, a partir dos indicadores de Williams (2011) e do debate aqui traçado, é possível perceber que a criação de competições oficiais é relativamente recente, em especial no que se refere à regularidade anual desses campeonatos. A FSF passou a tornar constante a realização do Campeonato Sergipano Feminino diante dessa vaga do representante estadual no Brasileirão A3, o que indica uma importância do efeito cascata das regulações internacionais, nacionais e os reflexos delas nas estaduais. Nesse sentido, a participação em nível nacional advém da vaga no Brasileirão A3 e da reativação da Copa do Brasil. Em 2024, o campeão ganhou ambas as vagas para disputar em 2025 as duas competições, ampliando o calendário de jogos desse time que, ao contrário dos outros, não ficou restrito ao único mês de Campeonato Sergipano Feminino. Outro indicador da autora que pode ser pontuado é o de promoção de categorias de base, pois em 2024 foi criado o primeiro Campeonato Sergipano Feminino sub-17, com auxílio da Secretaria Estadual de Esporte e Lazer de Sergipe (SEEL).

Ademais, até o momento da pesquisa, não é possível identificar por completo as etapas de profissionalização que Williams (2011) desenhou a partir da realidade da Europa. Porém, do macro ao micro profissionalismo, existem alguns pontos que o Brasil já alcançou e a existência de campeonatos nacionais é um exemplo disso. Quanto à migração de jogadoras para outros estados e países, nos clubes de grande expressão, atletas são vendidas para clubes de mesmo patamar ou para outros países como os Estados Unidos e a Inglaterra, por exemplo. No entanto, em relação a Sergipe, apesar de as jogadoras entrevistadas não possuírem experiências nesse sentido, as transferências de atletas para clubes de outros estados é uma realidade, visto que elas tentam jogar mais vezes durante o ano e essas competições nem sempre são concomitantes. Além disso, em 2026, um caso particular aconteceu: uma jogadora que participou do

⁷ O ano de 2025 não faz parte do recorte temporal desta pesquisa, porém, o recebimento desse novo patrocínio está vinculado ao Campeonato Sergipano de 2024, pois o campeão dessa edição se torna o representante sergipano no Brasileirão A3 e, portanto, recebe os valores em questão.

Campeonato Sergipano Feminino 2024 e 2025 assinou contrato com um time da Albânia, migrando para outro país⁸.

Do lado positivo, meninas que despontaram como promessas em escolinhas e categorias de base do futsal ou fut7 sergipano conseguiram acessar esses espaços e migraram para a categoria de base de um clube de grande expressão, como por exemplo Júlia Correia e Dafhiny no São Paulo Futebol Clube e Sport Clube Corinthians Paulista, respectivamente, mas nenhuma delas chegou a participar do Campeonato Sergipano Feminino de futebol nem são da categoria adulto e, portanto, não fizeram parte do recorte para a pesquisa de campo.

Essa breve análise permite uma percepção diferenciada para a realidade brasileira e local, visto que nem sempre é preciso utilizar padrões europeus para avaliar o momento em que o futebol de mulheres se encontra. A própria estrutura dos Estados Unidos acerca do tema já apresenta uma conjuntura diferente, por ser potência na categoria do futebol de mulheres, não é comparável de forma integral, mas fornece bases para entender o espaço do Brasil nessa profissionalização do futebol de mulheres, sem que se deixe de lado a inspiração nos modelos de sucesso mundial.

Por fim, neste capítulo foi possível discutir, para além dos pontos já mencionados, sobre como a própria prática do futebol de mulheres passou de uma brincadeira para um ato de resistência em relação à proibição, aos não que as jogadoras receberam e recebem, ao preconceito, à falta de patrocinadores e de investimento. Moraes, Pisani e Kessler (2024), ao tratarem sobre a pouca e espaçada fonte de informações sobre o futebol de mulheres, pontuam a resistência relacionada também ao aguardar o momento de contar histórias sobre essas atletas que não aceitaram desistir, pois muitas delas tiveram relatos e momentos apagados da história. A inserção e a permanência das mulheres no futebol faz parte da luta e da resistência feminina no esporte. Em Sergipe, por sua vez, os registros estão associados aos times criados para não deixar de lado a paixão pelo futebol, a partir dos jogos realizados entre cidades e bairros. Ainda assim, o estado colhe frutos do contexto nacional e a institucionalização provoca impactos nas federações e clubes ao redor do país.

⁸ Essa jogadora não está entre as entrevistadas.

4 DRIBLES E CAMINHOS: AS TRAJETÓRIAS DAS JOGADORAS

Este capítulo tem como objetivo analisar as trajetórias das jogadoras que culminaram na sua participação no Campeonato Sergipano Feminino de 2024, considerando etapas da carreira de jogadora de futebol, bem como os aspectos pessoais e sistêmicos que influenciaram esse processo. Para tanto, a utilização de questionário e de entrevistas foi essencial para acessar informações que possibilitaram a construção desse debate. Assim, foi possível também perceber recursos sociais necessários, na maioria dos casos, e, com isso, identificar trajetórias comuns entre as atletas.

A carreira de jogador de futebol é entendida a partir de alguns estágios: o de iniciação, categorias de base e categoria adulto/profissional. Nas categorias de base existem subdivisões como Sub-7, Sub-9, Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-20, de modo a equilibrar as idades e acompanhar o processo tanto de crescimento da criança até se tornar adulta quanto do desenvolvimento do atleta até as etapas sub-17 e sub-20. Nessas últimas são estabelecidos contatos para contrato profissional com clubes de futebol ou o momento em que a carreira é abandonada. Nesse sentido, a formação de atletas até a etapa profissional perpassa por escolinhas ou mesmo por clubes profissionais. No último caso, há captação de talentos desde cedo para as categorias de base, especialmente via olheiros e peneiras⁹.

A entrada em categorias de base de clubes é um marcador importante para a carreira de um jogador de futebol, no entanto, quando se trata do futebol de mulheres, há pouca variedade de categorias de base mesmo em clubes como no eixo sul-sudeste. Um exemplo disso é o campeonato de futebol de mulheres sub-17 que, na Federação Paulista de Futebol (FPF), pioneira nesse quesito, estreou em 2017. Atualmente, existem campeonatos em outras categorias de base para meninas como o sub-15, mas se concentram também nessa região. Em Sergipe, existe apenas o campeonato sub-17, que contou com a primeira edição em 2024, demonstrando diferenças para com o cenário nacional, o que indica diferentes processos e trajetórias que levaram as jogadoras à categoria adulto no futebol.

4.1 O mapeamento das jogadoras

Em primeiro momento, o contato foi traçado com as jogadoras por meio de questionário no *Google Forms*, para realizar um mapeamento inicial sobre o perfil das atletas e, ao mesmo

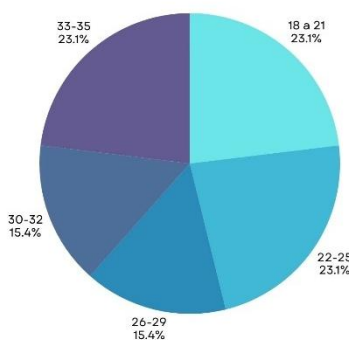
⁹ Peneiras são processos seletivos que ocorrem com certa frequência para captar talentos para os clubes. Muitas jovens começam suas carreiras por meio dessa experiência, pois passam a integrar as categorias de base de clubes.

tempo, solicitar entrevistas na última pergunta a ser respondida. No formulário digital, o termo de consentimento¹⁰ foi adicionado com as explicações e o contato para possíveis dúvidas. Apesar disso, nenhuma das 13 jogadoras que responderam tiveram dúvidas. O número de respostas representa aproximadamente 12% das atletas que participaram do Campeonato Sergipano Feminino de 2024¹¹, apesar de o número de contactadas ser maior. Para as entrevistas aceitas durante a resposta ao questionário, houve um balanceamento entre os cinco times inscritos, permitindo abarcar ao menos uma jogadora por clube e conhecer a sua realidade.

O alcance das jogadoras foi um tanto dificultoso, apesar do contato direto com os dirigentes de seus clubes e do envio do formulário por parte destes. A resposta depende essencialmente do interesse em participar da pesquisa, o que não pareceu muito forte entre elas. Um ponto importante sobre isso é que uma das jogadoras mais solícitas em relação ao questionário e à entrevista é também pesquisadora, inclusive engajada em grupos de pesquisa sobre futebol sergipano, em especial o de mulheres. Essa informação revela também a importância de existirem pesquisadores entre os sujeitos e atores sociais, pois entendem o papel da academia para a construção de debates e melhorias da conjuntura em que estão inseridos.

À guisa da apresentação do perfil das atletas, a maioria das jogadoras é sergipana, enquanto apenas uma delas é baiana. Em relação à faixa etária, o resultado foi bastante variado, entre 18 e 35 anos, como é possível ver no gráfico 1.

Gráfico 1 – Faixa etária das jogadoras



Fonte: elaborado pela autora (2025).

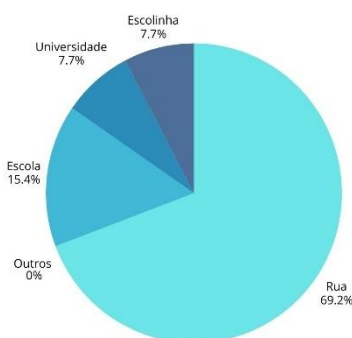
As atletas, em sua maioria, tiveram o primeiro contato com o futebol na rua, seguido da escola e, por último, a universidade e a escolinha empatados. Nota-se, no gráfico 2, que

¹⁰ Presente no apêndice desta dissertação.

¹¹ Segundo Souza (2025), o campeonato contou com aproximadamente 107 inscritas.

ninguém preencheu com a resposta “Outros”, o que indica uma totalidade de experiências entre as alternativas marcadas.

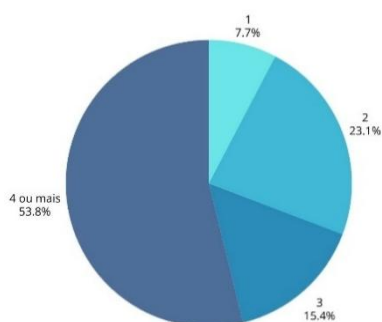
Gráfico 2 – Primeiro contato com o futebol



Fonte: elaborado pela autora (2025).

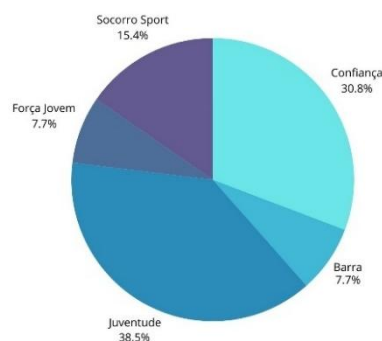
Além disso, dois aspectos são relevantes para o panorama desta pesquisa: a quantidade de Campeonatos Sergipanos que participaram, ainda que o recorte das entrevistas se restrinja a 2024, e os clubes aos quais essas jogadoras estão vinculadas.

Gráfico 3 – Participação em campeonatos



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Gráfico 4 – Time sergipano que representam



Fonte: elaborado pela autora (2025).

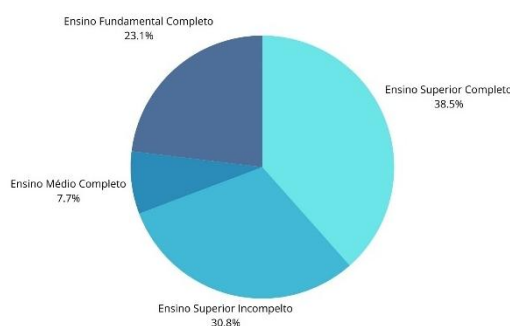
Com essas respostas, podemos perceber uma variedade de experiências, especialmente pelo indicado no gráfico 3, e uma maior presença de jogadoras do Confiança e do Juventude, campeãs das edições de 2023 e 2024, respectivamente. Apesar da diferença de porcentagem, as respostas abarcam todos os clubes que participaram do Campeonato Sergipano Feminino 2024, auxiliando na interpretação da realidade com base no todo.

4.1.1 Processo de formação social das atletas

Para entender o processo de formação social, passaremos neste subcapítulo pela formação acadêmica da atleta e de sua família, bem como emprego dos pais e renda familiar que permearam os bastidores da vida dessas jogadoras. Em seguida, falas das atletas serão inseridas para promover a discussão no capítulo. No entanto, para manter o anonimato, os nomes serão substituídos por jogadoras conhecidas nacionalmente, em especial pela sua participação na Seleção Brasileira e na história do futebol de mulheres, são elas: Marta, Cristiane, Tamires, Roseli, Rosana e Yaya.

Em relação à família das jogadoras que preencheram o formulário, apenas 46,2% dos pais têm ensino médio completo enquanto para as mães esse valor cai para 30,8%. A quantidade de irmãos varia de 0 a 7, incluindo uma resposta com “vários” que não foi específica. Esses irmãos possuem uma variação na idade entre 1 e mais de 35 anos, tendo a maioria dos mais jovens formação compatível com a idade, isto é, ensino fundamental ou médio completo. Quanto aos mais velhos, nem todos fizeram graduação, apenas duas atletas indicaram formação superior dos irmãos e mencionaram enfermagem, técnico em enfermagem e administração. Já em relação a elas próprias, o gráfico 5 apresenta suas porcentagens de formação educacional.

Gráfico 5 – Grau de escolaridade das jogadoras



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Há uma variedade maior na formação acadêmica das jogadoras em comparação com seus familiares. Em respostas complementares, 76,9% estudaram em escola pública; 15,4% em escola privada com bolsa; e 7,7% em escola privada com recursos próprios. Já no ensino superior, para aquelas que fizeram, os resultados marcam 50% para universidade privada e pública. Dentre as que cursaram ensino superior, 81,1% precisaram trabalhar enquanto estudavam.

Os cursos de graduação foram variados, com Educação Física aparecendo três vezes entre as respostas, seguido por Administração, Serviço Social, Ecologia, Engenharia de Produção, Medicina Veterinária e Matemática, com uma aparição cada. No entanto, a atuação profissional para além do futebol muda um pouco, especialmente ao acrescentar aquelas que não cursaram o ensino superior. Assim, para as 76,9% que possuem vínculo empregatício, os ofícios concomitantes ao futebol são: (1) Administrativo, (1) Assistente de Prevenção de Perdas, (1) Assistente Social, (1) Auxiliar de Produção, (1) Auxiliar de Linha de Produção, (1) Professora de Badminton, (1) Frente de Loja, (1) Futsal profissional, (1) Professora de Judô e Médica Veterinária, (1) Trabalho na Roça.

Esses dados nos apresentam um aparente baixo capital cultural advindo dos pais, no sentido que Bourdieu dá à formação acadêmica, já que boa parte delas é a primeira geração a alcançar os estudos até o nível universitário. Além disso, 84,6% das atletas vivem com até 2 salários-mínimos como renda mensal, indicando que o alto capital econômico não é um fator para o ofício. Pelo contrário, o baixo capital econômico é, historicamente, associado ao futebol de mulheres desde a sua expansão entre domésticas e nos subúrbios cariocas, como mencionado no capítulo anterior. Essa informação relaciona as jogadoras sergipanas ao contexto social e histórico do futebol de mulheres brasileiro.

4.2 Inserção e permanência no ofício

A presente sub-seção tem como objetivo traçar a trajetória das jogadoras sob o processo de contato com o futebol, inserção profissional, mudanças entre clubes e a progressão por meio de suas experiências na carreira. Para tanto, as entrevistas realizadas apresentam um maior impacto no desenvolvimento dessa etapa da pesquisa, pois é a partir da conversa sobre as experiências que se encontra o caminho percorrido pelas atletas, suas semelhanças e diferenças.

Diante do contato com as jogadoras, foi possível identificar três estágios da carreira. O primeiro deles se refere à iniciação no futebol, pautado pelos primeiros contatos com o esporte e com suas regras, procedimentos e conhecimento dos jargões. O segundo, por sua vez, está centrado ao início das participações em Campeonatos, especialmente o Campeonato Sergipano Feminino, independente do clube que estivesse vinculada. Por último, o terceiro estágio está associado à estabilidade em certo time, pois a identificação com um clube e a ausência de migração para outros ao fim da competição demonstra um novo parâmetro para a prática dessas atletas. Para enxergar essa mudança entre estágios, as trajetórias das jogadoras entrevistadas serão apresentadas a seguir.

4.2.1 O primeiro contato com o futebol e o impacto familiar

Como dito na etapa de mapeamento, o primeiro contato com o futebol da maioria delas foi na rua. Dentre as entrevistadas, todas começaram nesse ambiente. Ao serem questionadas sobre como o futebol apareceu em suas vidas, as atletas viajaram no tempo para a infância, cada uma com sua particularidade, mas reforçando o contato inicial com a prática junto aos meninos.

Teve a influência, além da família, de uns primos que falavam ‘ah, pra que time você torce?’ E na época não tinha nenhum time, né? Só via, assim, passar na televisão, mas não tinha nenhum time. Aí comecei a acompanhar, e depois comecei a acompanhar o meu irmão nos jogos que ele ia jogar com os amigos [...] aí comecei a brincar, e depois brincar na rua com os vizinhos e na escola. Aí foi quase que uma simbiose ali que deu certo (Entrevista com Tamires, 2025).

Eu tinha...acho que oito anos de idade, meio que eu sempre gostei de brincar com os meninos. A vida toda, gostava de brincar com os meninos. Aí, eu estava com o meu tio. Eu ia para o campo que tinha ali perto de casa. E eu assistia ele jogar e começava a chutar [...]. Eu comecei a jogar e jogar com os meninos, sempre com os meninos. E a vida toda, só joguei futebol com os meninos. E aí, foi que eu comecei... Com treze anos de idade. Comecei a jogar numa escolinha com os meninos, né? Também. Aí, no meio dos meninos, só tinha eu (Entrevista com Marta, 2025).

Eu morava no interior, então os meninos jogavam numa escolinha de futsal lá e eu jogava sempre com eles na rua, né? Eu não jogava ainda na escolinha, quando eu comecei. Eu não lembro muito bem a idade, porque foi muito tempo atrás. Mas era acho que uns 8, 7 anos eu já jogava na rua, né? 7, 8 anos eu já brincava na rua. E aí mais ou menos com 9, essa escolinha que tinha dos meninos abriu vaga para as meninas. Só que ainda não tinha menina suficiente para criar um time de menina. Então eu jogava junto com os meninos, eu e algumas outras meninas (Entrevista com Cristiane, 2025).

Nota-se que há um incentivo desde criança à prática do futebol por meninos, mas as jogadoras passaram por esse contato inicial com a mesma idade, por influência da proximidade com familiares que jogavam, em campinhos ao lado de casa ou mesmo por meio da oportunidade de meninas jogarem nas escolinhas. No interior do estado de Sergipe, a prática de esportes por meninas é bastante escassa, especialmente no contexto de infância das atletas. Quando esse acesso acontece, quase sempre é por meio da mistura com meninos e experimentando outras modalidades, como é o caso do futsal, pois uma quadra é mais acessível que um campo de qualidade. Mesmo em estados e clubes onde o futebol é estritamente profissional, muitos jovens começam pelo futsal, para aprender fundamentos importantes do futebol como agilidade, dribles e trabalho em equipe.

As entrevistas reforçaram a dificuldade da prática de esportes. Quando questionadas sobre o que as outras meninas praticavam, todas responderam que aquelas que não se juntavam aos meninos não tinham contato com modalidade alguma, nem mesmo em aulas de Educação Física na escola, pois “o esporte aqui, onde eu moro, é muito complicado” (Entrevista com Marta, 2025).

Após o primeiro contato e o conhecimento por meio dos meninos ou escolinhas, a família passou a ser o segundo filtro, pois ficaram reticentes sobre esse engajamento no futebol. Os pais não chegaram a impedir, mas tinham receio de afetar a escola, no caso da mãe de Cristiane. Positivamente, Tamires tinha ao seu lado o irmão, que a apoiava e a levava até escolinhas e jogos com mulheres mais velhas no interior em que moravam. Marta, por sua vez, teve a oportunidade de fazer uma avaliação para entrar no time do Esporte Clube Vitória (BA), clube de expressão nacional no futebol de homens.

[...] eu queria muito, muito mesmo. Só que eu era nova. Eu era criança. Era muito nova. Meus pais não deixaram por medo e boatos sobre o que gerava no futebol feminino. Não era nem o masculino, mas o futebol feminino, como sempre teve boato, né? Futebol feminino. Era muito difícil. Tinha tristeza. Tinha abuso. Eles foram meio que pela cabeça dos outros, né? Então, eles não liberaram. E eu fiquei muito triste. Depois passou, né? Porque eu era nova, né? Aí, depois as pessoas se acostumaram. Quando eu viajava pra jogar fora. Quando eu precisava de apoio... Você sabe que o futebol é uma questão de idade também, né? Se você não começar de cedo, se você não tiver oportunidade cedo... Se você começa com 18, 19 anos. É muito difícil ter uma outra oportunidade (Entrevista com Marta, 2025).

Roseli também não contou com o apoio familiar para a prática do futebol, segundo ela, as coisas mudaram com o tempo, mas a ideia de que o futebol “[...] não era futuro, que futebol não dava dinheiro, que futebol não era pra mulher, que futebol era só pra homem, que é a perda de tempo [...]” (Entrevista com Roseli, 2025) pautaram boa parte das conversas em casa, em especial com a mãe.

A exceção tanto para o primeiro contato com o futebol exclusivamente com meninos quanto a reticência da família sobre a prática do esporte foi Yaya. Segundo a jogadora, o futebol é uma herança de família, pois todos praticam a modalidade, incluindo mãe e irmãs.

[...] maioria da minha família jogava futebol, minha mãe, meu pai, enfim, alguns tios, primos, todo mundo é do meio do futebol. E aí, desde criança, já desde os meus cinco anos, eu comecei a jogar futebol. E de lá até aqui, nunca parei. [As meninas] também jogavam futebol, pelo menos do meu ciclo, as minhas amigas jogavam futebol também, inclusive algumas jogam comigo até hoje ainda. Duas delas jogaram no Juventude também comigo na temporada passada no Brasileiro, agora estão em outro clube, mas também jogam comigo aqui (Entrevista com Yaya, 2025).

Um ponto que aparece em todas as trajetórias é a necessidade do estudo. A família de todas, e elas próprias, sempre colocaram o estudo como uma prioridade. Isso é refletido no fato de que, mesmo não havendo exigência de diploma para se tornar uma jogadora de futebol, boa parte delas chegou a cursar o ensino superior. Das atletas que responderam ao questionário, o curso de ensino superior que mais aparece é o de Educação Física, que pode ter contribuído ao fornecer alguns conhecimentos técnicos e, ao mesmo tempo, permitiram o contato com a prática do futebol, como em disciplinas e até mesmo durante os Jogos Universitários, citados por Cristiane. Nessa competição, não é necessário vínculo com o curso de Educação Física, porém, há uma forte tendência à participação dessas discentes no time que representa a Universidade, seja pública ou privada. Para as atletas entrevistadas, há uma discordância sobre a influência ou não do curso para a prática do futebol.

[...] de certa forma ajuda, né? Porque a gente, quando faz Educação Física, fica muito mais próximo de todas as modalidades, não só futebol, mas de tudo e das coisas que estão rolando. Então, a gente busca sempre estar por dentro e eu acho que influencia, sim. Porque é um ambiente que a gente consome demais o esporte e a atividade física. Então, eu acredito que sim (Entrevista com Cristiane, 2025).

Não, porque o curso em si é muito amplo, sabe? Ele não foca, por exemplo, em academia de musculação, como muitas pessoas entram já pensando nisso. Ele é muito amplo em todos os esportes, a gente vai ter disciplina em todos os esportes. A diferença é que algumas pessoas já podem chegar ali com uma certa proximidade com alguma modalidade. Então, isso pode acabar facilitando, mas que o curso vai direcionar alguma modalidade, não acredito (Entrevista com Tamires, 2025).

Como eu falei, eu jogo desde criança mesmo. Eu já cresci vendo o futebol, né? Vendo, tipo, as pessoas do meu círculo, a minha volta, a minha família jogando futebol. Então, tipo, já era um amor. Foi um amor que já parece como se tivesse nascido comigo. E aí, eu acho que é o contrário. A educação física surgiu justamente pelo fato de eu jogar futebol. Eu acho que, tipo, pelo fato de eu estar nesse meio, né? Me influenciou a escolha da Educação Física. Porque eu era muito indecisa entre a fisioterapia e a educação física. Mas, como é o que eu vivo constantemente, diariamente, o futebol. Eu pensei, tipo, não, vou fazer educação física porque um dia eu posso ser treinadora, sei lá. Inclusive, eu tenho até um projeto já. Aí, acho que foi o contrário. Foi o futebol que me levou a escolher a educação física (Entrevista com Yaya, 2025).

Uma importante diferença entre essas jogadoras com visões opostas é o momento de inserção no ambiente competitivo do futebol de mulheres. A primeira delas, que entende o curso de Educação Física como relevante, teve seu primeiro contato com competições depois de ingressar na graduação. A segunda e a terceira entraram na graduação de Educação Física já com uma bagagem de participações em torneios e campeonatos. A percepção do impacto do curso para sua atuação na modalidade é reflexo também do processo de iniciação que viveu.

Nesse sentido, a próxima sub-seção traz consigo o debate da inserção profissional das jogadoras.

4.2.2 A chegada aos clubes: peneiras versus contatos

Com base nas experiências das atletas, é visível a grande rotatividade entre os times, o que pode ser explicado pela pequena duração das competições, frequente extinção e reativação de outros clubes, bem como desistências unilaterais da direção dos clubes. Ao citar os times aos quais já estiveram vinculadas, as jogadoras mencionaram Confiança, Real Sergipe, Boca Juniors, Barra, Socorro Sport, Gloriense, Itabaiana, Real Sergipe, Cairo, Olímpico, Juventude, Paulo Afonso, Canindé, Cotinguiba, Estanciano, Grêmio Santos Dumont, Lagarto, Rosário Central e Força Jovem. Comparando-se com a quantidade de times que participaram do Campeonato Sergipano Feminino 2024, há uma grande discrepância no número de equipes, além da diminuição drástica na variedade de cidades com representantes, a exemplo de municípios do interior como Lagarto, Canindé e Rosário do Catete que deixaram de ser representados na competição¹².

Diferentemente de carreiras como as do cangaço, em que os mais experientes decidem sobre tornar um iniciante membro oficial devido a suas habilidades (Souza, 2020; Souza, 2021), para as jogadoras de futebol o critério não é daquelas que estão em outro grau da carreira, mas sim de profissionais representantes de outros ofícios do mesmo universo, isto é, técnicos, avaliadores físicos, diretores de futebol, entre outros que possuem o poder de decisão sobre contratação ou não das atletas. Os momentos que marcam esse processo são as peneiras e as avaliações, responsáveis pela entrada de novas jogadoras ao time, por meio de treinos e testes com a equipe técnica. Ao fim, as atletas escolhidas são integradas ao clube e começam uma nova fase. Ao serem questionadas sobre a existência ou não de peneiras, as respostas foram variadas

Foi, teve... Quando eles abriram a seletiva, a menina que eu falei, inclusive [nome de outra jogadora], ela me mandou um post, porque a gente já jogava na UFS, né? Ela disse 'participa da seletiva'. Aí, eu não ia participar porque, como eu falei pra você, eu não jogava futebol de campo. Então, eu fiquei meio insegura, assim, 'não sei se vai dar certo, não'. Aí, depois... uns dois dias antes, eu decidi, 'não, vou pra lá participar. Qualquer coisa, também, se não for, tá tudo certo'. E aí, passei pela seletiva mesmo. Durou um dia, a primeira parte, né? A gente fez os jogos lá. Aí, as pessoas... a comissão pré-selecionou

¹² A cidade de Lagarto e a de Rosário do Catete voltaram a ter representação no Campeonato Sergipano Feminino 2025.

algumas que continuaram treinando uma semana. E aí, no final, elas selecionaram as que ficariam (Entrevista com Cristiane, 2025).

Quando eu vim morar aqui em Aracaju, eu tive a oportunidade de participar de uma seletiva que teve no Grêmio Santos Dumont. Aí eu fui, passei, aí eu joguei o meu primeiro sergipano. Foi aqui em Aracaju. Mas eu já praticava modalidade desde os meus 10 anos de idade. Lá no interior de Estância. Só que eu nunca joguei competições grandes. Era mais jogo simples, jogo com... Assim, jogos várias vezes de lá, que fica lá mesmo. Não se expande, que não cresce [...] (Entrevista com Roseli, 2025).

A gente treinava ali no CSU, no fundo da Exposição, tem o CSU ali. Aí ele [tio dono de um time] pediu ao meu pai, eu era de menor ainda, e comecei a treinar com ele, futsal e futebol de campo. Daí a gente jogou o Sergipano de futebol de campo. Quando a gente jogou o Sergipano de futebol de campo, começou a abrir mais portas para jogar em outros times. Deu uma certa visibilidade, porque a maioria das pessoas não conhecem os atletas. Não tinha muita divulgação no tempo, que foi em 2007, se eu não me engano, 2007. E aí, jogando pelo time dele, teve uma peneira lá no campo do Confiança, para jogar a Copa do Brasil. [...] Aí, o que que acontece? Eu participei dessa peneira, passei e fui jogar pelo Boca Juniors de Cristinápolis (Entrevista com Rosana, 2025).

Não, eu não participei de peneira, não. Só no Lagarto. No Lagarto eu participei no primeiro ano numa peneira, que era avaliação, né? Todo ano eles fazem a avaliação, me saí muito bem por incrível que pareça, eu tinha muito medo de não sair porque eu nunca tinha feito avaliação, né? Peneira e avaliação, me saí muito bem, ele pegou o contato, e tipo, eu joguei. Os dois anos que eu joguei no Lagarto, eu joguei titular. Terceiro ano eu joguei de banco, mas muito revoltada porque não era nem por questão da comissão técnica, e sim o pessoal do Lagarto, do masculino, que tinha que escolher (Entrevista com Marta, 2025).

No Juventude eu tinha... Eu já conhecia o professor aqui, né? [Nome do treinador], que ele era do Estanciano um ano anterior. E eu tinha recebido o convite para jogar no Estanciano. Mas foi uma amiga minha que já tinha jogado com ele. E me conhecia que me indicou, né? No caso, fez uma ponte, né? E aí ele me chamou para vir e eu joguei com ele no Estanciano um ano. Joguei dois jogos, em 2023. E vim para cá, para o Juventude, a convite dele também. Me convidou para participar do Sergipano. E aí eu vim (Entrevista com Yaya, 2025).

A experiência das jogadoras com peneiras e avaliações demonstra que, apesar de algumas jogadoras já terem vaga garantida no time, ainda existe uma rotatividade entre as atletas no estado, seja por desinteresse do clube anterior ou por vontade própria. Nesse último caso, é bastante comum acontecer em relação à migração para o clube campeão do campeonato para o ano seguinte, pois garantem a vaga para o Campeonato Brasileiro A3, de visibilidade nacional. Yaya, por exemplo, fez uma participação no Campeonato Sergipano Feminino 2023 e foi convidada a compor o elenco do Confiança em 2024 para a disputa do Brasileirão A3. Com a eliminação na competição, a atleta saiu do time, pois era previsto no contrato, e se juntou

meses depois ao Juventude que foi Campeão da edição 2024 do estadual. Esse fato é mencionado por outras atletas também, como Rosana, que vivenciou essa experiência na primeira edição da Copa do Brasil.

Essa seletiva se deu porque não tinha time para poder jogar uma competição estadual e, posteriormente, o campeão a Copa do Brasil. Aí, quando foi no outro ano [2016], a gente continuou jogando pelo Boca Juniors. Fomos campeões, jogamos Copa do Brasil de novo. Enfim, aí ficou nessa, né? Jogando estadual, sendo campeão. Quando não... era vice, aí o outro time juntava os melhores dos dois times da final (Entrevista com Rosana, 2025).

Esse é um processo relevante para a conjuntura do futebol de mulheres sergipano, o que impacta diretamente no segundo estágio da carreira delas, mudanças constantes para disputar campeonatos.

4.2.3 Identificação e permanência em algum clube

No futebol, um passo importante para sua permanência é se fazer conhecido. Diante de algumas participações em diferentes clubes, as jogadoras tendem a deixar seu nome marcado no meio do futebol e, ao mesmo tempo, constroem certo carinho pelo time que fizeram parte. Neste subcapítulo, trataremos de entender como esse estágio é alcançado e quais clubes conseguiram prender a atenção das atletas entrevistadas. Importante ressaltar que ser um clube cujas jogadoras possuem identificação é bastante positivo, mas não significa que apresentam uma experiência perfeita para elas nem que os outros são preteridos dentro do futebol de mulheres sergipano.

Começando por Roseli, apesar de participar do Campeonato Sergipano Feminino em 2024 pelo Socorro Sport, em boa parte da entrevista suas respostas versavam sobre o Confiança, pois participou de competições, inclusive nacionais, em uma passagem pelo “Dragão”. Em 2025, ela volta ao Confiança e participa da Copa Maria Bonita¹³, uma prévia importante da sua participação na edição 2025 do Sergipano. Diante do seu relato, é possível entender que sua identificação com o Confiança é maior que em relação a outros clubes, ainda que tenha sido vice-campeã em 2024.

Em contato com o Socorro Sport, também em 2024, Rosana não parece ter tido uma experiência positiva com nenhum dos dois. Quando questionada sobre os times de futebol de campo dos quais fez parte, ela afirmou “Confiança... Ah, sim, futebol de campo... É porque...

¹³ A Copa Maria Bonita é uma competição criada em 2025 para estabelecer um contato entre o futebol dos estados do nordeste, assim, um clube por estado foi escolhido para representá-lo. Em Sergipe, o escolhido foi o Confiança.

as passagens ruins, a gente tenta esquecer, sabe? Mas enfim, vamos lá. Joguei no Confiança recentemente, futebol de campo, no Socorro Sport, socorro Deus...” (Entrevista com Rosana, 2025). Apesar de demonstrar que não tem elogios a fazer para os citados, a jogadora menciona apenas o Boca Juniors como uma passagem positivamente marcante, inclusive quanto à organização do Campeonato à época em que jogava no clube, cuja final foi realizada no Estádio Lourival Batista (Batistão)¹⁴. O time do Boca Juniors atualmente está inativo, mas foi marcante para o futebol de mulheres no estado como mencionado na seção anterior.

Já Yaya teve uma experiência em dois estados, Paraíba e Sergipe, ambas com reflexos diferentes na vida da atleta. De início, competia nos Jogos da Juventude, competição escolar nacional, o que permitiu a ela fazer uma amizade que culminou em bolsa para estudar e jogar em um projeto de futsal em Aracaju, pois o pai dessa amiga era o responsável. Depois de dois anos jogando e estudando na capital sergipana, a parceria do dono do projeto com uma equipe de João Pessoa, na Paraíba, a levou e a mais duas meninas a mudarem de estado para jogar bola. Ainda que tenha sido campeã duas vezes longe de casa, a experiência foi amarga pela desvalorização recebida.

Aí eu fiquei lá jogando...fui para jogar o sub-18, mas aí deu a pandemia em 2020. Aí a gente voltou para casa. E no ano seguinte que a gente voltou já não tinha mais o sub-18, né? Porque era o nosso último ano sub-18. E aí fiquei jogando no campo lá. Fiquei jogando profissional já [...] lá, na minha época de um pessoal assim, eu tive poucas oportunidades lá no meio do futebol. Fui bastante injustiçada. Mesmo treinando bem, nunca tinha oportunidade. E aí, teve a minha vinda para cá, para Sergipe, né? Eu resolvi voltar para casa. E aí foi totalmente diferente. Foi onde começou a me abrir mesmo, assim, as portas no futebol. E aí, tipo, questão de espaço, de valorização mesmo, de se sentir à vontade, de se sentir bem em um lugar. Então, para mim, foi totalmente diferente do que eu vivia lá, do que eu estou vivendo aqui agora (Entrevista com Yaya, 2025).

A forma como as jogadoras são tratadas é um aspecto muito importante para a subjetividade delas. Ganhar títulos, mas ser cortada de jogos ou ser substituída com frequência leva a uma sensação de inutilidade dos seus esforços. A experiência em Sergipe que Yaya conta é o completo oposto do que viveu na Paraíba: capitã do time, joga todos os jogos, tem voz nos treinos e dentro de campo durante o jogo, além de saber que se for substituída é por estratégia e não por desvalorização do seu empenho.

Cristiane, por sua vez, foi a única das entrevistadas que não teve experiência em outros clubes, pois sua primeira participação em Campeonato Sergipano Feminino foi pelo Confiança

¹⁴ Principal estádio de Sergipe, localizado em Aracaju.

e continuou junto ao time para outras edições, apesar de não participar da Copa Maria Bonita em 2025. Em sua primeira experiência com o Confiança, foi campeã estadual, o que pode ter influenciado a sua permanência, tanto por desejo próprio quanto do clube.

Marta demonstrou a maior identificação entre as entrevistadas, em sua fala, afirmou que

[...] todo ano, eu digo todo ano... todo ano, que eu sou fã, se o Lagarto for participar, e outras equipes me chamarem, eu sempre vou querer ir pro Lagarto, porque, tipo, pra mim, acho que se tornou a minha casa, entendeu? Eu me sinto muito melhor jogando com eles, não que eu não goste de jogar com as outras equipes, não é assim, mas eu prefiro o Lagarto, é isso, eu falo isso sempre (Entrevista com Marta, 2025).

Em 2024, Marta jogou pelo Barra, pois o Lagarto não inscreveu o time no Campeonato Sergipano Feminino, o que reforça a fala da jogadora. Ela gosta de jogar em outros clubes e fez isso na edição de 2024, mas em 2025 o Lagarto participou e ela pôde novamente se juntar ao time do “Verdão”.

A jogadora do Força Jovem na edição de 2024, Tamires, também tem um vínculo com o Lagarto e apresentou um argumento parecido, em que diz: “jogar no Lagarto, por ser o time da minha cidade, tem aquele sentimento mais especial de representar minha cidade... [inaudível] aí se ninguém tá dando ajuda de custo, é melhor o mais perto de casa, até pra conseguir treinar” (Entrevista com Tamires, 2025). A questão da distância dos treinos e as condições de viagem para as competições são fatores essenciais para a decisão das jogadoras de participar de um time ou não.

4.2.4 Autopercepção de posicionamento na carreira e as experiências marcantes

Esta subseção tem como objetivo apresentar experiências e interpretações diferentes entre as atletas, ainda que todas estejam situadas no mesmo espaço territorial, no mesmo campo esportivo e com organização da mesma Federação, a FSF, o que levaria a, teoricamente, proposição de estrutura semelhante a todas as participantes.

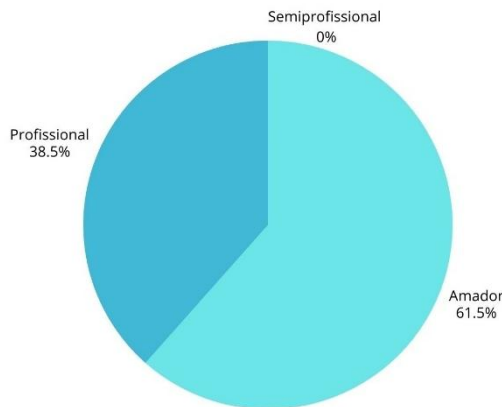
Como dito anteriormente, as jogadoras passam por diversos times, ainda que algumas apresentem uma maior rotatividade que outras. O momento em que começaram a participar do Campeonato Sergipano Feminino e a organização do clube a que se vinculou tem grande papel na interpretação que se faz do seu contexto no futebol de mulheres do estado, além de impactar nas suas decisões e prioridades. É por isso que Fillieule (2001, p. 202) defende a necessidade de desvendar o engajamento dos pesquisados considerando que “ao tempo da pesquisa (o período de observação) corresponde, de fato, uma multiplicidade de tempos biográficos (em

função da idade, do momento do engajamento e de sua duração), geracionais e históricos (efeitos do período)”.

As mudanças de posições dentro do futebol de mulheres também afetam outro ponto de sua carreira: a percepção sobre o nível de sua profissionalização. Esse tema é bastante discutido acerca das jogadoras mais midiáticas do país, o que tem respingado em outras realidades, como é o caso de Sergipe. Nesse sentido, a existência de jogadoras, em um mesmo campo e com participação no mesmo campeonato, pressupõe uma percepção semelhante em relação ao nível de profissionalização que vivenciam na prática do futebol.

No entanto, a divisão entre amador e profissional nas respostas das atletas provoca curiosidade sobre o que leva a essa diferente percepção. Importante ressaltar que essa autodeclaração não é determinante para caracterização de um ofício e, portanto, as lentes aqui empregadas consideram as jogadoras de futebol como profissionais. O questionamento foi feito como forma de compreender as nuances do profissionalismo a partir das experiências das sergipanas.

Gráfico 6 – Autopercepção sobre a profissão



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Entre as respostas mais detalhistas acerca da justificativa para essa resposta no formulário, as atletas deram as opiniões partindo de pontos distintos.

Vou dar o exemplo do Boca Juniors, [...] ele tinha um time profissional. E aí... Esse time profissional, logicamente, todos recebiam. Jogava Sergipão, pá, série D, lá, lá, lá. E a gente treinava com o masculino, profissional. E, numa das vezes, eu era chamada pra fazer situações de jogo que um profissional, um cara profissional que recebia não fazia, entende? Um exemplo. Bater um escanteio. Aí [Nome do presidente], finado, ele era o presidente do... E faleceu, né? Presidente do Boca Juniors: ‘Bata aqui esse escanteio! Paga esses

caras! Esses caras não fazem nada! Segue em frente! Não sei o quê! Eu quero a bola ali!’ Eu mandava. ‘Eu quero a bola aqui!’ Eu mandava. Entendeu? Jogava contra o sub-17. Batia os quatro cantos (Entrevista com Rosana, 2025).

Eu me considero profissional agora. Pelo que a gente vem apresentando no futebol aqui dentro do estado. Quem acompanhou aí o Brasileiro vai ver que a gente fez história no futebol. Até então, nenhum time de Sergipe tinha conseguido classificar para a segunda fase. Nem do Brasileiro, nem da Copa do Brasil e a gente realmente tinha um time muito estruturado, muito bom, muito qualificado. E eu acho que isso fez com que as pessoas enxergassem a gente. Até a gente mesmo se enxergar como profissional. Porque, até então, a gente... Ah, um sergipano. Mas, tipo, o nível do sergipano é muito baixo. Aí, você vai para um brasileiro e já é outra realidade. E aí, você vê que você conseguiu se destacar. Conseguiu ganhar partidas de times maiores. Que são muito bons também. Que foi o caso que a gente fez um jogo bem bonito contra a UDA. A gente perdeu por detalhes. Estava ganhando e acabou tendo um empate e perdendo nos pênaltis. Mas, tipo, é um clube que já tem uma história. Subiu para a Série A2. Enfim, acho que isso faz com que a gente comece a se enxergar como profissional. E hoje em dia eu me vejo como profissional (Entrevista com Yaya, 2025).

Para essas jogadoras, o entendimento de ser profissional advém da forma como contribuem para o clube e, por conseguinte, os feitos que a equipe alcança. Nesse sentido, segundo Rosana, jogar mais que os homens que recebiam salário, vivenciar alojamento e treinamentos constantes no Boca Juniors, bem como demonstrar disciplina e garra, constituem os elementos que definem o ser profissional e fundamentam o motivo de também se considerar uma. Do mesmo modo, Yaya se reconhece como profissional pelo nível de futebol apresentado pelo clube que faz parte, pela quebra de barreiras que nenhum outro time tinha enfrentado e por disputar de forma equiparada com times de expressão nacional. Além disso, ambas tiveram a experiência de passar períodos em alojamentos e treinamentos com certa frequência.

Importante ressaltar que a construção dessa identidade não redefine o conceito de trabalho em si, mas evidencia um processo de precarização naturalizado. Há, nesse caso, uma resistência subjetiva em que as atletas internalizam uma identidade profissional que resiste às condições impostas, mas sua situação desafia o conceito de profissional na medida em que o campo não lhes oferece os recursos materiais que sustentariam essa posição.

Do lado das jogadoras que se consideram amadoras, o ponto de vista é diferente. Entendem o amadorismo a partir das condições que o clube fornece para as atletas, da falta de pagamento e/ou auxílio, da desorganização do Campeonato Sergipano Feminino, entre outras justificativas traçadas por elas. Alguns dos posicionamentos retratam que

[...] a gente não tem, às vezes, as mínimas condições para treino, para jogo. Não recebe nada, basicamente. Algumas ainda conseguem receber com ajuda de custo mínima, até para pagar a passagem. E, por vezes, nem são os próprios

clubes que pagam, são pessoas que querem ajudar ou querem estar envolvidas. E... A gente não tem nada de profissional, principalmente vindo do fato de como a competição é organizada. Já começa de cima para baixo. Se a Federação não faz por onde, os clubes também não vão fazer, não vão se preocupar em fazer nada, em cumprir nada. As reuniões são marcadas às pressas [...] (Entrevista com Tamires, 2025).

Eu acho que porque... o campeonato sergipano é uma vez por ano. Pronto. Você passa o ano todinho ali. Quando chega no final do ano tem aquela competição. Mas não recebe. Porque você não passa o ano todo treinando. Você não passa o ano todo recebendo. Pra treinar, pra estar ali. Você não passa o ano todo vendo competição igual a outras equipes de fora daqui, entendeu? Não é a mesma coisa. [...] eu nunca recebi salários nem dinheiro nem nada. Então, pra mim, eu acho que significa isso. E você não recebe, se você não ganha pra jogar, você não ganha pra treinar. Você não recebe salário todo mês. Você não passa o ano todo treinando pra chegar naquela... no final do ano você tem aquele campeonato. Você tá firme. Não, a gente não faz isso (Entrevista com Marta, 2025).

Na minha opinião, eu acho que futebol amador é futebol sem reconhecimentos. É futebol de iniciante, entende? Eu acho que falta mais oportunidade, falta mais apoio, falta estrutura pra que os times possam realmente se conscientizar de que futebol feminino é necessário, futebol feminino é importante, sim. Que futebol feminino tem que ser valorizado. Infelizmente, falando aqui no Estado mesmo, a gente tem um campeonato muito mal organizado, a gente tem um campeonato muito mal realizado. Um campeonato que você começa com oito equipes, um campeonato que você tem andamento com seis, um campeonato que você termina com quatro. Um campeonato que não obriga os clubes masculinos a colocarem um feminino. É um campeonato que eles fazem de qualquer jeito (Entrevista com Roseli, 2025).

Por outro lado, quando questionadas sobre o que precisaria existir para que considerassem que são profissionais, as respostas dizem o oposto do que foi mencionado para o amadorismo: receber salário, ter calendário que dure o ano todo, dedicação praticamente exclusiva para o futebol, treino diário e férias. A oposição direta entre a realidade e a percepção das jogadoras para o que é o futebol de mulheres profissional demonstra que “falta muito aqui no estado para a gente conseguir igualar com outros campeonatos, outros estados lá fora. Não é porque a gente é o menor estado que a gente tem que pensar pequeno” (Entrevista com Roseli, 2025).

A forma como a FSF enxerga as atletas tem grande papel na percepção delas em relação ao profissionalismo, pois aquelas que se sentem amadoras absorvem de modo mais profundo a estrutura e o posicionamento de alguns responsáveis pelos campeonatos. Posicionamento esse que se mostra contra as jogadoras serem consideradas profissionais do futebol, implicando diretamente na subjetividade das atletas. Até mesmo aquelas que se veem como profissionais concordam com o pouco avanço que o estado tem promovido no quesito futebol de mulheres e

desejam que melhorias ocorram o quanto antes. Além disso, é importante ressaltar que, em 2025, as jogadoras do Confiança e do Juventude receberam valores para jogar, diferentemente de 2024. Assim, as atletas que jogaram nesses times em 2025 podem possuir uma visão diferente daquelas que saíram do clube depois da participação no Campeonato Sergipano Feminino de 2024, como o caso de Cristiane.

4.3 Padrões encontrados nas trajetórias

O campo, para Bourdieu (1996), pode ser compreendido por meio das semelhanças e das diferenças dentro dele. Para tanto, o mapeamento das jogadoras de futebol no estado de Sergipe permitiu compreender as aproximações e padrões ao longo de suas trajetórias, demonstrando um caminho intuitivo para a chegada ao Campeonato Sergipano Feminino 2024, mas também os caminhos alternativos que levaram à participação de outras atletas. Neste subcapítulo, a análise é feita com base nos dados que possibilitam uma interpretação de trajetórias e de disposição no campo do futebol de mulheres sergipano da iniciação no esporte até o momento atual, visto que nenhuma das atletas entrevistadas se aposentou até o momento.

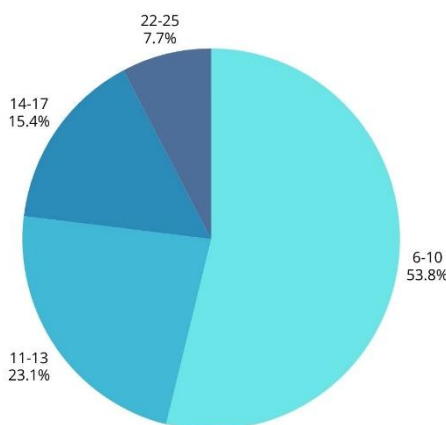
Assim como Bourdieu aborda, o capital cultural sob a influência da família e a transmissão identitária de algumas das suas representações, Bungenstab, Souza e Garcia (2022) defendem a utilização do termo capital esportivo para aspectos semelhantes, mas que estão relacionados diretamente com o esporte. Para os autores, o capital esportivo é

[...] um tipo de moeda que orienta objetivamente as relações no universo dos esportes, quer dizer, uma competência socialmente adquirida que permite praticar modalidades esportivas e consumir produtos esportivos. Estamos cientes que os determinados tipos de capitais já existentes (econômico, cultural, social e simbólico) têm diferentes impactos nas trajetórias esportivas. Contudo, quando olhamos para o campo esportivo de maneira específica, parece fazer sentido falar em “capital esportivo”, sobretudo, porque ele se relaciona com os modos de socialização situados inicialmente dentro das famílias, porém, posteriormente, não com exclusividade a elas (Bungenstab; Souza; Garcia, 2022, p. 7).

Diante dessa descrição, é possível perceber que o capital esportivo é adquirido com o tempo e pode ou não ser potencializado. No âmbito da educação física, muitas pesquisas sobre esportes indicam o papel da socialização familiar no primeiro contato com as modalidades praticadas pelos sujeitos analisados (Bungenstab; Souza; Garcia, 2022), o que foi evidenciado nas entrevistas com as jogadoras.

No que se refere ao primeiro contato com o futebol, 69,2% das atletas que responderam à pesquisa começaram a prática na rua¹⁵, ao mesmo tempo em que 53,8% iniciaram sua vida esportiva até os 10 anos de idade, o que reflete a importância da socialização na infância, diante da influência familiar e da comunidade ao seu redor.

Gráfico 7 – Idade que começou a jogar futebol



Fonte: elaborado pela autora (2025).

O capital esportivo, em síntese, é incorporado por meio do acesso a treinamentos físicos, técnicos e táticos, além do contato que advém da mídia e do mercado de bens simbólico.

Vale a pena ressaltar que este tipo de capital incorporado é diferente daquele “capital corporal” definido por Wacquant (2002), pois, para ele, há uma especificidade no capital corporal, uma vez que este, ao depender exclusivamente do corpo, vai se extinguindo ao longo da vida do esportista. A nossa concepção de capital esportivo no estado incorporado defende que o agente, ao longo da vida, vai preservando seu capital, sobretudo pelo fato de que quem o detém, nunca o perde, especialmente porque esse tipo de capital acompanha os agentes em seus diferentes tempos de socialização no universo esportivo, seja na iniciação esportiva, no universo amador, profissional, de lazer, de aposentadoria etc (Bungenstab; Souza; Garcia, 2022, p. 9).

Os autores caracterizam três estados do capital esportivo: estado incorporado; estado institucionalizado; e estado clientelizado. Para esta pesquisa, não há diferenciação para o capital esportivo, pois a experiência esportiva da atleta, a transmissão de disposições esportivas ao longo da vida, percursos e troféus adquiridos na sua trajetória no campo esportivo são os elementos a serem observados, em detrimento de aspectos voláteis como o tipo de chuteira que é utilizada e as empresas de assessoria que se relacionam nesse contexto, perspectiva próxima

¹⁵ Informação apresentada no gráfico 2.

ao estado clientelizado mencionado anteriormente. A relevância do capital esportivo, por si só, é suficiente para a análise aqui pretendida, pois está, muitas vezes, próximo ao capital cultural das jogadoras. Essa proximidade se dá pela relevância da formação acadêmica, para parte delas, em abrir portas para os clubes, ainda que não seja necessária para a inserção no ofício.

Diante desse contexto, as trajetórias encontradas com as entrevistas puderam evidenciar uma estrutura do campo pautada pela desvalorização, especialmente pela visão amadora que a FSF tem para com as atletas, mas também da percepção delas da própria realidade. Nesse âmbito, ao serem questionadas sobre quem manda no futebol do estado, as respostas demonstraram que o campo é constituído pela FSF sob uma lente de priorização do futebol de homens, considerando o de mulheres apenas uma obrigação – seja da Federação ou dos clubes – para com a CBF, pois a existência de um time que participe dos campeonatos femininos ajuda o clube no ranking da entidade.

Ainda acerca dos capitais de Bourdieu, é possível perceber que ter um capital econômico elevado não é um fator condicionante para uma mulher se tornar jogadora, como é o caso de outros ofícios, a exemplo do colunismo social cuja ascensão está atrelada inclusive a grupos familiares em posições influentes (Cruz; Petrarca; Seidl, 2020). Pelo contrário, todas as entrevistadas compartilham uma posição desfavorecida sob esse tema. Quanto a esse fato relacionado à prática do futebol e à participação em campeonatos, parte delas não conta com ajuda de custo para passagens intermunicipais, enquanto outras recebem auxílio insuficiente para se deslocar dentro do município. Essas situações são especialmente marcantes no caso de Roseli, que passou a morar de favor na capital para poder jogar; Marta e Tamires, que são de povoado no interior e arcam com os próprios custos de deslocamento, raramente conseguiam ônibus pago pelo clube para jogar em outras cidades. A única experiência com ajuda no transporte foi a final do campeonato em que o Lagarto forneceu ônibus para as jogadoras e também para a torcida prestigiá-las. Nesse caso, precisou chegar ao nível de haver transmissão e visibilidade na partida para que os dirigentes fornecessem o básico: transporte gratuito e apoio de torcida.

Quanto ao capital cultural, há uma proximidade com o capital esportivo discutido anteriormente, pois o contato com o futebol e o interesse por estudo foram as principais influências adquiridas com a família. Apesar de boa parte delas ser a primeira geração a chegar à Universidade, todas as famílias motivaram a estudar e buscar outros níveis de formação. Marta foi a única que, entre as entrevistadas, continuou a trabalhar na roça mesmo terminando seus estudos; as outras foram migrando para as sedes dos municípios ou para Aracaju, em busca de fazer ensino superior em algum momento da trajetória. O capital social, em parte adquirido

nesse processo, levou as atletas a algum clube, é o caso de Cristiane, que foi incentivada por uma colega da graduação a participar da seletiva do Confiança.

Questionadas sobre reconhecimento, em busca de um entendimento sobre capital simbólico, as jogadoras afirmaram a felicidade em relação à visibilidade e aos títulos que conquistaram. Marta demonstrou grande apreço pelo reconhecimento público ao comentarem sobre sua participação na final do campeonato e pela entrevista solicitada pelo Passe Delas, mídia criada especificamente para o futebol de mulheres do estado. Roseli, em sua experiência com o beach soccer (futebol de areia) do Confiança, reconheceu ter sido subestimada em sua participação na Supercopa do Brasil da modalidade, o que mudou quando ganharam do Clube de Regatas Flamengo (RJ), momento em que passaram a elogiar o time. Essa mudança de chave é contada com orgulho, pois foram campeãs e conseguiram provar para todos o quanto eram boas.

Apesar de a *illusio* pelo futebol ter levado a muitos desafios e sacrifícios, as jogadoras seguiram com a bola no pé. Em relação aos capitais, por exemplo, em especial o esportivo e o simbólico, mesmo que não tenham resultado em frutos econômicos para as atletas, a combinação de acessá-los leva a uma satisfação relevante.

Ainda seguindo a linha de Bourdieu (1996), para evitar a ilusão biográfica, é preciso olhar as trajetórias também sob os movimentos e seus significados no campo. Para isso, trago pontuações-chave para cada uma das trajetórias no quadro 1.

Quadro 1 – Comparação entre acontecimentos e seus significados para a trajetória

Jogadora	Acontecimentos	Significados
Marta	Experiência no Vitória e volta para casa;	Mudança de rumo para manter-se em sua cidade;
	Desistência da direção do Barra;	Volta ao time do Lagarto;
Tamires	Seletiva no Santos;	Desistência do ENEM;
	Volta para casa por não passar;	Retomada dos estudos e engajamento também acadêmico sobre futebol;

Roseli	Viajar para Aracaju, ficando de favor na casa dos outros; Mudança para a capital em busca da continuação do sonho de jogar;	Engajamento no futebol e participação em campeonatos sergipanos; Campeã do estadual e da Supercopa do Brasil de Beach Soccer;
Cristiane	Entrada na graduação em Educação Física; Indicação da colega para tentar a seletiva;	Primeira experiência em futebol de campo; Campeã estadual na primeira participação;
Rosana	Proposta para jogar no Santos, mas a mãe adoeceu; Participar do Campeonato Sergipano Feminino;	Estudo que levou ao atual sustento; Jogar a final com estádio cheio e ser convidada para jogar Copa do Brasil;
Yaya	Bolsa-estudo para jogar em Aracaju; Voltar para Sergipe;	Bicampeã no Campeonato Paraibano Feminino; Campeã estadual pelo Juventude;

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Cada decisão difícil tomada pelas atletas direcionou-as para o caminho que trilharam até a posição atual. Com base no quadro 1, é possível perceber que, em alguns casos, essas decisões foram tomadas por um motivo além da própria vontade, como no caso das jogadoras que optaram por ficar em Sergipe e cuidar da família. Em todo caso, a participação no Campeonato Sergipano Feminino 2024 exigiu que essa série de posições e mudanças entre elas acontecesse. Por meio das entrevistas, as jogadoras pareceram contentes com as escolhas feitas, pensando depois do turbilhão de acontecimentos, ainda que fantasiem como poderia ter sido se traçassem outros caminhos.

4.4 O ser jogadora como uma carreira desviante

Ser jogadora de futebol no Brasil e, mais especificamente, em Sergipe traz consigo aspectos que vão além do que acontece dentro das quatro linhas do gramado. De modo semelhante aos músicos de jazz que Becker (2014) analisa, as jogadoras podem se enquadrar nas carreiras desviantes, não por serem atletas de futebol, mas por serem mulheres jogadoras, situação reforçada pelo fato de estarem em um estado da periferia do futebol, isto é, uma localidade afastada dos principais meios midiáticos e do alto investimento no esporte. Para o autor, “o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal” (Becker, 2014, local. 19).

Até mesmo hoje em dia, as mulheres jogadoras são colocadas em uma posição de desviantes por certos grupos, como se não fosse possível enxergá-las como profissionais do mesmo modo que consideram os homens jogadores. Muito se dá pela consolidação do futebol de homens no cenário internacional e, especialmente, no dia a dia dos brasileiros. Essa comparação é feita apenas pela semelhança entre essas categorias de uma mesma modalidade, mas olhando para o futebol de mulheres nos Estados Unidos e na Inglaterra, por exemplo, não é tão fácil enxergar a posição de *outsiders* das jogadoras atualmente, mesmo que tenham sofrido com isso em momentos anteriores. A construção do futebol de mulheres nesses países levou ao sucesso de público e apoio às seleções em competições nacionais de cada um deles. Ao Brasil, ainda resta muito caminho para chegar a esse patamar.

Nesse contexto de desestímulo e invisibilização, Pisani (2018) entende que o futebol brasileiro se constituiu olhando para gênero masculino, denominando-o como “gênero da bola”. Assim, a ideia estrutural seria de que ao gênero feminino não caberia a prática do futebol, muito menos sua versão profissional, uma vez que a proibição condicionou o futebol de mulheres a uma categoria “fora de lugar” e “agramatical” (Guedes, 2020). Por muitos anos, especialmente antes da regulamentação, o futebol de mulheres precisou lidar com punições; hoje, as críticas e xingamentos continuam, pois, esse ofício ainda é visto sob um olhar masculinizado, do mesmo modo que o ambiente desse esporte. As próprias jogadoras sergipanas reconhecem esse espaço,

[...] assim como foi durante toda a história do futebol. O futebol foi pensado por homens e para homens, então acho que eles seguem com esse pensamento bem à risca aqui no estado. Pouco se é discutido sobre o futebol de mulheres (Entrevista com Tamires, 2025).

De modo geral, o contexto de profissionalização do futebol na década de 1930 é visto como universal para o esporte no Brasil, ainda que só homens estivessem adquirindo essa posição profissional. Para Haag (2023b, p. 22), “as experiências masculinas são as únicas representativas da história, há uma clara prioridade à ‘história dos homens’ frente à ‘história das mulheres’, configurando uma hierarquia dentro dos próprios relatos”. Em outras palavras, colocar as mulheres como centro da análise de trajetórias, itinerários e percursos profissionais é também abarcar uma perspectiva diferente da estrutura social do futebol, perpassando pelo impacto dos papéis de gênero, desvalorização do trabalho feminino e a masculinização exacerbada do ambiente futebolístico.

Nesse sentido, importa entender que, desde as fases iniciais do gosto pelo futebol, mulheres que praticam o esporte se deparam com preconceitos e estigmas, ainda que não sejam mais proibidas. Segundo Goffman (1981), um estigma é um atributo profundamente depreciativo, produzido por uma série de relações e não de atributos. Entre três estigmas utilizados pelo autor (abominações do corpo, culpas de caráter e tribais), o relacionado a culpas de caráter é visto “como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas” (Goffman, 1981, p. 7) e provoca representações estigmatizantes sobre grupos, como ocorre com os profissionais. É o caso das jogadoras de futebol.

O rompimento com a feminilidade, isto é, um caráter socialmente aceito e defendido, leva os indivíduos desinformados a reproduzirem preconceitos sexistas como o descarte de uma “imagem feminina” apenas pela prática esportiva. Um exemplo disso é o forte uso de “sapatão” e “maria-homem” como termos pejorativos em relação a mulheres que não têm interesse em apresentar um estereótipo de feminilidade enquanto jogam futebol. Além disso, argumentos de que a trave deveria ser diminuída ou que as dimensões do campo fossem alteradas só para as mulheres jogarem também estigmatiza os corpos dessas atletas, como se fossem incapazes de lidar com a atual estrutura física do futebol. É preciso ressignificar e influenciar mudanças acerca desses pensamentos.

Para ilustrar esse assunto, é possível citar um jogo do Juventude em 2025, cuja transmissão foi feita pela internet. O chat estava lotado de apoio, mas também de comentários maldosos, de tal modo que o narrador da partida precisou chamar a atenção e pedir para o público de casa levar a denúncia à polícia. Em um momento, o narrador chegou a dizer “se é cidadão de bem pra falar [o que comentou no chat], é cidadão de bem pra responder à polícia”¹⁶.

¹⁶ O jogo foi transmitido pelo Youtube no dia 21 de maio de 2025.

Figura 7 – Jogo do Juventude pelo Campeonato Brasileiro Feminino A3



Fonte: captura de tela do Youtube feita pela autora (2025).

Não há atualizações sobre o caso até o momento, mas evidencia uma situação comum enfrentada por mulheres atletas, especialmente no caso do futebol.

Os quadrados, mencionados por Becker (2014), podem ser vistos no âmbito do futebol de mulheres como pessoas que acompanham o futebol de homens e que acham esse o único representante da modalidade, mas principalmente, os setores da sociedade que detêm o certo poder sobre o esporte. Em Sergipe, os quadrados são parte de organizações esportivas e da mídia, que pouco valorizam o futebol praticado pelas mulheres. Como apresentado no início desta dissertação, pensar a profissionalização dessas jogadoras é, por vezes, motivo de piada dentro desses setores, especialmente porque eles impõem uma série de padrões, como retorno financeiro da categoria, sem se preocupar com fornecer as bases para que isso seja uma realidade. O futebol de mulheres não pode ser visto com as mesmas lentes do futebol de homens em termos de retorno financeiro, se elas estiveram proibidas por quase quatro décadas e não receberam o investimento necessário para a consolidação ao nível que a categoria masculina está. É nesse sentido que o futebol de homens não é, nem deve ser, o principal critério de comparação, de modo geral. A principal comparação no quesito de identidade profissional deve ser o cenário nacional, especialmente Sul-Sudeste no futebol de mulheres.

A comparação de músicos com “empregos estáveis” que tanto foi denunciada em entrevistas a Becker (2014) tem um efeito parecido no futebol de mulheres em Sergipe. Muitas precisam trabalhar em outro ramo, às vezes mais de um, demonstrando que a pressão para substituir o futebol por outro meio de sobrevivência financeira está muito vivo desde o início, o que leva a um processo de bola de neve para cada nova geração de atletas no estado. Até pouco tempo, um número inexpressivo de jogadoras sergipanas tinha acesso a peneiras e

oportunidades em times do eixo sul-sudeste, mas hoje a realidade vem mudando. É nesse momento que, aquelas que veem o futebol como um sonho profissional, buscam chances de mostrar seu talento e dedicação para outros clubes, na esperança de serem convocadas a fazer parte de times que valorizam e financiam a prática do futebol.

Diante disso, este capítulo teve como objetivo analisar as trajetórias de jogadoras que participaram do Campeonato Sergipano Feminino de 2024, passando pelos primeiros contatos e desafios, pela participação em campeonatos até chegar a uma certa estabilidade em clubes. Durante esses caminhos, as escolhas foram fundamentais para moldar a próxima posição da atleta no campo do futebol, seja como mudança ou como manutenção de posicionamento. Com isso, as particularidades de ser uma jogadora de futebol em Sergipe foram externalizadas, especialmente a partir dos termos utilizados por Becker (2014) em *Outsiders*. Assim, a realidade do estado, ao mesmo tempo que conversa com situações comuns nacionalmente, também reflete a conjuntura sergipana e os motivos que culminam na atual estrutura da categoria. No entanto, ao seu modo, continuar praticando futebol e lutando pela profissionalização das atletas sergipanas, seja por parte delas ou de outros atores que percebam essa necessidade, parece ser a forma, sob uma perspectiva do desvio, de romper com as regras sociais que elas supostamente infringem. Essa percepção dialoga diretamente com o problema de pesquisa ao fornecer informações sobre processos que mulheres em Sergipe precisam vivenciar para se tornarem jogadoras de futebol.

5 BOLA NA REDE: A SOCIALIZAÇÃO E A CULTURA PROFISSIONAL

Este capítulo tem como objetivo versar sobre a socialização de jogadoras de futebol e as formas de aquisição de saberes, cultura e experiências no ofício, a partir da prática. Para o contato com esses assuntos, foram adicionadas questões direcionadas nas entrevistas, para além das trajetórias da seção anterior. Assim, foi possível ouvir das jogadoras como enxergam os aprendizados e as habilidades necessárias para uma mulher permanecer na carreira de atleta de futebol.

O contato com o futebol traz uma socialização quase imediata para as crianças em seu período de iniciação esportiva, visto que é um esporte coletivo e que permite interações entre as participantes. Como visto na seção anterior, as entrevistadas começaram esse processo com meninos e foram aumentando suas experiências em jogar com meninas ao longo dos anos, até chegar ao clube do qual fazem parte do time de mulheres.

A cultura e a identidade profissional também são relevantes nesse contexto. Dessa forma, o nível de conhecimentos sobre futebol necessários a um atleta profissional, o jeito de se portar e a forma como se apresenta para outras profissões envolvidas com o esporte são aprendizados contínuos e adquiridos com a permanência na profissão.

Nesse sentido, Becker (2014), ao analisar os músicos de jazz, ressalta a percepção antropológica da cultura, que valoriza os significados e entendimentos construídos coletivamente por meio da comunicação dentro de uma comunidade. Ainda que o autor apresente críticas a certos direcionamentos dessa interpretação – por considerar, por exemplo, que o conceito foi inicialmente voltado a sociedades primitivas –, ele defende que é possível adaptá-lo. Desse modo, compreende-se que “no sentido de uma organização de entendimentos comuns aceitos por um grupo, [a cultura] é igualmente aplicável aos grupos menores que compõem uma sociedade moderna complexa” (Becker, 2014, local. 72-73), como é o caso dos grupos ocupacionais.

Seguindo a linha de Hughes, Becker (2014) considera que qualquer grupo de pessoas que tenha uma vida com problemas, pessoas e posições comuns na sociedade pode incorporar uma cultura, importando nesse caso um certo grau de isolamento em relação a quem não compartilha dessas mesmas coisas. É por meio desse contexto que grupos ocupacionais passam a vivenciar uma cultura comum. A socialização profissional produz um compartilhamento de comportamentos, posições e problemas semelhantes no que tange ao ofício.

Em momento anterior nesta pesquisa, Bourdieu se apresenta como um facilitador da análise de trajetórias e da percepção dos capitais associados à inserção profissional. A esse

respeito, Emmerich (2013, p. 23) articula as contribuições interacionistas com os debates bourdieusianos da seguinte forma:

Bourdieu rejeita o termo socialização, preferindo 'o empreendimento coletivo de inculcação' (Bourdieu 1977, p. 17). Uma das motivações para isso pode ter sido o fato de que a socialização tem (ou tinha) um caráter psicológico, em vez de sociológico ou antropológico, que Bourdieu não considerava atraente. No entanto, sua reformulação também reflete a maneira como os indivíduos desempenham um papel cúmplice e até mesmo ativo em sua própria socialização. Ser socializado não é uma experiência passiva, mas envolve a participação do indivíduo em contextos sociais específicos.

Apesar de Bourdieu descartar a utilização do conceito de socialização, as contribuições da perspectiva interacionista – sobretudo no que tange à absorção de saberes profissionais e às mudanças de posicionamento no campo decorrentes dessas experiências – servem como complemento à análise das trajetórias abordadas na seção anterior. Desse modo, as distintas e semelhantes construções da identidade profissional impactam significativamente na interpretação da cultura própria de uma atleta de futebol.

5.1 O futebol como espaço de socialização

O futebol no Brasil, na maioria das práticas, seja ela infantil, amadora ou profissional, é considerado um espaço de socialização. Isso se dá pelo contato com outras pessoas, jargões, modos de agir e falar, culturas e outras especificidades que são encontradas nesses momentos. Apesar de inicialmente as jogadoras sergipanas terem esse processo de socialização vinculado aos meninos majoritariamente, é interessante ouvi-las falando sobre o primeiro contato com o futebol de mulheres propriamente dito, pois muitas não cogitavam a ideia de ter várias meninas espalhadas pelo país que faziam o mesmo que ela. Essa percepção é bastante comum no cenário nacional, especialmente nos relatos de jogadoras que já se aposentaram, como Sissi¹⁷.

É uma questão que eu não tinha, que eu vivenciei treinamentos com meninas pela primeira vez lá. Comecei a treinar com as meninas todos os dias lá, né? Depois, como vou falar, pô... É massa da pé, porque... A pessoa não vai entender, né, velho? Diferença de você estar treinando com as meninas, que já é... É o mesmo corpo que você, né? (Entrevista com Marta, 2025).

Outras, como é o caso de Yaya, já tinham contato desde cedo com outras meninas jogando, pois, no seu ciclo, “[...] as minhas amigas jogavam futebol também, inclusive

¹⁷ Ex-jogadora da Seleção Brasileira de Futebol, artilheira da copa de 1999, conhecida como a primeira grande craque do futebol de mulheres brasileiro.

algumas jogam comigo até hoje ainda. Duas delas jogaram no Juventude também comigo na temporada passada no Brasileiro, agora estão em outro clube, mas também jogam comigo aqui” (Entrevista com Yaya, 2025). Sob esse aspecto, a participação em campeonatos ajuda bastante a vivenciar esse convívio com outras meninas e mulheres que também praticam o futebol.

Ao passo em que as jogadoras tiveram contatos em momentos e categorias diferentes, existe uma distinção de respostas quanto aos ídolos que as inspiraram e inspiram ao longo da trajetória no futebol. A variedade nos nomes citados mostra que elas tiveram referências múltiplas, umas por posição que jogam, outras pelo time que torcem, outras por ligação com a Seleção Brasileira. Os nomes que apareceram entre os ídolos das jogadoras sergipanas foram Marta, Tamires, Cristiane, Formiga, Tânia Maranhão, Maurine, Alexia Putellas, Yaya, Neymar, Cristiano Ronaldo, Pelé e Joyce, essa última uma jogadora sergipana. A grande variedade demonstra que as atletas acompanham a modalidade há algum tempo e possuem referência nas duas categorias, a de mulheres e a de homens.

Entre temas comuns a atletas profissionais, tem-se o papel das jogadoras mais experientes e a adaptação para com o novo time. Considerando a mudança constante no estágio intermediário da carreira das jogadoras sergipanas, a percepção acerca da colaboração na equipe, bem como a passagem de conhecimentos e outras dicas para além dos ensinamentos da comissão técnica, é fundamental no processo de inserção tanto no clube quanto na carreira para aquelas que estão começando. Nesse sentido, as atletas entrevistadas passaram por experiências diferentes umas das outras. Por conta disso, darei espaço para abordar as particularidades de cada uma.

Ao responder sobre esse assunto, Tamires se identificou a partir do ponto de vista das jogadoras mais experientes, pois jogou bastantes campeonatos no futsal antes de chegar ao futebol de campo para as competições oficiais, o que lhe permitiu construir aprendizados relevantes.

Acho que foi uma relação bem boa. Eu tentava, de algum modo, ser um espelho. Mesmo que, no momento, eu não entendesse isso com tanta clareza. Mas, de algum modo, eu sabia que eu era uma influência pra aquelas meninas, pra que elas não desistissem ou que permanecessem jogando. Tanto que... Tem um tempinho que eu tenho parado de jogar, mas... A menina fala, ‘ah, tô com saudade, aparece lá nos treinos’ e tal. Eu acho que era uma relação bem boa. E era importante, né? E já que, na minha época, eu não tinha essa referência, digamos assim. Então, as meninas mais experientes entenderam o papel e a importância do que ela representa pra outras meninas mais jovens (Entrevista com Tamires, 2025).

Por outro lado, Cristiane foi uma dessas novatas que precisou do apoio das mais experientes, seja em relação a instruções ou mesmo um acolhimento positivo para que ela se sentisse pertencente ao grupo que iria disputar o campeonato junto.

Como experiência própria, que eu era nova no futebol, já tinha outras jogadoras que jogavam o campeonato, inclusive, em outros times. Então, por exemplo, tinha a outra zagueira que jogava comigo, que ela era bem mais experiente. Ela jogava há mais tempo e também tinha mais idade. Então, ela sempre buscava instruir nas coisas que ela sabia, né? Eu acho que, assim, da minha experiência própria, eu senti uma ajuda das mais experientes em tentar instruir, de alguma forma, a gente, que é mais nova. Acho que quando a gente está em time, elas são bem acolhedoras (Entrevista com Cristiane, 2025).

Roseli teve experiências positivas por todos os times que passou, independente da modalidade. O receio de ser tratada de forma negativa quase impediu que ela se arriscasse em mudar de time, mas, assim que o fez, percebeu que não precisava desse medo.

Então, nos times que eu joguei, resumindo todos, a grande maioria, eu sempre fui bem recebida. Eu sempre tive aquele receio de achar que as meninas iam me tratar diferente por eu ser novata, ou por eu ser mais velha, ou por eu ser do interior. Eu sempre receio de elas não confiarem em mim, de não me aceitarem no elenco, de ficar com o pé atrás. Aí, às vezes, eu mesmo tinha esse medo de poder me jogar e ir pra algumas equipes por medo da rejeição. Mas graças a Deus, em todos os times que eu passei, eu posso dizer com propriedade. Eu sempre fui bem recebida, as meninas foram superlegais (Entrevista com Roseli, 2025).

Yaya passou um tempo jogando em outro estado, então além da convivência com jogadoras que ela não conhecia, o ambiente e a cidade também eram novidades para ela. Assim, o processo de adaptação contou com a ajuda daquelas que já estavam no alojamento a mais tempo e que conheciam melhor a cidade que se tornou o lar da sergipana por certo período.

Olha, eu acho que é de fundamental importância quando a gente vai morar em alojamento e tem pessoas mais experientes, que já estão mais acostumadas com esse meio. Eu, por exemplo, quando fui morar em alojamento a primeira vez, que eu fui morar em João Pessoa, me ajudou muito o contato com pessoas mais velhas, que já estavam lá há mais tempo. Acho que acrescenta muito na parte de amadurecimento, porque quando você vai morar em um lugar que são muitas pessoas estranhas, que você não está acostumado, que você não conhece. Muita gente nova e tal, requer muito da questão do amadurecimento, porque tem que saber conviver. E eu acho que acrescenta demais essa questão de conhecer pessoas mais velhas e mais experientes, que já estão no meio há mais tempo. Sempre tem uma outra que é mais chata, que não gosta tanto de ajudar, já está há mais tempo e não vai dar muita atenção por ser uma menina nova. Mas sempre tem pessoas também que pensam diferente, que fazem questão de ajudar, de se colocar à disposição. Hoje eu já faço isso, como você falou, com as mais novas que vão chegando (Entrevista com Yaya, 2025).

Marta passou por situação parecida. Na mudança para outra cidade, para vivenciar uma experiência no Vitória, ela começou o processo acompanhada e teve que se adaptar novamente quando a conhecida que viajou com ela mudou para outro time e cidade. Foi uma primeira experiência quádrupla: a primeira viagem de ônibus, a primeira vez morando em outro estado, a primeira vez jogando por um time de meninas e a primeira vez fazendo tudo isso sozinha.

Então... Quando eu cheguei lá... Tinha uma menina de Lagarto, jogadora, que já estava lá. Passou, acho que foi um ano e meio. Nisso, eu tinha a companhia dela... Quando eu cheguei lá, eu viajei com ela, nunca tinha viajado de ônibus, nada. Só fui. Aí... Cheguei lá, só conhecia ela, fiquei um tempo e logo depois, ela acabou indo pra outro clube. E eu fiquei lá, sozinha. Aí foi que, tipo... eu chorava demais, velho. Chorava demais. Porque, querendo ou não, eu conheci pessoas de tanto lugar. E, tipo, ficava sem entender, sem saber de nada. Porque... Quando você não conhece pessoas, você vai ficar ali no cantinho, né? Foi uma experiência boa. Não é mil maravilhas, porque nada é perfeito, né? Mas... Conheci pessoas boas que... até hoje, eu converso ainda pelas redes sociais. [...] Tinha umas meninas mais experientes que eu... Só que, tipo... Por ela ser mais experiente, ela não me desprezava, entendeu? Ela me ajudava e era bom é isso, né? (Entrevista com Marta, 2025).

Diante das percepções que as jogadoras adquiriram, acerca da importância de ser ajudada pelas mais experientes e de ajudar as novatas, o convívio e a socialização se tornam fundamentais para a unidade do ofício de jogar futebol. A falta desse apoio ou a desvalorização da presença de uma novata no elenco tende a provocar conflitos internos ou evasão, seja do clube ou até mesmo da profissão. Dessa forma, é possível colocar as relações internas e dinâmicas de grupo como um elemento determinante para a manutenção dessas mulheres enquanto jogadoras.

Além disso, a transmissão de saberes presentes nesse contato entre as novatas e as mais experientes também é voltada para uma aprendizagem concreta, ou seja, sobre a prática a ser realizada nos treinos e em campo. Ainda que se espere mais em relação ao aprendizado dos times com seus treinadores, há absorções que apenas o observar e a convivência com outras jogadoras permitem aprender. É por isso que todas reforçaram a importância de as mais experientes serem como espelhos de atuação e ajudarem as mais novatas na adaptação ao clube. Essa socialização constante entre as atletas reflete o que Dubar (2012, p. 358) afirma sobre a socialização profissional ser, portanto, “esse processo muito geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (self), concebido como um processo em construção permanente”.

Nesse sentido, algumas jogadoras mencionaram a percepção que possuem quanto ao futebol de mulheres sergipano como um todo, não só com os próprios times. Roseli, por exemplo, afirmou que

[...] o futebol feminino é bem unido, as meninas são bem unidas. [...] Em todo lugar que eu vou, as meninas são bem, bem, bem legais. Independente se a gente é novato, se a gente é experiente, se a gente vem de fora, vem de outro estado. As meninas sempre recebem a gente bem, isso é bem interessante do futebol feminino. Não tem aquela rixa, né? ‘Ah, tá chegando agora, vai tomar minha vaga’. ‘Ah, tá chegando agora, aí, porque é amiga de fulano, vai tomar minha vaga’. Não, as meninas sempre, cada quem sempre lutou pela sua vaga, tipo, da melhor maneira possível. As meninas são bem tranquilas em relação a isso (Entrevista com Roseli, 2025).

Tamires, por sua vez, tem uma visão contrária. Para ela,

[...] aqui no estado eu percebi que tem muita questão de rivalidade desnecessária. Claro que é gostoso quando você tem uma rivalidade ali no campo, quando tá jogando, mas que acaba ali, sabe? Mas é algo que eu falei antes, né? Questão da união das atletas. Às vezes eu acho que a gente caminhava ou caminha em linhas opostas, em caminhos opostos. Eu acho que deveria ser o contrário disso, né? Pra que a gente possa evoluir a categoria aqui no estado (Entrevista com Tamires, 2025).

O posicionamento diferenciado entre as jogadoras acerca da união e da sua ausência representa convívios diversos, pois no caso de Roseli e Tamires, por exemplo, não houve uma experiência simultânea no mesmo time, o que pode ter impactado as percepções. Concomitantemente, relações complexas entre atletas e comissão técnica ou entre atletas e dirigentes também influenciam negativamente no processo de manutenção das jogadoras em um time. No caso comum entre Tamires e Marta, ocorrido enquanto ambas jogavam pelo time do Lagarto, o clube convidou jogadoras de fora do estado para compor a equipe que participaria do Campeonato Sergipano Feminino 2023, pagando valores que incluíam alojamento, viagens, alimentação, entre outras despesas.

Do outro lado da história, estavam as atletas da cidade que já estavam vinculadas ao clube e que não receberam ajuda de custo nenhuma, nem mesmo as que passaram a morar em Aracaju, por conta dos estudos, receberam auxílio para voltar à cidade para treinar. Ademais, as jogadoras da cidade não sabiam do convite às jogadoras de outros estados antes de encontrá-las nos treinos. Ao ter o primeiro contato com o time completo, as atletas que representaram o time no ano anterior se depararam com a novidade.

[...] era uma equipe de fora, que eles tinham pago, eles queriam ser beneficiados no final, né? A gente ficou, a gente ficou chateada, muito

chateada, muito mesmo, porque a gente, querendo ou não, os dois primeiros anos que a gente foi, foi. A gente tava, não tinha ninguém por nós, não tinha nada, não tinha, a gente não cobrava nem uma passagem, porque eu moro no povoado, a gente não cobrava nem isso [...]. As meninas eram muito boas, sim, excelentes, mas a gente sabia que, no final, quem seria beneficiado, eles queriam ganhar, não era nem por conta do time e tal, de ganhar, de ganhar uma visibilidade, não, era por conta de dinheiro (Entrevista com Marta, 2025).

as meninas que estavam no ano anterior, elas ficaram mais no banco, para alguma ou outra que jogar mais. E aí, as que estavam titulares, foram as que vieram de fora, elas treinavam meio que a parte, a gente fazia ali um coletivo, mas as instruções eram passadas apenas para aquelas titulares. Aí já criava esse burburinho ali e a gente se sentia um pouco menosprezada, né? Você já é da cidade, já é da casa e não recebe um apoio mínimo, sei lá. Então, já foi criando esses conflitozinhos e o grupo rachou. Não tinha conversa para tentar resolver, só rachou (Entrevista com Tamires, 2025).

A experiência mencionada por Tamires e Marta muito se assemelha com a visão que Rosana tem do Campeonato Sergipano Feminino, competição que participa há muitas edições. Segundo ela, existe uma sequência de ações sempre comuns entre os times, principalmente por não terem equipes que joguem mais que dois meses no ano. Em primeiro momento, vão em busca de jogadoras no estado, “as que você ainda não perturbou a mente e que ainda conseguiu no seu time” (Entrevista com Rosana, 2025), seguido da procura por peças que estão faltando e, possivelmente, estavam em outros clubes na edição anterior. Na permanência de vagas para o time, os presidentes entram em contato com atletas de outros estados e precisam “dar uma molhadinha na mão” (Entrevista com Rosana, 2025) para que elas aceitem, enquanto as jogadoras locais gastam muito dinheiro do próprio bolso para se locomover, pois muitas vezes precisam sair de bairros como Santos Dumont e Fernando Collor para ir treinar no Clube da Caixa (APCEF), localizado no bairro Aeroporto¹⁸, como mencionado pela jogadora. Formada a equipe que irá disputar, há dificuldade nos treinos porque muitas trabalham e não podem participar em todos os horários marcados, exceto as que vêm de fora, pois estão recebendo dinheiro para estarem disponíveis.

[...] Aí, chega, vai jogar o campeonato. Aí, aqui é todo mundo se matando, querendo se comer. São os melhores, são os bons, não sei o quê. Vai jogar fora, pega pau. É quatro, é seis, é dez, é doze, é vinte. Está entendendo? Como é que você vai jogar contra os times que já tem uma base, que já vem com uma estrutura? Que jogam mais tempo no ano? Pra mim, é jogar baba (Entrevista com Rosana, 2025).

A diferença de tratamento para com as jogadoras sergipanas e as de fora que chegam para agregar ao time desenvolve conflito interno. Isso se dá não como uma competição entre

¹⁸ Esses bairros ficam, respectivamente, a 15km e 22km de distância do APCEF.

elas, mas como revolta com a direção do clube, uma vez que há desvalorização das atletas locais. Os clubes, ao estabelecer distinções de tratamento, aparentam menosprezar as jogadoras e reforçam o interesse em mantê-las nessa posição de quase profissionais, mas nunca profissionalizadas.

5.2 Cultura e identidade adquiridas no futebol

Desde a iniciação no futebol como jogo ou como esporte propriamente dito, meninas sofrem com piadas, ofensas e proibição de jogar. No caso das atletas entrevistadas, nenhuma delas passou por proibição e, provavelmente por isso, permaneceram interessadas em praticar o futebol. No entanto, precisaram aprender a lidar com os outros aspectos negativos, uma vez que as principais críticas advinham de pessoas com acesso a elas, a ponto de constantemente ofendê-las e desmotivá-las.

Essas críticas ao futebol de mulheres, ainda que seja uma situação negativa, parecem fazer parte da construção da identidade dessas meninas e mulheres enquanto jogadoras. Evidentemente, não é a parte dos xingamentos que compõe a identidade, mas a forma como elas aprendem a lidar, seja ignorando, retrucando ou mesmo usando como gás para potencializar seus resultados. Sobre esse assunto, até mesmo Yaya, cuja família inteira jogava futebol desde sempre na sua cidade do interior, sofreu com comentários, mas

Nunca dei importância. Para mim, o que eu fazia, o que eu acho que eu tenho que fazer, que eu acho que é o que me faz bem, e para quem joga futebol, principalmente o feminino, começa muito mais por amor do que por dinheiro ou qualquer outra coisa. Porque o futebol feminino é muito difícil. Então, para você continuar, é muito por amor. Então, pelo fato disso, de eu gostar tanto, de eu amar tanto, de ser algo que eu não conseguia me imaginar sem fazer, eu, assim, nunca me importei não muito com julgamentos. Mas a gente sabe que tem um preconceito. Alguns amigos, alguns familiares. ‘Ah, porque mulher jogando futebol’, ‘porque mulher nesse meio...’ (Entrevista com Yaya, 2025).

Rosana falou pouco acerca desse assunto, mas colocou a luta contra o preconceito como um dos critérios para uma jogadora se tornar atleta profissional, junto ao dom e/ou disciplina, destacando a relevância do aprender a lidar com críticas, preconceitos e ofensas para a constituição da identidade profissional.

Na experiência de Tamires, ela afirmou não prestar atenção quando era mais nova, mas a partir do momento em que foi crescendo e percebeu o peso das palavras, começou a machucar. Ainda assim, vê com esperança a questão de a sexualidade ser debatida junto ao futebol de mulheres, pois entende como uma forma de força e luta para elas, além de ser um ambiente

mais receptivo com esse tema, diferente do futebol praticado por homens, onde a homofobia é ainda mais internalizada.

Acredito que, infelizmente, talvez sempre vá existir. Realmente, tem um preconceito de que toda menina que jogar, os apelidos são de praxe “Maria Sapatão”, ou se é um cabelo curto, ou alguma coisa assim. Mas eu acho que o futebol, talvez, ele seja além, o de mulheres, no caso. De homens, é outra questão, outro contexto. Talvez seja um ambiente que, de algum modo, abraça essas questões. E aí, as pessoas que são de fora, que são externas a esse ambiente, a esse contexto, entendem que o esporte faz a pessoa ser tal coisa, mas não é isso. Essas questões, esses preconceitos, existiam antes e continuam existindo. Às vezes, tentam camuflar de alguma forma, mas quem está ali convivendo sabe quando esse preconceito vem ou quando ele está disfarçado (Entrevista com Tamires, 2025).

Roseli, por sua vez, mencionou outro tipo de preconceito que sofreu, isto é, não se referia ao ser mulher jogando futebol, mas ao ser sergipana em um campeonato nacional, como mencionado na seção anterior. A partir da experiência, ela percebeu que os times de fora subestimam bastante os estados menores e/ou nordestinos e só entendem como verdadeiros concorrentes quando ganham de equipes reconhecidas no cenário nacional.

Muitos desses preconceitos afetam diretamente a vontade que meninas e mulheres têm de continuar jogando futebol, seja de forma profissional ou recreativa. Outro aspecto que influencia são os sacrifícios que surgem ao longo da trajetória. Nesse sentido, as atletas mencionaram reconhecer a necessidade de escolhas e sacrifícios na carreira, sendo o mais comum sair de casa cedo e ir morar em outra cidade ou estado para aproveitar oportunidades no futebol que, em seu lugar de origem, não eram realidade. Algumas moraram de favor em casas de amigos ou conhecidos; outras viviam uma rotina tripla entre estudo, trabalho e treinos, sem descanso; além daquelas que veem como o maior sacrifício perder momentos e o crescimento de irmãos, por exemplo. Sob esse aspecto, a permanência no futebol depende da força individual, de redes pessoais e de sacrifícios privados, o que revela um processo de responsabilização das atletas por uma precariedade que é, na verdade, produzida social e institucionalmente.

Diante dessas reflexões, alguns momentos fizeram as entrevistadas repensarem sobre continuar na carreira de jogadoras. Acerca do assunto, Yaya lembrou os momentos em que foi injustiçada e não tinha oportunidades quando jogava em João Pessoa, em que pensava em desistir e procurar um outro lugar para trabalhar, pois estabilidade financeira se tornava o alvo dos seus pensamentos na época.

Hoje em dia é muito raro você encontrar uma mulher e ela dizer que consegue se manter do futebol. Só quem joga realmente em time profissional, em clube grande, no caso. Que é aqui do Nordeste, que eu só consigo ver hoje o Bahia, Vitória, Fortaleza, mas tem pouco. Esses clubes com nome, clubes pequenos, é muito raro você conseguir encontrar alguém que diga hoje eu vivo do futebol. Não tem. [...] Mesmo morando em um alojamento e tendo alimentação e tudo. Você precisa sair às vezes, você precisa comprar coisas pessoais e tal. E aí eu não tinha essa estabilidade financeira, então eu comecei a repensar. Cara, será que vale mesmo a pena ficar aqui me desgastando e afetando o meu clube psicológico? Longe da minha casa, longe da minha família, sem ter oportunidade e ainda sem ganhar nada (Entrevista com Yaya, 2025).

Para ela, esse foi o ponto de mudança de pensamento, resolveu voltar para casa e percebeu que, na verdade, o problema não era ela, mas o ambiente em que se encontrava. Yaya foi descobrindo que antes lhe faltava coragem para sair, pois entendia que só teria oportunidades estando longe de Sergipe, mas hoje vive uma realidade muito melhor no Juventude, que vem investindo desde 2024 e se sagrou campeão nas duas edições de Campeonato Sergipano Feminino que participou (2024 e 2025). Como a entrevista com ela foi realizada próximo ao campeonato de 2025, ela pôde citar sua presença no alojamento, alimentação e os recursos financeiros que recebe do time para jogar, o que marca uma mudança nas relações entre jogadoras e clubes sergipanos.

Figura 8 – Foto de campeão do Juventude em 2025



Fonte: acervo da autora (2025).

Tamires repensou a carreira por vários motivos, às vezes com o pensamento de que sua formação acadêmica lhe daria um futuro melhor, às vezes por conta da rivalidade que julgou desnecessária entre jogadoras, como problemas pessoais entre elas e não apenas disputas em

campo. Isso se encaixa diretamente no que Rosana falou sobre os dirigentes dos clubes incitarem brigas entre atletas “Os presidentes de clubes. É uma guerra. E faz a cabeça das meninas, as amigas viram inimigas. É sério. E aí, eu digo, para que isso tudo se não tem dinheiro? E o que é que está essa guerra toda? Não entendi. Não encaixa. E é isso” (Entrevista com Rosana, 2025).

Por outro lado, nem tudo são aspectos negativos. As jogadoras falam com muito carinho sobre a parte do jogar e do pertencimento que adquirem quando chegam a um clube, geralmente aquele que as fazem permanecer, como discutido na seção anterior sobre o terceiro estágio da carreira. A escolha de se submeter a certos sacrifícios é também uma forma de comprometimento com o futebol, não à toa a palavra “amor” foi tão mencionada. Em alguns momentos, o amor se opunha à profissão, mas no fim das contas, ao continuarem na profissão, as atletas estavam unindo as duas coisas, pois não é só o amadorismo que evidencia o amor de jogadoras pelo que fazem em campo.

Em relação a distinções entre amadorismo e profissionalização, no que se refere aos aspectos práticos de cada um, algumas atletas puderam ter experiência de cada um desses conceitos quase simultaneamente, como é o caso de Yaya. Essa atleta jogou a Copa Serigy de Futebol Amador, organizada pela Secretaria de Estado do Esporte e Lazer (SEEL) e pelo Governo do Estado de Sergipe, representando sua cidade; e o Campeonato Sergipano Feminino, organizado pela Federação Sergipana de Futebol, representando o time do Juventude. Parte das duas competições aconteceu em dias próximos, incluindo choque de datas com a participação na Copa Rainha Marta. Nessa última, a seleção de Aracaju, campeã da Copa Serigy feminina, foi a representante de Sergipe, junto a participantes de outras seleções que se destacaram, como Yaya. Para a Copa Rainha Marta, o campeonato da FSF fez uma pausa, já que os jogos em Alagoas duraram apenas uma semana. Porém, em relação à Copa Serigy, Yaya precisou escolher qual jogo faltar, pois não seria possível jogar dois no mesmo fim de semana ou até no mesmo dia.

Ao refletir sobre essa experiência, Yaya percebeu grande diferença na postura de quem realiza o treinamento e das próprias integrantes do time. Assim,

[...] enquanto amador, acha que vai só jogar, só para se divertir. Sabe? Tipo, não tem aquela responsabilidade. Não tem aquela disciplina de... Saber que jogador é jogador e atleta é atleta. A gente costuma falar isso no meio do futebol. Que tem um jogador e tem um atleta. Jogador bom tem muito, mas é difícil você encontrar um atleta. Sabe? Que tenha, tipo, responsabilidade, disciplina, compromisso. Se cuidar, a questão de cuidar da saúde, de cuidar da alimentação. De dormir bem, essas coisas. Eu acho que a diferença é muito grande. Se você quiser jogar amador, não se importa tanto com isso, sabe? É

só... ‘Eu sou um bom jogador, então vou jogar em qualquer clube/qualquer time amador’ e é isso. Já quem joga profissional, sabe que tem que se cuidar porque tem muita concorrência (Entrevista com Yaya, 2025).

Essa distinção entre atleta profissional e jogador amador caracteriza essencialmente a diferença dessas mulheres participantes do campeonato e aquelas que apenas jogam por diversão. Ainda que o salário seja de extrema relevância no que se refere à transformação do futebol em uma carreira, existem outros aspectos intrínsecos ao próprio atleta que normalmente são desconsiderados quanto à distinção entre profissionalismo e amadorismo. Para Rosana, o mais importante para uma profissional

É a disciplina. Não levar em consideração as desigualdades porque se ela levar isso em consideração, ela vai ficar retraída, não vai colocar o dom dela para fora, expor o que ela sabe. Entendeu? Então, eu acho que isso é o básico. E tem duas situações. Tem as meninas, tanto no caso das meninas como dos meninos. Tem gente que nasce com dom. Você já sabe que aquela pessoa ali, até o jeito que você já sabe que outras pessoas não. Elas não sabem, não têm o dom, mas ela aprimora e faz com que fique boa. Deu para entender, né? Tem gente que tem o dom e não tem o dom. Aí entra, quem já tem o dom é aprimorar disciplinando. Porque quem tem o dom não é muito disciplinado pelo fato de já ter facilidade. Já quem não tem o dom é disciplinado, mas não tem o que quem tem o dom tem, que é a facilidade. Eu acho que é basicamente isso. Você vencendo o preconceito e tendo disciplina, eu acho que é o básico (Entrevista com Rosana, 2025).

Assim, é possível enumerar algumas atitudes, saberes e obrigações que um atleta profissional de futebol precisa tornar realidade diária para permanecer na carreira, como o aprimoramento constante de suas habilidades, o cuidado com a saúde por meio de alimentação balanceada, treinos físicos de força e velocidade específicos para a prática do futebol, entre outros relacionados ao corpo. Além disso, existem aspectos relacionados à mente como o aprender a lidar com pressão, a disciplina, a resiliência para conseguir pensar no próximo jogo, mesmo com o resultado anterior adverso e o desenvolvimento da visão de jogo. Todos esses pontos são citados pelas jogadoras entrevistadas como necessários e como meta de cada uma delas, mesmo durante períodos sem treino específico para campeonatos, o que as diferencia também da prática recreativa do futebol.

5.3 Observações e relatos de campo

Para esta subseção, trago algumas observações que o contato direto com o futebol de mulheres sergipano me permitiu. Em certos momentos, o campeonato de 2025 precisa ser citado, como distinção, mas também pelo maior acesso aos jogos, visto que foi transmitido pelo

Youtube. Além disso, a data permitiu minha presença *in loco* em alguns jogos, o que facilitou o acesso a muitos dos comentários das atletas. Ainda assim, boa parte do que será mencionado advém das próprias jogadoras, pois a sua voz é fundamental para interpretação de experiências ao longo de outros campeonatos.

Nesse sentido, um primeiro aspecto está associado ao sentimento que as atletas têm de dependência, seja dos dirigentes do clube, do diretor de competições da Federação Sergipana de Futebol ou mesmo de seu presidente. Um relato que chama atenção sobre isso é o de Rosana, pois na visão dela

Sergipe é oportunista e destruidor de sonhos. Eu vejo dessa forma. Aí você pode dizer ‘ah, você tá sendo exagerada’, não. Se você... Vou lhe dar só um campeonato. Participe do campeonato sergipano daqui e tenha amizade com as meninas de todos os clubes, pelo menos uma e comece a questionar, perguntar como é, você vai saber tudo e é uma sujeira (Entrevista com Rosana, 2025).

Entre as falas, houve um grande consenso sobre os pontos negativos do Campeonato de 2024. Sobre ele, as jogadoras teceram muitas críticas pela falta de organização e pelo atraso para o início da competição, que começou no final de novembro e terminou próximo ao Natal. A grande quantidade de desistências e ausências chamou a atenção, especialmente do Estanciano, que é um time tradicional no feminino e que não pôde participar em 2024 por problemas na inscrição de atletas. No entanto,

Foi o pior campeonato da Federação, que a Federação colocou pra gente. O pior, o mais feio, a medalha, não sei se você viu a medalha dos anos anteriores, a medalha dos anos anteriores, é muito diferente, a desse do ano passado, foi medalha de plástico, uma negação, você chegou a ver a medalha do ano passado? Deu pra perceber que era muito diferente dos anos anteriores, tinha o cordãozinho, e tinha a medalha mesmo. A do ano passado, foi medalha de plástico mesmo, campeonato de várzea. O pior campeonato sergipano foi aquele, foi um campeonato horrível, corrido, foi pouca equipe, foi um negócio feio, só que esse ano, acho que você já viu, como saiu esse ano, vai ser bem mais organizado, porque tem bem mais equipes, porque acho que se não fosse, não seria organizado não (Entrevista com Marta).

As datas da competição e o fato de as atletas não poderem jogar no meio de semana, levou às equipes uma sensação caótica junto à correria de fim de ano. Além disso, o formato foi de pontos corridos, em que se somam os pontos dos confrontos, sem uma partida que caracterize a final do Campeonato Sergipano Feminino. Na figura 9, a medalha mencionada por Marta demonstra o que ela afirma sobre o material de fabricação e a simplicidade da premiação do Campeonato.

Figura 9 – Medalhas do Campeonato Sergipano Feminino 2024



Fonte: Spínola (2024)¹⁹.

Ademais, a edição 2024 também foi pautada por conflitos entre dirigentes e atletas, demissão de treinador que defendia o time de mulheres, mudança de data e horário de jogos em cima da hora, entre outros problemas citados.

Por um lado, as condições dos gramados têm melhorado um pouco em 2025, especialmente com a inauguração do Centro de Desenvolvimento da CBF na Barra dos Coqueiros, tornando-se mais uma opção de campo para a realização dos jogos do Campeonato Sergipano Feminino, apesar das críticas em relação à grama não ser natural e à falta de iluminação para que os jogos aconteçam em horários com temperaturas mais amenas. As condições de vestiário são gritantes entre os times, devido a alguns estádios não terem sanitário nem boa iluminação no vestiário dos times mandante e visitante. Por outro lado, outros têm até ar-condicionado para tentar compensar o calor que as atletas enfrentam com jogos às 15h. No entanto, apesar dos empecilhos e das estruturas precárias, os Campeonatos Sergipanos acontecem e funcionam como seleção para a participação no Campeonato Brasileiro série A3.

A existência da Copa Serigy, que começou em momento anterior ao Campeonato de 2025, levantou os ânimos de muitas das entrevistadas, pois, pelo menos quatro delas participaram representando suas cidades. Uma em específico chamou a atenção em seu relato, uma vez que foi nessa competição que viveu sua memória mais marcante com o futebol, por esta ter permitido

¹⁹ Disponível em: <https://passedelas.com.br/fsf-define-datas-do-sergipano-sub-17-e-adulto-feminino/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

[...] poder jogar junto com as minhas duas irmãs e a minha mãe. Inclusive, recentemente, agora na Copa Serigy, que está rolando aqui em Sergipe, a gente foi para a final da etapa regional e foi campeão. Lá em Canindé. Nem nos melhores sonhos imaginei que o Sergipe pudesse oferecer uma competição nesse nível e desse essa oportunidade. Porque lá na minha cidade, no caso, o futebol não é nada valorizado. Não tem apoio da parte de ninguém. E aí, veio essa competição e deu a possibilidade de eu jogar junto com elas. Então, até agora, esse momento foi algo que me marcou muito (Entrevista com Yaya, 2025).

Falas como essa mostram que o investimento vale a pena, principalmente porque competições que envolvem todo o estado permitem incitar o interesse pela prática do esporte. Outro exemplo disso foi a equipe de São Domingos, cujo técnico também é responsável pelo time do Força Jovem no estado; ao levar muitas meninas para representar a cidade, elas tiveram a oportunidade de conversar com mulheres que praticam o futebol há mais tempo e que as incentivaram a não desistir. Muitas delas se vincularam ao time do Força Jovem para participar do próximo Campeonato Sergipano Feminino sub-17.

De modo geral, as atletas pensam muito no que poderia ter sido, ao seguir caminhos diferentes daqueles que vivem hoje. Isso impacta diretamente nos conselhos que passam para novas gerações, especialmente aquelas adolescentes que estão descobrindo sua paixão pelo esporte, para além de práticas recreativas, mas como interesse profissional.

Eu recebi a proposta de jogar no Santos. Já estava tudo pronto, passagem comprada, minha mãe adoeceu, começou a dar uns problemas, e aí não vai, não vai. Mas hoje eu agradeço, porque hoje eu não tenho nada por isso. Não saberia se daria certo, também não tive a oportunidade de tentar, não sabia se daria certo. Então eu tenho hoje, jogo bola hoje, jogo para o amor mesmo, para o esporte, mas tem alguém que está tirando a minha cara, que está falando uma coisa que eu abomino, não dá, é o que importa para mim, eu não quero perder o amor, o tempo que eu estou. [...] eu acho que se aproveitar de um sonho, comigo não rola mais, entendeu? Comigo não rola mais. Às vezes eu ainda tento orientar uma menina ou outra, mas é um sonho, ela vai ter que passar por aquilo para ver que não vale a pena. Entendeu? Quer fazer alguma pergunta? (Entrevista com Rosana, 2025).

Ao passo em que a família pode ter sido o motivo de Rosana não ter seguido a carreira em um time tradicional e com reconhecimento no futebol de mulheres, é também o principal público dessas atletas em seus jogos. Um acontecimento marcante durante a pesquisa de campo foi acompanhar os jogos do Brasileirão e da Copa do Brasil em que o Juventude de Estância participou em 2025. Ainda que o estádio estivesse em sua maior parte vazio, a presença de amigos, familiares e apoiadores da modalidade pareceu incentivar as jogadoras, especialmente em momentos com gritaria mais constante. Nesses momentos, tanto a torcida como as jogadoras utilizaram sua força total, cada uma em sua função no jogo.

A transmissão dos jogos no YouTube do time do Juventude, especialmente em sua participação do Campeonato Brasileiro série A3 e na Copa do Brasil em 2025²⁰, ajudou a quem não pôde estar presente a acompanhar e enviar mensagens de carinho. Esse segundo campeonato foi reativado em 2025 e, portanto, a estreia do Juventude também foi a reestreia da competição nacional. Diante da informação de pouca duração do calendário do futebol de mulheres sergipano, a frequência de jogos do Juventude de Estância em 2025 foi uma exceção. Para o Campeonato Brasileiro A3, a classificação aconteceu com a conquista do Campeonato Sergipano Feminino 2024; para a participação na Copa do Brasil, o critério foi participar do Brasileirão A3 e vencer a fase preliminar do torneio, fase essa que ocorreu apenas com o confronto Juventude-SE x Paraíso-RO²¹. O Juventude conseguiu participar da fase preliminar e das duas primeiras etapas da competição, sendo eliminado pelo Fortaleza Esporte Clube (FEC).

Outro time que participou de mais campeonatos que os outros times sergipanos em 2025 foi o Confiança, escolhido para representar Sergipe na Copa Maria Bonita, organizada em Pernambuco e transmitida para todo o país na TV aberta e no Youtube em 2025. Apesar de ter perdido os dois jogos que disputou, as jogadoras pareceram bastante felizes em ter essa experiência de um campeonato de maior alcance, tanto em relação aos times que participaram quanto ao público que assistiu de casa os confrontos.

²⁰ O jogo de estreia chegou a mais de 500 pessoas assistindo simultaneamente, acompanhamento próprio.

²¹ 47º colocado no ranking da CBF e sem participar das séries do Campeonato Brasileiro, provocou reclamações quanto ao descumprimento do regulamento. Para contar com a participação de todos os estados brasileiros, a CBF criou uma fase preliminar extraoficial e escolheu o Juventude de Sergipe, de um estado que não estava entre os últimos do Ranking Nacional das Federações, para participar dessa fase. Segundo o Arquivancada Feminina (2025), as federações do Espírito Santo, Acre, Tocantins, Roraima, Rondônia, Mato Grosso do Sul e Amapá são, nessa ordem, os últimos colocados do ranking mencionado. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJM-GCbs43U/>. Acesso em: 21 maio 2025.

Figura 10 – Participação do Confiança na Copa Maria Bonita



Fonte: Buzato (2025)²².

Ainda sobre as transmissões em 2025, a FSF permitiu que o canal Passe Delas transmitisse o Campeonato Sergipano Feminino. No Youtube, a equipe demonstrou que o público quer assistir aos jogos, só não teve oportunidade em outras edições. Um exemplo disso foi a final da competição contar com a audiência de mais de mil pessoas simultaneamente.

Diante da intersecção entre a socialização no ambiente esportivo e as etapas da carreira das jogadoras de futebol, nota-se como essas vivências são atravessadas pela dualidade objetiva e subjetiva da própria carreira. Sob a perspectiva de Hughes, a dimensão subjetiva é marcada pela socialização e pelos atributos essenciais adquiridos por meio dela. Um momento decisivo de ruptura nesse âmbito ocorre quando o sonho de se tornar jogadora se confronta com a necessidade de exercer outra profissão em paralelo.

Todas compartilham o sonho de ser jogadoras desde pequenas, assim que conheceram a existência da profissão e do seu interesse por ela. No entanto, em certo momento, a realidade confronta esse sonho e implica a necessidade de assumir uma racionalidade quanto ao futuro, diante da forma como o campo do futebol de mulheres é posto a sua frente. Tamires e Cristiane passaram por esse processo e admitem a busca pela priorização do estudo e do trabalho como uma forma de amadurecimento, uma vez que precisavam de algo que “dá futuro pra mim hoje” (Entrevista com Cristiane, 2025).

Marta, por sua vez, desistiu do seu sonho quando experienciou um ambiente relativamente mais propício, mas que lhe trouxe muita insegurança. Ainda assim, o clube que deu a oportunidade não é reconhecido nacionalmente como uma equipe profissional no futebol

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DPfQDGDDJzZ/?igsh=MWk2M2UwbmRjeWR3bQ==> Acesso em: 16 dez. 2025.

de mulheres. O relativamente só é mais positivo que a realidade experimentada em Sergipe no início do seu contato com campeonatos: times montados e desmontados a cada competição.

Ainda que sejam consideradas amadoras, inclusive pela própria Federação Sergipana de Futebol, como o contato com o diretor de competições revelou, são exigidas a mesma dedicação e incorporação de valores que o futebol profissional. A ideia de que os sacrifícios como jogar machucada, como Tamires afirmou ter feito, sem descanso e entre outros tipos comentados pelas jogadoras, demonstra uma internalização de persistência e força de vontade para chegar ao alto nível, mesmo que em um contexto de não-reconhecimento do seu trabalho.

Sob esse aspecto, a parte objetiva pode ser entendida a partir da atribuição, pela FSF e pelos próprios clubes na figura de seus representantes, de uma identidade amadora e não profissional das atletas. Esses atores, à medida que atribuem essa identidade, são potencializadores dela, uma vez que a criação de campeonatos e a organização é de responsabilidade da Federação e a instituição de vínculo empregatício, salário ou qualquer ajuda de custo é parte do arcabouço dos clubes. Tudo isso se reforça nas falas e na descrença explícita que os presidentes dos clubes têm para com as atletas, tanto é que Roseli mencionou ter escutado do presidente de um clube que tinha que fazer só “por fazer” e só para “ganhar pontos na CBF” (Entrevista com Roseli, 2025).

Por outro lado, as jogadoras se mantêm na luta por jogar futebol e se orgulham de não desistir, de tentar novamente e de ajudar meninas mais jovens que estão passando por essa situação. É fato que muitas passaram por dificuldades, mas a paixão que têm pelo futebol não as deixou abandoná-lo, ainda que sejam taxadas de amadoras.

Então... eu tenho hoje, jogo bola hoje, jogo para o amor mesmo, para o esporte, mas tem alguém que está tirando a minha cara, que está falando uma coisa que eu abomino, não dá, é o que importa para mim, eu não quero perder o amor, o tempo que eu estou. [...] eu acho que se aproveitar de um sonho, comigo não rola mais, entendeu? Comigo não rola mais. Às vezes eu ainda tento orientar uma menina ou outra, mas é um sonho, ela vai ter que passar por aquilo para ver que não vale a pena (Entrevista com Rosana, 2025).

Em outras palavras, é possível enxergar o futebol de mulheres em Sergipe como uma forma de socialização paradoxal, onde a mentalidade e os valores da profissão são incorporados, mas o *status* profissional é sistematicamente negado. Notadamente, essa negação do *status* advém da falta de um calendário preenchido anualmente, da ausência de remuneração para todas as atletas e da alta dependência de pessoas específicas para que a categoria exista. Assim como foi com as Feministas do Bugio na década de 1980, é preciso que uma pessoa esteja à frente e interessada em organizar o time, portanto, é também possível afirmar que boa parte do

futebol de mulheres sergipano tem um caráter personalíssimo. Essa perspectiva é um sintoma da ausência de institucionalização e de políticas estruturais que garantam condições mínimas de continuidade. Além disso, demonstra um desafio relevante no processo de permanência dessas mulheres enquanto jogadoras, principalmente porque o contexto em que elas estão inseridas influencia diretamente nas oportunidades tanto dessa permanência como de desistência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, ao investigar como uma mulher se torna jogadora de futebol por meio dos processos de inserção e de permanência no ofício, buscou também promover uma contribuição para a Sociologia das Profissões e para a área de estudos sobre o futebol de mulheres, que vem crescendo ao longo dos últimos anos. Diante da particularidade do tema, alguns percalços foram encontrados no caminho, como desestímulo por parte de pessoas relacionadas ao futebol, imprevistos por mudança de datas do campeonato, demora de resposta de alguns dirigentes e das jogadoras. Ainda assim, aquelas que foram solícitas em participar puderam contribuir para que esta pesquisa alcançasse seus objetivos, especialmente levando em conta o contexto histórico e social em que elas viveram cada fase apresentada, inclusive de modo distinto em alguns momentos.

Em parte, o alcance às jogadoras foi possível graças às redes sociais, mas a não resposta da maioria das contactadas pode ter diversos motivos, seja relacionado à disponibilidade, ao desconhecimento sobre o processo de pesquisa e sobre a pesquisadora, ou mesmo à falta de vontade. Para evitar ainda mais dificuldades na análise, a representatividade de ao menos uma atleta por clube participante foi um dos primeiros critérios para esta pesquisa, mesmo que algumas entrevistas tenham acontecido mais tardiamente que outras.

À primeira vista, os desconfortos presenciados como um certo embate entre jogadoras e dirigentes pareceram apenas uma disputa sutil de versões sobre os mesmos acontecimentos, mas com um pouco mais de aprofundamento é possível perceber o desmanche que uma opinião contrária dos representantes do clube pode causar. É por isso que analisar a conjuntura sergipana permite não apenas conhecer a realidade local, mas também entender que alguns dos processos que ocorrem no estado estão presentes em outros lugares, a exemplo do impacto dos conflitos, da importância das decisões e da influência de outros atores para a inserção e permanência de cada atleta no ofício.

As dinâmicas internas de solidariedade entre atletas, veteranas e novatas são ambivalentes: ao mesmo tempo em que constituem uma estratégia de resistência coletiva, diminuindo evasão causada por conflitos, também funciona como mecanismo informal de compensação, pois a ajuda mútua pode fazer com que elas atendam necessidades que deveriam ser supridas pelos clubes ou mesmo pela FSF.

Apesar de não estabelecer uma comparação direta com outras regiões no que se refere às trajetórias e à socialização profissional das atletas, o recorte geográfico de Sergipe impacta diretamente no leque de oportunidades, pois estas são bastante divergentes da região Sudeste,

onde o futebol de mulheres está crescendo progressivamente. No entanto, em todo o país ainda é necessário construir estruturas e melhorias para a categoria. As quase quatro décadas de proibição, que impediram mulheres de praticar certos esportes em troca de sua liberdade e da ausência de punição, são refletidas nas dificuldades por estrutura adequada, garantias, direitos e melhorias nos benefícios até hoje. Essa é a situação de todo o Brasil, uns estados com menos e outros com mais problemas, mas o tardio desenvolvimento ainda tende a manter interferências.

Por meio de alguns conceitos, como de carreira (Becker, 2014), foi possível unir as dimensões objetiva e subjetiva para o entendimento de inserção e de permanência do ofício estudado. O pouco suporte institucional, as grandes obrigações durante a competição, o curto e apressado campeonato, a frequência de treinos intensiva nos poucos dias que antecedem os jogos – mas que raramente conta com todas as atletas –, o regime de trabalho de jogadoras com dupla jornada, entre outros, são indicadores objetivos que puderam ser observados durante a análise. Já da parte subjetiva, a conexão entre veteranas e novatas, titulares e reservas, jogadoras e comissão técnica, além da percepção individual sobre isso tudo pautaram a interpretação sobre a socialização profissional no universo de futebol de mulheres pesquisado.

Diante disso, as dimensões analisadas, isto é, as condições sociais para atuação no futebol de mulheres, as trajetórias e a socialização profissional foram escolhidas com base na junção de elementos que compõem um ofício. Para tanto, a apresentação do aspecto teórico-metodológico utilizado foi fundamental para demonstrar como o debate da Sociologia das Profissões e os indicadores da Sociologia do Esporte, que conversaram com toda a dissertação, partem da diferenciação entre as lentes e a aproximação de autores, mas que podem convergir em um ponto importante para esta pesquisa: não separar o conceito daquilo que faz parte do conjunto de atividades do cotidiano da profissão. Assim, o contato com comunidades profissionais e com o saber do ofício leva ao aperfeiçoamento de habilidades, algo que faz parte da reivindicação do monopólio dos grupos profissionais.

A utilização do “truque” de Becker (2015) permitiu acessar a profissão de atleta de futebol, pois é um ofício cujo título acadêmico não é o principal definidor de atuação. Com isso, foi possível explorar características da profissão a partir das suas próprias especificidades. No Brasil, uma dessas características, em boa parte das profissões, é a importância da política, pela necessidade de passar por um processo de regulamentação diante de legislação nacional, nomeando a profissão e criando definições como a de atleta profissional de futebol, que surgiu em 1933.

Nesse sentido, a profissão de jogador e jogadora é uma daquelas legitimadas pelo Estado e reconhecidas socialmente, mas que não possui formação em ensino superior que garanta um diploma enquanto credencial para atuação. É necessário, então, entender a estrutura do futebol de mulheres a partir dos critérios de entrada e das condições de exercício dessa profissão.

A partir dos critérios de Williams (2011), o futebol em Sergipe possui alguns suaves traços do mesoprofissionalismo, pois há participação dos clubes em campeonatos nacionais, a partir do resultado do estadual; há migração de atletas para clubes de estados vizinhos e mais distantes; além de um caso particular de migração para outro país. Como complemento a indicadores, em 2025, alguns times forneceram pagamentos e auxílio financeiro para as atletas que fizeram parte da sua equipe para disputar a competição, mudança impactada pelo aumento significativo na premiação do Campeonato Sergipano Feminino. No entanto, o calendário reduzido ainda se mostra um grande empecilho para a continuidade do futebol de mulheres sergipano. Diante disso, pode-se dizer que as jogadoras de futebol em Sergipe não alcançam o *status* pleno de profissionais porque não conseguem consolidar autonomia e expertise como bases legítimas. A necessidade de pessoas específicas influenciarem diretamente as ações no campo do futebol de mulheres, e não a burocracia como a responsável pelos campeonatos e participação dos times, mostra-se como obstáculo à profissionalização, mantendo o campo em uma lógica de dependência e vulnerabilidade. Esse é um indicador empírico da ausência de institucionalização burocrática

As mudanças, as viradas biográficas e suas reorientações condicionam caminhos diferentes nas carreiras de modo geral. É por isso que os capitais adquiridos e investidos, os percursos e as trajetórias são relevantes, em detrimento da exclusiva linearidade da história. Um exemplo marcante dessas reconversões é o de Rosana ter dado um passo para trás ao negar uma oportunidade em clube de elite, o Santos Futebol Clube, para cuidar da mãe, mudando completamente o rumo de sua vida profissional no futebol. Essa decisão também marcou sua própria visão e maneira de viver a socialização profissional em Sergipe, dando conselhos firmes para as mais novas.

Ao tratar da parte socio-histórica do futebol de mulheres no Brasil, foi possível identificar um ambiente propício à criação de clubes esportivos, inclusive para mulheres como foi o caso do Club Sportivo Feminino em Sergipe. A existência de um Club só para elas permitia não só a presença pública das mulheres, como também dava um passo à frente a caminho da conquista de outros direitos sociais femininos. Importa dizer que, ainda que seja excepcional um clube nesses formatos, continuava sendo necessário um capital econômico e um *status* social que boa parte da população não tinha. Em outras palavras, um grupo restrito de mulheres

teve esse acesso e viu como ponto positivo o incentivo à presença delas nos espaços esportivos, mesmo que precisasse aceitar a justificativa de embelezar e tornar o ambiente familiar para isso.

Por muito tempo, os homens sergipanos incentivaram esportes considerados elegantes e moderados para que as mulheres do estado não se submetessem à modalidade que estava alcançando adeptas ao redor do país: o futebol. Eles, ao passo que jogavam o esporte bretão, achavam exagerado e competitivo demais para as “damas de família” que os acompanhavam nos dias de competições. Não obstante esse desconforto masculino com algumas modalidades, é possível dizer que as festas esportivas deram, para as mulheres no início do século XX, a oportunidade de contato com os esportes, primeiro como torcedoras e, posteriormente, praticando-os.

Anos mais tarde, o desconforto virou a materialização da associação entre o autoritarismo político (Franzini, 2005), que fazia do corpo um assunto de Estado. A proibição, em 1941, demonstrou que a apropriação do espaço público e a autonomia conquistada por meio da prática esportiva ameaçou as relações de poder, pois nem mesmo as ideias de que as modalidades auxiliavam na construção de disciplina e outros aspectos importantes no regime estadonovista foram suficientes para convencer o presidente Getúlio Vargas. Até mesmo a escolha dos esportes permitidos e proibidos demonstram a priorização de modalidades praticadas por elites e, ao mesmo tempo, reforçam a docilização da mulher.

Com o tempo, a fragilidade na articulação entre instituições responsáveis por fiscalizar a aplicação da proibição foi fundamental para a continuação da prática desses esportes por parte das mulheres. Da utilização do dinheiro para reformar igrejas ao futsal, do futebol de areia ao “futebol depois da louça lavada”, elas arranjam diversas alternativas para continuar jogando até a extinção da proibição em 1979.

Em dias mais atuais, Sergipe ainda não trata a principal competição estadual como profissional e não há confecção de borderô, isto é, mensuração de renda e público. No entanto, a realização do Campeonato Sergipano Feminino anualmente demonstra a importância do efeito cascata das regulações internacionais, nacionais e os reflexos delas nas estaduais. Por conta disso, o estado colhe frutos do contexto nacional, uma vez que a institucionalização provoca impactos nas federações e clubes ao redor do país.

Ao tratar sobre as trajetórias das jogadoras, foi possível encontrar dados que refletem um baixo capital cultural por parte dos pais que, por sua vez, incentivam as filhas a continuar estudando. Nesse sentido, a maioria das atletas tornou-se a primeira da família a ingressar o ensino superior, mesmo entre aquelas que têm irmãos mais velhos, demonstrando uma evolução no capital cultural, mas que não necessariamente implica melhoria ou acesso diretamente à

carreira. Ademais, o baixo capital econômico geralmente associado ao futebol também se mostrou uma realidade no estado e da categoria. De forma geral, esse baixo capital pode indicar mecanismos de exclusão em diversos casos, porém, no futebol de mulheres sergipano, a exclusão associada aos baixos capitais está ligada à baixa iniciação no esporte, pois existem dificuldades em acessar atividades nesse sentido. Quando a iniciação ocorre, o baixo capital se inclina à evasão, levando potenciais jogadoras a outros caminhos profissionais, principalmente em busca de retorno financeiro.

No campo apresentado, as atletas vêm de famílias com baixo capital econômico, o que limita acesso à infraestrutura, equipamentos, alimentação adequada e tempo para treinar. Aqui, o futebol de mulheres não funciona como alternativa de ascensão, já que os ganhos financeiros são baixos e instáveis, então apenas mantém a posição socioeconômica a que as jogadoras estão inseridas. Ao contrário de abrir portas, a vivência do futebol em Sergipe oferece trajetórias marcadas por ausência de direitos trabalhistas e falta de reconhecimento.

O contato com o futebol, em sua maioria a partir da rua, iniciou um processo que foi percebido ao longo da dissertação como três estágios da carreira dessas atletas. A iniciação, pautada nos primeiros contatos com as regras, jargões, posições de jogadores e outros conhecimentos básicos do esporte; seguida do acesso à participação nos Campeonatos Sergipanos Feminino, para além de competições lúdicas; e, por fim, o último estágio antes de largar as chuteiras, sendo caracterizado a partir da estabilidade em algum clube, normalmente ocasionada pela identificação da atleta e pela mútua colaboração entre dirigentes, técnicos e a jogadora, diminuindo o fluxo de migração para outro time de um Campeonato para o outro.

Nota-se que, mesmo havendo identificação, o destaque de alguma atleta na edição anterior faz com que a sua migração ocorra de forma momentânea, isto é, apenas para competir nacionalmente; no entanto, finda a participação no Brasileirão A3 e/ou Copa do Brasil, a atleta volta ao clube que a caracteriza como terceiro estágio da carreira. Nessas situações, o interesse em participar de competições nacionais, o ímpeto competitivo em continuar no esporte e a experiência de um calendário com mais jogos durante o ano faz com que as jogadoras estabeleçam esses acordos, mas principalmente mostra o interesse de permanecer na carreira de atleta.

Ao longo da dissertação, muitas discussões levaram à interpretação de que a profissão de jogadora de futebol é percebida socialmente como uma carreira desviante, ou seja, fora dos padrões tradicionais de reconhecimento profissional. Isso se dá sob diversos aspectos, como por não exigir uma credencial acadêmica, pela precarização e instabilidade, pelo estigma que atravessa a vivência das jogadoras e pela necessidade constante de criar estratégias de

sobrevivência e de autoafirmação enquanto atletas. Para autores como Hughes e Dubar, o reconhecimento social é um pilar para as profissões, o que coloca Sergipe em uma posição não de profissionalização, mas de uma performance de profissionalismo no futebol de mulheres. Essa percepção está atrelada também à ausência de um processo linear de profissionalização, em que há o constante adiamento estrutural e a constante negação de reconhecimento enquanto jogadoras profissionais. Apesar disso, a realidade das sergipanas tem mudado. A geração que se encontra atualmente em categorias de base possui condições financeiras e oportunidades melhores, o que permitiu que frequentassem escolinhas e, em alguns casos, também pudessem se mudar para outros estados em busca desse sonho²³.

Com as experiências contadas por meio de entrevista, as atletas puderam revelar como o cotidiano delas é permeado por trocas de conhecimento, pois é na interação com colegas e técnicos que se potencializam e atualizam habilidades práticas para consolidar a carreira. A cultura profissional é construída, portanto, nas competições, nos bastidores, nos treinos e nas interações informais. Assim, a socialização se mostra um eixo central da profissionalização das jogadoras porque é nesse convívio que elas aprendem, transmitem saberes e constroem uma identidade coletiva própria, sustentada pela luta diária em manter o futebol de mulheres sergipano vivo.

²³ Três jogadoras sergipanas foram convocadas para a Seleção Brasileira feminina categoria sub-15 em 2026, a convocação é oficialmente a primeira vez que sergipanas representam a amarelinha.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Andrew. **The System of Profession**. The University of Chicago Press. 1988.

ACCOCELLA, Luã Rebollo; SILVA, Luis Felipe Nogueira; MARTINS, Mariana Zuaneti; GALATTI, Larissa Rafaela. Da proibição à ascensão (onde?): mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes de futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 01-17, 2023.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919 – 1926)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2017.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2018.

ALMEIDA, Caroline Soares de; PISANI, Mariane. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. **labrys, études féministes/estudos feministas**. jul/dez. 2015.

ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. *In*: MIRANDA, Danilo Santos de; ALONSO, Angela; GHEZZI, Daniela Ribas; SANTOS JÚNIOR, Jaime; LIMA, Márcia; ALMEIDA, Ronaldo de. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc/CEBRAP, 2016.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. A Sociologia das Profissões: Em Torno da Legitimidade de um Objeto. **BIB**. Rio de Janeiro, n. 36, 1993. pp. 3-30.

BARLEM, Cíntia. O que a Fifa pretende com a estratégia global lançada para o futebol feminino. **Globo Esporte**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/10/09/o-que-a-fifa-pretende-com-a-estrategia-global-lancada-para-o-futebol-feminino-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 25 set. 2024.

BATISTA, Victor Hugo Gonçalves. O futebol de mulheres em Niterói durante a proibição. **Caminhos da História**. v. 29, n.1, jan./jun. 2024.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BECKER, Howard Saul. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BONELLI, Maria da Glória; DONATONI, Silvana. **Os Estudos sobre Profissões nas Ciências Sociais Brasileiras**. BIB, Rio de Janeiro, n. 41, 1,º semestre de 1996.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), Centro de

Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, CPDOC, Rio de Janeiro, 2019.

BOMFIM, Fagner dos Santos. **Os vereadores e o ofício da política em Riachuelo**: recursos sociais, redes de relações e dominação. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, 2019.

BOMFIM, Fagner dos Santos; PETRARCA, Fernanda Rios. Consolidação e institucionalização da medicina em Sergipe: a trajetória profissional do médico Augusto César Leite. **Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação**, v. 2, 2016.

BOURDIEU, Pierre. “Programa para uma Sociologia do Esporte”. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm#:~:text=exclusivamente%20de%20amadores.-,Art.,%C3%A0s%20entidades%20desportivas%20do%20pa%C3%ADs. Acesso em: 14 out. 2023.

BRACHT, Valter. A Gênese do Esporte Moderno. In: BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199**, 14 abr. 1941. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm#:~:text=exclusivamente%20de%20amadores.-,Art.,%C3%A0s%20entidades%20desportivas%20do%20pa%C3%ADs. Acesso em: 14 out. 2023.

BRASIL. **Deliberação CND n. 01/83** dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol feminino. Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 11 de abril de 1983.

BRASIL. **Lei nº 8.672**. 06 jul. 1993. Brasília, DF: Presidência da República, 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.615**. 24 mar. 1998. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 11.458**. 30 mar. 2023. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11458.htm, Acesso em: 23 out. 2023.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; SOUZA, Juliano de; GARCIA, Rui Proença. Para uma teoria do capital esportivo: conversações com Bourdieu e Lahire. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e253013, 2022.

CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. **As pioneiras do Pacaembu: 80 anos da estreia do futebol feminino no Estádio Municipal**. Museu do Futebol. Medium. 15 maio 2020. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/as-pioneiras-do-pacaembu-80-anos-da-estreia-do-futebol-feminino-no-est%C3%A1dio-municipal-a61f6b9351b2>. Acesso em: 19 set. 2024.

CENTRO ESPORTIVO VIRTUAL. **Deliberação N° 7 – CND**. 2024. Biblioteca. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 20 set. 2024.

COSTA, Leda Maria da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.13, 2017, p. 493-507.

COSTA, Martina Gonçalves Burch; FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. In: GUILHERME, Willian Douglas (org.). **A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas**. Ponta Grossa/PR: Editora Atena, 2019.

CRUZ, Karina Garcia Santos; PETRARCA, Fernanda Rios; SEIDL, Ernesto. Radar e Espelho das Elites: caminhos para o colonismo social. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, vol. 27, núm. 2, pp. 140-165, 2020.

DELARMELINA, Gabriela Borel. **A profissionalização da carreira esportiva no futebol de mulheres no brasil**: trajetórias das atletas de elite. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

DIRIGENTES da CBF assistirão torneio de Futebol Feminino promovido pela FSF. **Infotec**, 25 jan. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/esporte/dirigentes-da-cbf-assistirao-torneio-de-futebol-feminino-promovido-pela-fsf/>. Acesso em 08 jan. 2025.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, v.19, n. 62, 1998.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2 ed. 2020.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. Tradução Fernanda Machado. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n.146, maio/ago., 2012, p. 351-367.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Editora DIFEL, 1992.

EMMERICH, Nathan. **Medical Ethics Education**: An Interdisciplinary and Social Theoretical Perspective. Belfast: Springer, 2013.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue française de science politique**, vol. 51, n° 1-2, fev-abr. 2001, p. 199-217.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328. 2005.

FREIDSON, Elliot. Para uma análise comparada das profissões. A institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 11, n. 31, 1996. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/60%20-%20FREIDSON%20E%20%20Para%20uma%20analise%20comparada%20das%20profissoes_1996.pdf. Acesso em: 28 maio 2024.

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do Profissionalismo**. São Paulo, Edusp, 1998.

FREIDSON, Eliot. **La Teoria de Las Profesion Estado Del Arte**. Perfíles educativos. Universidad Nacional Autónoma de México, v. 23, n. 93, 2001.

GASTALDO, Édison, DUNNING, Eric. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008.

GIMENES, Cíntia Martins. Década das Mulheres na ONU e as perspectivas feministas do Sul Global. **RICRI**, v. 11, n. 22, 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 4 ed. 1981.

GUEDES, Simoni Lahud. **Prefácio**. In: KESSLER, Cláudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. As mulheres no universo do futebol brasileiro. Santa Maria: Editora da UFSM, 2020.

HAAG, Fernanda Ribeiro. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, vol. 9, n. 14, 2018.

HAAG, Fernanda. “O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo”: as mobilizações do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira (1977-1983). **FuLiA/UFGM**, v. 8, n. 2, maio-ago., 2023a.

HAAG, Fernanda. **“O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo”**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). Tese (Doutorado em História

Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 2023b.

HUGHES, Everett Cherrington. **Men and their work**. London: Collier-Macmillan Limited, 1958.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria. Gênero, mídia e futebol: a cobertura midiática genderificada no Brasil. *In*: LIMA, C. A. R.; BRAINER, L.; JANUÁRIO, S. B. **Elas e o futebol**. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

JORGE, Thaís. **CBF quer obrigatoriedade de time feminino em clubes das quatro séries do futebol brasileiro**. GE GLOBO, 08 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/02/08/presidente-da-cbf-quer-times-femininos-para-clubes-das-serie-b-c-e-d-do-brasileiro-ate-2027.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2023.

KARPIK, Lucien. Les Professions et la Sociologie Historique. *In*: MENDER, Pierre Michel (dir.). **Les Professions et Leurs Sociologies**. Editions de la Maison des Sciences de L'homme. Paris, 2003. p. 70-91.

LARSON, Magali Sarfatti. **The Rise of Professionalism**. Berkeley, University of California Press, 1977.

LIMA, Arthur Ives Nunes da Mota; PETRARCA, Fernanda Rios. Modalidades de recrutamento e consagração na elite médica sergipana no século XIX: uma análise prosopográfica. **Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação**, v. 2, 2016.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela Borel; SOUZA, Letícia de Carvalho. Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil. **FuLiA/UFGM**, v. 8, n. 3, set.-dez., 2023.

MEDRADO, Thomas Hudson. **O voo do dragão: futebol profissional, elites sergipanas e a Associação Desportiva Confiança**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFS, São Cristóvão, 2020.

MICELI, Sergio. Introdução: A Força do Sentido. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

MONTEIRO, José Marciano. **10 Lições sobre Bourdieu**. Petrópolis: Editora Vozes, 2024.

MORAES, Enny Vieira; PISANI, Mariane; KESSLER, Claudia Samuel. Resistência, interseccionalidade e fontes documentais jornalísticas: preenchendo lacunas no futebol de mulheres. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 70, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8678985>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MUSEU DO FUTEBOL. Exposição Visibilidade para o futebol feminino. **Google Arts & Culture**, 2015. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/7wWxL29yfLwzIQ?hl=pt-BR>. Acesso em: 06 set. 2024.

NICOLINO, Aline da Silva; OLIVEIRA, Valléria Araújo de; ROSA, Milena Louise Rodrigues. Futebol de mulheres! É preciso entrar em campo, driblar as desigualdades e golear opressões. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 28, e17246, p. 1-16, 2024.

PETRARCA, Fernanda Rios. **O Jornalismo como Profissão**: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

PETRARCA, Fernanda Rios. Pesquisando grupos profissionais: dilemas clássicos e contribuições recentes. *In*: CODATO, Adriano; PERISSINOTO, Renato M. (Org.). **Como estudar elites**. 1 ed. Curitiba: UFPR, v. 303, 2015, p. 151-184.

PETRARCA, Fernanda Rios. Carreira profissional e ativismo social: as lógicas do engajamento na defesa de causas. **Estud. sociol.** Araraquara v. 21, n.40, jan.-jun. 2016.

PETRARCA, Fernanda Rios. De Coronéis a Bacharéis: reestruturação das elites e medicina em Sergipe (1840-1900). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, nº 74, 2017.

PETRARCA, Fernanda Rios. Entre jalecos, bisturis e a arte de fazer política. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 26, p. 573-591, 2019.

PETRARCA, Fernanda Rios; NEVES, Clarissa Eckert Baeta. “Direitos Humanos se conquistam na luta”: igualdade racial, ativismo jurídico e defesa de causas coletivas no Rio Grande do Sul. **Revista Sociedade e Estado**. vol 26 nº 1 jan-abr, 2011.

PISANI, Mariane. **Sou feita de chuva, sol e barro**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Tese), Universidade de São Paulo, 2018.

RAILEANU, Nathan. Um quarto das jogadoras de futebol feminino ainda mantém um segundo trabalho além do esporte, afirma estudo da FIFPro. **Surto Olímpico**, 18 jun. 2024. Disponível em: <https://www.surtoolimpico.com.br/2024/06/um-quarto-das-jogadoras-de-futebol.html>. Acesso em: 19 jun. 2024.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Editora Autores Associados, 2006.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de Mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, v.9, n.14, 2018.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). **Tempo**, Niterói, vol. 29 n. 2 maio/ago. 2023.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A sociologia do trabalho e a sociologia do futebol: uma análise da flexibilização das relações de trabalho no futebol brasileiro (2001-2003). **Sociedade e Cultura**, v. 6, n. 1, jan./jun. 2003, p. 85-97.

SANTOS, Anderson. **O “eixo Rio-São Paulo” e a desigualdade do futebol brasileiro**. Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, 2022. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/o-eixo-rio-sao-paulo-e-a-desigualdade-do-futebol-brasileiro-2/>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SANTOS, Pâmella Synthia Santana. **O ofício de cabo eleitoral: entre campanhas, comícios e o dia a dia da política**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFS, São Cristóvão, 2016.

SANTOS, Sandrielly Lavínia Andrade. **Da linha de partida ao salto para o mundo: a projeção internacional de Sergipe por meio do esporte**. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais). Departamento de Relações Internacionais. Universidade Federal de Sergipe, UFS, 2023.

SPÍNOLA, Fernanda. **Futebol feminino sergipano recebe Investimento estadual para 2025**. Passe Delas, 09 jan. 2025. Disponível em: <https://passedelas.com.br/futebol-feminino-sergipano-recebe-investimento-estadual-para-2025/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

SERGIPE terá representante na Copa Brasil de Futebol Feminino. **Infonet**, 03 out. 2007. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/esporte/sergipe-tera-representante-na-copa-brasil-de-futebol-feminino/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

SERGIPE. **Esporte será fortalecido e planejado como política pública transversal para melhoria da qualidade de vida dos sergipanos**. 02 fev. 2023. Disponível em: https://www.se.gov.br/seel/noticia/esporte_sera_fortalecido_e_planejado_como_politica_publica_transversal_para_melhoria_da_qualidade_de_vida_dos_sergipanos. Acesso em: 22 out. 2023.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História Social, USP, São Paulo, 2015.

SILVA, Joana Caroline Corrêa da; CAPRARO, André Mendes. O desporto inadequado à natureza feminina: prelúdios do futebol feminino no Paraná (1934–1951). **Movimento**, v. 28, e28007, 2022.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo da mulher como campo de batalha: futebol e estupro. Bate-pronto, **INCTFUTEBOL**, Florianópolis, v.1, n.12, 2024.

SOUZA, Camile Vitória Araújo de. **Realidade do futebol feminino a partir do Campeonato Sergipano de 2024**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Educação Física). Departamento de Educação Física, UFS, São Cristóvão, 2025.

SOUZA, Felipe Trindade de. **O Cangaço como ofício: uma análise da cultura profissional e da carreira no bando de Lampião**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFS, São Cristóvão, 2020.

SOUZA, Felipe Trindade de. Profissionais do Cangaço: Uma Análise da Cultura Profissional no Bando de Lampião. *In*: PETRARCA, Fernanda Rios; OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. (org.) **Dinâmicas de poder e práticas políticas**. 1ed. Aracaju: Criação Editora, 2021.

SOUZA, Glauco José Costa. **A importância da História Regional para os estudos sobre esportes no Brasil**. Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, 2024. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/a-importancia-da-historia-regional-para-os-estudos-sobre-esportes-no-brasil/>. Acesso em 08 jul. 2024.

STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel da. A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, maio/ago., 2004.

WESTIN, Ricardo. **Futebol feminino já foi proibido no Brasil**, e CPI pediu legalização. Agência Senado, ed. 103, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao>. Acesso em: 20 out. 2024.

WILLIAMS, Jean. **Women’s football, Europe and professionalization 1971-2011**: Global gendered labor markets. Leicester: De Montfort University, 2011.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou realizando uma Dissertação intitulada “Entre Sonhos e Desafios: A profissionalização de jogadoras de futebol em Sergipe” e gostaria de contar com a sua participação. O objetivo desta é analisar os modos de inserção e ascensão profissional das jogadoras de futebol e o roteiro da entrevista foi feito com o intuito de atender a critérios de análise da Sociologia das Profissões.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e assinar no espaço abaixo. A assinatura pode ser feita digitalmente via Gov.br. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, dentre outras informações.

Caso aceite participar desta pesquisa gostaríamos que soubesse que:

TODA E QUALQUER INFORMAÇÃO TERÁ CARÁTER ESTRITAMENTE CIENTÍFICO E ACADÊMICO, POIS FORMARÁ PARTE INTEGRANTE DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. ALÉM DE CONTAR COM VOSSA PARTICIPAÇÃO, JOGADORAS TAMBÉM FARÃO PARTE DA COLETA DE DADOS. PARA QUE NÃO SEJAM IDENTIFICADAS, OS NOMES SERÃO SUBSTITUÍDOS POR FICTÍCIOS.

Ao assinar o TCLE, você concorda com a gravação da entrevista apenas para fins de análise, sem que o áudio seja divulgado publicamente. Além disso, você está ciente e autoriza participação na pesquisa intitulada “Entre Sonhos e Desafios: A profissionalização de jogadoras de futebol em Sergipe” a ser realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFS) para fins acadêmicos. Declara ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concorda que sua desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que ocorra quaisquer prejuízos físicos e/ou mentais. Declara ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que foi devidamente esclarecida quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

PROFESSORA DRA. FERNANDA RIOS PETRARCA (ORIENTADORA)
SANDRIELLY LAVÍNIA ANDRADE SANTOS (DISCENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO)
Qualquer dúvida, entrar em contato via e-mail: sannlavinia@gmail.com

Assinatura
